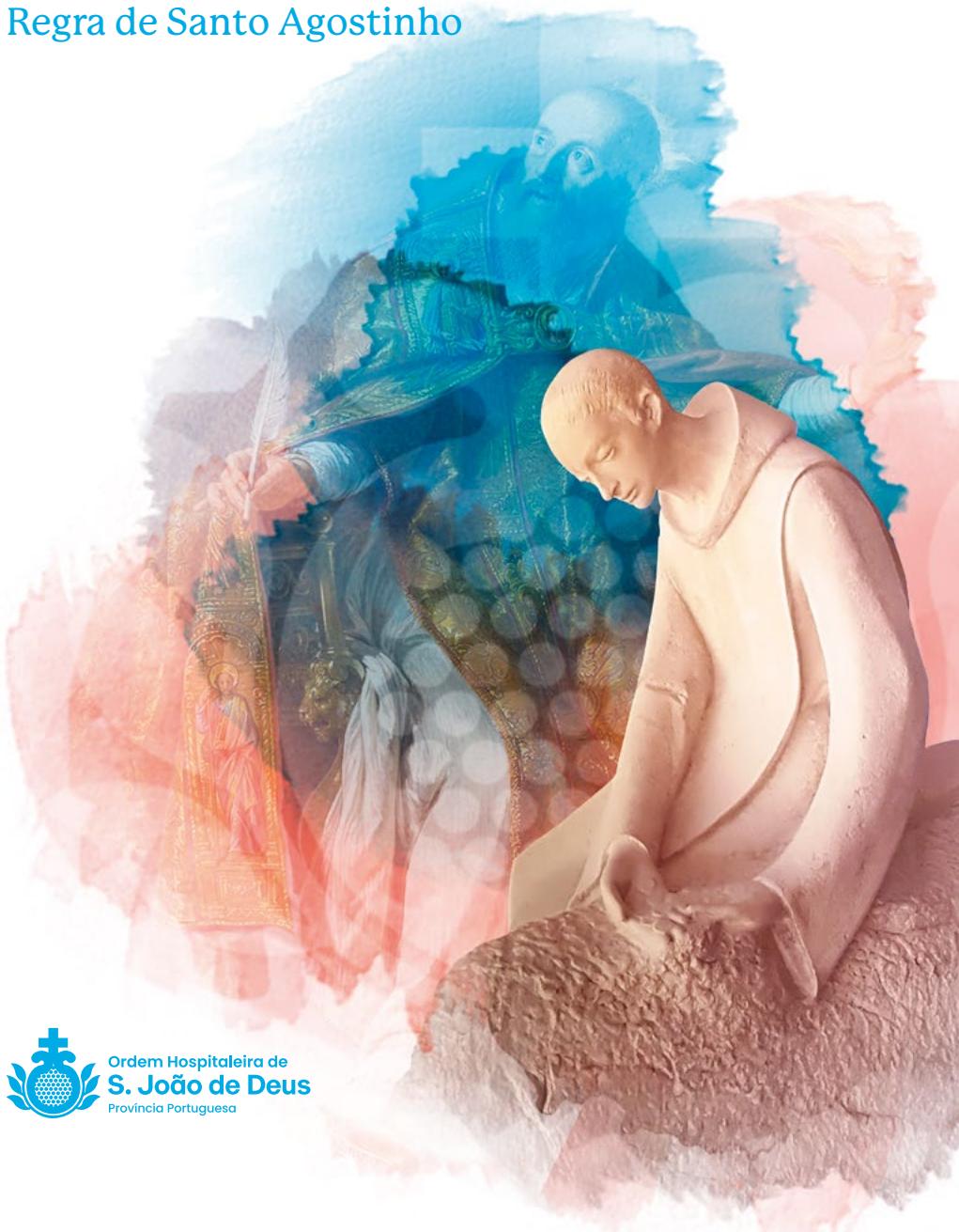


Constituições

Cartas de S. João de Deus
Regra de Santo Agostinho



Ordem Hospitaliera de
S. João de Deus
Província Portuguesa

Constituições

Cartas de S. João de Deus
Regra de Santo Agostinho



Ordem Hospitaliera de
S. João de Deus
Província Portuguesa

Lisboa, 2025

As alterações ao texto oficial foram aprovadas pelo LXV Capítulo Geral celebrado em Granada de 6 a 24 de novembro de 2000 e pelo LXVII Capítulo Geral Extraordinário celebrado em Guadalajara (México) de 9 a 20 de novembro de 2009. Todas as modificações foram aprovadas pela Santa Sé com os rescritos Prot. N.B 44-1/2001 de 17 de janeiro de 2001 e Prot.N.B 44-1/98 de 21 de dezembro de 2009.

A nova edição em língua portuguesa foi aprovada pelo Definitório Geral a 7 de junho de 2019 (Del. Gen. N 030/19), em conformidade com o artigo 185b dos Estatutos Gerais.



DECRETO

Prot. n. B44 – 1/83

A Ordem Hospitaliera de S. João de Deus, que tem a sua Cúria Geral em Roma, cumpre na Igreja a missão de servir e assistir os pobres e os doentes, aos quais se dedica pelo voto especial de Hospitalidade, para imitar a Cristo compassivo e misericordioso, que teve uma preferência particular pelos doentes, e para seguir os passos do seu Santo Fundador, que queria amar o Senhor «acima de todas as ciosas do mundo» e «por seu amor e bondade, e não por outro interesse, praticar o bem e a caridade para com os pobres e as pessoas indigentes» cujas necessidades lhe «despedaçavam o coração».

Obedecendo às disposições do Concílio Vaticano II e outras normas emanadas da autoridade da Igreja, a Ordem elaborou um novo texto de Constituições que o Superior Geral, em nome do Capítulo, apresentou à Santa Sé, pedindo a sua aprovação.

Esta Sagrada Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares, depois de ter mandado examinar pelos seus Consultores o texto proposto, tendo em conta o voto favorável da Assembleia, realizada no dia 20 de Janeiro deste ano de 1984, com o presente Decreto aprova e confirma o referido texto, com as modificações introduzidas pela mesma Assembleia, segundo o exemplar redigido em língua italiana, conservado no seu Arquivo, tendo sido observado o que por direito se deve observar.

Sob o Patrocínio de Maria, a Virgem «sempre intacta» e «Saúde dos Doentes», os Irmãos de S. João de Deus procurem com empenho harmonizar a sua vida com as Constituições, para serem deste modo cada vez mais fiéis ao carisma do seu próprio Instituto, pondo em prática o conselho do Fundador, de «trabalhar muito nas ciosas de Deus» e «desvelar-se no serviço dos pobres».

Roma, 08 de Março, aniversário
da morte de S. João de Deus, do ano 1984.

E. Card. Pirónio, Prefeito

† Agostinho Mayer, Secretário

ÍNDICE GERAL

CONSTITUIÇÕES

DEECRETO DA SAGRADA CONGREGAÇÃO	7
ÍNDICE GERAL	9
SIGLAS E A SUA SIGNIFICAÇÃO	13
CAPÍTULO I — CONSTITUIÇÃO FUNDAMENTAL	19
Ato de fundação	
Carisma da nossa Ordem	
A nossa espiritualidade peculiar	
A nossa missão na Igreja	
A atuação do nosso carisma	
CAPÍTULO II — A NOSSA CONSAGRAÇÃO NA ORDEM	26
Doação total a Deus	
Castidade pelo Reino dos Céus	
Pobreza evangélica	
Obediência na liberdade dos filhos de Deus	
Hospitalidade conforme o estilo do nosso Fundador	
A Virgem Maria, modelo da nossa consagração	
CAPÍTULO III — A NOSSA COMUNIDADE HOSPITALEIRA	42
I. Comunidade de fé e de oração	
II. Comunidade de amor fraterno	
III. Comunidade de serviço apostólico	
CAPÍTULO IV — FORMAÇÃO PARA A NOSSA VIDA HOSPITALEIRA	61
A vocação hospitaliera	
Elementos constitutivos da formação na Ordem	
Formação inicial	
Formação permanente	

CAPÍTULO V — GOVERNO DA NOSSA ORDEM	75
Princípios de governo	
Estrutura orgânica da nossa Ordem	
Órgãos de governo	
Governo Geral	
Governo Provincial	
Governo Local	
CAPÍTULO VI — FIDELIDADE À NOSSA VOCAÇÃO HOSPITALEIRA	93
Resposta ao dom de Deus	
Fidelidade às nossas virtudes peculiares	
Sentido de pertença à Ordem	
Separação da Ordem	
Constituições da Ordem	
ÍNDICE DAS REFERÊNCIAS BÍBLICAS	99
ÍNDICE DAS REFERÊNCIAS AO DIREITO CANÓNICO	110
ÍNDICE ANALÍTICO	
Das Constituições	114
CARTAS DE S. JOÃO DE DEUS	
Destinatários das cartas	
Luis Baptista	135
Guterres Lasso de Vega	135
D. Maria de los Cobos Mendoza	136
Cartas de S. João de Deus	
Carta a Luís Baptista (Lb)	140
1ª Carta a Guterres Lasso (1 Gl)	144
2ª Carta a Guterres Lasso (2 Gl)	147

1 ^a Carta a Duquesa de Sesa (1 Ds)	151
2 ^a Carta a Duquesa de Sesa (2 Ds)	156
3 ^a Carta a Duquesa de Sesa (3 Ds)	164
Recibo de uma esmola entregue a S. João de Deus por um fidalgo da cidade de Granada	169

ÍNDICE ANALÍTICO

Das Cartas de S. João de Deus.....	171
------------------------------------	-----

REGRA DE SANTO AGOSTINHO

INTRODUÇÃO.....	207
------------------------	-----

CAPÍTULO I - FIM E FUNDAMENTO DA VIDA COMUM	207
--	-----

CAPÍTULO II - ORAÇÃO	208
-----------------------------------	-----

CAPÍTULO III - FRUGALIDADE E MORTIFICAÇÃO	209
--	-----

CAPÍTULO IV - GUARDA DA CASTIDADE E CORREÇÃO FRATERNA ..	210
---	-----

CAPÍTULO V - ARTIGOS DE USO CORENTE E SUA GUARDA	213
---	-----

CAPÍTULO VI - PERDÃO DAS OFENSAS	215
---	-----

CAPÍTULO VII - GOVERNO E OBEDIÊNCIA	216
--	-----

CAPÍTULO VIII - OBSERVÂNCIA DA REGRA.....	217
--	-----

ÍNDICE ANALÍTICO

Da Regra de Santo Agostinho	218
-----------------------------------	-----

SIGLAS E SUA SIGNIFICAÇÃO

AA	<i>Apostolicam Actuositatem</i> , 18.12.1965 – Decreto do Concílio Vaticano II sobre o APOSTOLADO DOS LEIGOS.
AF	<i>Alias Felicis</i> , Urbano VIII, 17.06.1628 – Breve que proíbe aos sacerdotes da Ordem o desempenho de cargos de governo.
AG	<i>Ad Gentes</i> , 07.12.1965 – Decreto do Concílio Vaticano II sobre a Atividade MISSIONÁRIA DA IGREJA.
ATE	<i>Ad Totam Ecclesiam</i> , 14.05.1967 – Directório para fomentar a UNIDADE DOS CRISTÃOS.
CD	<i>Christus Dominus</i> , 28.10.1965 – Decreto do Concílio Vaticano II sobre o MÚNUS PASTORAL DOS BISPOS.
DCG79	<i>Declarações do Capítulo Geral de 1979</i> .
DCVR	<i>Dimensão Contemplativa da Vida Religiosa</i> , 1980
DH	<i>Dignitatis Humanae</i> , 07.12.1965 – Declaração do Concílio Vaticano II sobre a LIBERDADE RELIGIOSA.
DM	<i>Dives in Misericordia</i> , 30.11.1980 – Encíclica de João Paulo II sobre a DIVINA MISERICÓRDIA.
DV	<i>Dei Verbum</i> , 18.11.1965 – Constituição Dogmática do Concílio Vaticano II sobre a DIVINA REVELAÇÃO.
ED	<i>Etsi pro Debito</i> , Sisto V, 01.10.1586 – Breve que eleva a Congregação à CATEGORIA DE ORDEM RELIGIOSA.
EN	<i>Evangelii Nuntiandi</i> , Paulo VI, 08.12.1975 – O Evangelho ao homem de hoje.
ES	<i>Ecclesiae Sanctae</i> , 06.06.1966 – Normas de aplicação de alguns Decretos do Concílio Vaticano II.
ET	<i>Evangelica Testificatio</i> , Paulo VI, 29.05.1971 – Exortação Apostólica sobre a RENOVAÇÃO DA VIDA RELIGIOSA.

GS	<i>Gaudium et Spes</i> , 07.12.1965 – Constituição Pastoral do Concílio Vaticano II sobre a IGREJA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO.
IA	<i>Inter Alias</i> , Paulo V, 01.07.1609 – Breve que permite à Congregação da Itália ter um sacerdote religioso em cada hospital.
IM	<i>Inter Mirifica</i> , 04.12.1963 – Decreto do Concílio Vaticano II sobre os MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL.
ID	<i>Licet ex Debito</i> , S. Pio V, 01.01.1572 – Bula de APROVAÇÃO DO INSTITUTO HOSPITALEIRO DE [S.] JOÃO DE DEUS.
LG	<i>Lumen Gentium</i> , 21.11.1964 – Constituição Dogmática do Concílio Vaticano II sobre a IGREJA.
MC	<i>Marialis Cultus</i> , Paulo VI, 02.02.1974 – O Culto da Santíssima Virgem.
MR	<i>Mutuae Relationes</i> , 14.05.1978 – Relações entre Bispos e Religiosos na Igreja.
OE	<i>Oração Eucarística</i> .
OPR	<i>Ordo Professionis Religiosae</i> , 1970 – Ritual da Profissão Religiosa.
Paen.	<i>Paenitemini</i> , Paulo VI, 17.02.1966 – Constituição Apostólica sobre a Penitência.
PC	<i>Perfectae Caritatis</i> , 28.10.1965 – Decreto do Concílio Vaticano II sobre a ADEQUADA RENOVAÇÃO DA VIDA RELIGIOSA.
PO	<i>Presbyterorum Ordinis</i> , 07.12.1965 – Decreto do Concílio Vaticano II sobre o MINISTÉRIO E A VIDA DOS SACERDOTES.
RC	<i>Rationi Congruit</i> , Inocêncio XII, 15.07.1691 – Bula da Canonização de S. João de Deus.
RPH	<i>Religiosos e Promoção Humana</i> , 1978.
RSA	<i>Regra de S. Agostinho</i> .
SC	<i>Sacrossantum Concilium</i> , 04.12.1963 – Constituição do Concílio Vaticano II sobre a SAGRADA LITURGIA.

SJD	<i>São João de Deus, CARTAS</i>
LB	a Luís Baptista
2GL	2. ^a a Guterres Lasso
1DS	1. ^a à Duquesa de Sesa
2DS	2. ^a à Duquesa de Sesa
3DS	3. ^a à Duquesa de Sesa

Nota - As citações das Cartas de S. João de Deus referem-se à edição que acompanha estas Constituições.

Observação sobre as notas de Rodapé - As notas entre colchetes [] não fazem parte do texto original e são da autoria de Fr. José Nunes Dorguet, o. h., atendendo às alterações introduzidas pelo(s) Capítulo(s) Geral(is).

Constituições

CAPÍTULO I

CONSTITUIÇÃO FUNDAMENTAL

Ato de fundação

Const. 1585

Introd.

1DS, 13

Const. 1585,

Introd.

SJD, Cartas
passim

2GL, 7-8

Const. 1587,

Introd.

Const. 1585,

Introd.

RC, 15.07.1691

1. Nós, Irmãos de S. João de Deus, damos graças ao Senhor pelo dom que fez à sua Igreja em S. João de Deus.

Ele, sob o impulso do Espírito Santo e transformado interiormente pelo amor misericordioso do Pai, viveu em perfeita unidade o amor a Deus e ao próximo¹.

Dedicou-se completamente à salvação dos seus irmãos e imitou fielmente o Salvador nas sua atitudes e gestos de misericórdia.

Atormentado por dívidas, preocupações e solicitudes, confiou totalmente em Jesus Cristo e entregou-se inteiramente ao serviço dos pobres e dos doentes na cidade de Granada, em Espanha, de onde partiu para o Pai, no ano 1550.

A nossa Ordem Hospitaliera nasce por isso do evangelho da misericórdia²,

como o viveu em plenitude S. João de Deus, que, precisamente por esta sua característica, com razão consideramos como nosso Fundador.

Ele, efectivamente compreendeu que o sinal mais evidente da passagem da morte para a vida é o amor aos irmãos

¹ Cfr. 1Jo. 4, 20-21; Mt. 22, 36-40 ² Cfr. Mt. 8, 17; 25, 34-46.

posto em prática não só por palavras mas também por obras e em verdade³.

LD, 01.01.1572

A família religiosa à qual pertencemos foi aprovada, a pedido dos nossos Irmãos, pelo Papa S. Pio V, no dia 01 de Janeiro de 1572, e é conhecida na Igreja pela denominação de ORDEM HOSPITALEIRA DE SÃO JOÃO DE DEUS.

Const. 1586

Introd.

Const. 1587

Introd.

PC, 1bc; 2ae

Esta denominação exprime a nossa identidade, porque o motivo da nossa existência na Igreja é viver e manifestar o carisma da hospitalidade segundo o estilo de S. João de Deus. Consagrados ao Pai pelo Espírito, seguimos mais de perto a Cristo casto, pobre, obediente e misericordioso. Deste modo, cooperamos na edificação da Igreja, servindo a Deus no homem que sofre.

LD, 01.01.1572

A nossa Ordem é um *Instituto de Irmãos*⁴; contudo, desde a sua aprovação, foi concedido que alguns Irmãos pudessem ser ordenados sacerdotes para exercer o sagrado ministério entre os doentes e nas nossas comunidades e obras hospitalaias.

Carisma da nossa Ordem

MR, 11; 51b

2. O nosso carisma na Igreja é um dom do Espírito, que nos leva a configurar-nos

³ Cf. 1Jo. 3, 14.18

[*] Alteração proposta no Capítulo Geral extraordinário de 1997, em Salice Terme, Pavia (Itália), depois aprovada pela Santa Sé, em 04 de Abril de 1998, Prot. N. B 44 – 01/96.

com o Cristo compassivo e misericordioso do Evangelho, que passou por este mundo fazendo o bem a todos⁴ «e curando toda a espécie de doenças e enfermidades»⁵.

Em virtude deste dom, somos consagrados pela ação do Espírito Santo⁶, que nos torna participantes, de maneira singular, do amor misericordioso do Pai. Esta experiência transmite-nos atitudes de benevolência e de dedicação, torna-nos capazes de cumprirmos a missão de anunciar e realizar o Reino entre os pobres e os doentes⁷; transforma a nossa existência e faz com que, através da nossa vida, se torne manifesto o amor especial do Pai pelos mais fracos, que nós procuramos salvar segundo o estilo de Jesus.

LG, 44; 46

Mediante este carisma, mantemos viva no tempo a presença misericordiosa de Jesus de Nazaré: Ele, aceitando a vontade do Pai, com a Encarnação torna-se semelhante aos homens, seus irmãos⁸; assume a condição de servo⁹; identifica-se com os pobres, os doentes e os necessitados¹⁰; dedica-se ao serviço deles e dá a sua vida como resgate por todos¹¹.

⁴ Cfr. Act. 10, 38. ⁵ Mt. 04, 23; 09, 35. ⁶ Cfr. Lc. 04, 18. ⁷ Cfr. Lc. 04, 18. ⁸ Cfr. Heb. 02, 17; 05, 08. ⁹ Cfr. Mt. 12, 15-21. ¹⁰ Cfr. Mt. 08, 16-17; 25, 35-40. ¹¹ Cfr. Mt. 20, 28.

A nossa espiritualidade peculiar

3. Como Irmãos de S. João de Deus, aspirámos a encarnar com profundidade cada vez maior os sentimentos de Cristo¹² para com o homem doente e necessitado, e manifestá-los com gestos de misericórdia: tornamo-nos fracos com o fraco¹³ e assistimo-lo como predilecto do Reino; anunciamos-lhe o amor do Pai e o mistério da sua salvação integral; defendemos os seus direitos e oferecemos a vida por ele.

Dedicamo-nos com alegria à assistência de quem sofre¹⁴, com as atitudes e os gestos característicos do Irmão de S. João de Deus: serviço humilde, paciente e responsável; respeito e fidelidade à pessoa; compreensão, benevolência e abnegação; participação nas suas ansiedades e nas suas esperanças. A nossa vida é para ele sinal e anúncio da vinda do Reino de Deus¹⁵.

4. Renovamos a consciência da nossa vocação na celebração e na contemplação do mistério de Cristo.

A Palavra de Deus e a Eucaristia ocupam um lugar central na nossa vida; contemplamos Jesus no seu trato com os doentes e principalmente na sua Paixão e Morte, manifestação suprema do seu amor pelo homem. Isto revigora-nos na caridade

Vat. II, Mensagem
aos doentes

Const. 1585,
Tít. 09

Const. 1587,
Cap. 17

GS, 01

LB, 15
Const. 1585,
Tít. 04, c. 02

LB, 10
2DS, 09

12 Cfr. Flp. 02, 05.07 13 1Cor. 09, 22. 14 Cfr. Rom. 12, 08. 15 Cfr. Lc. 10, 09; Mt. 07-08.

e estimula-nos a realizar a nossa missão imitando a vida do nosso Salvador¹⁶.

LB, 19

LB, 15

1DS, 10

2DS, 19

SJD, Cartas,
passim
LG, 65

LG, 54

LG, 53

Seguir e servir a Nossa Senhor Jesus Cristo é a maior preocupação da nossa vida. Desejamos amá-Lo acima de todas as coisas do mundo e, por seu amor e bondade, queremos praticar o bem e a caridade para com os pobres e os necessitados.

Aceitamos e cumprimos a vontade de Deus imitando a simplicidade, disponibilidade, dedicação e fidelidade de Nossa Senhora, a Virgem Maria¹⁷ «sempre intacta»; procuramos reflectir o seu amor materno¹⁸ no nosso apostolado para com os que sofrem. Agradecemos-Lhe o seu especial patrocínio sobre nós e sobre as pessoas que assistimos; alegramo-nos pelo lugar que Ela ocupa na Igreja e veneramo-La com afecto de piedade filial.

A nossa missão na Igreja

Const. 1585,
Introd.
Const. 1587, Introd.

SJD, Cartas,
passim

5. Encorajados pelo dom que recebemos consagramo-nos a Deus e dedicamo-nos ao serviço da Igreja na assistência aos doentes e aos necessitados, com preferência pelos mais pobres. Deste modo, manifestamos que o Cristo compassivo e misericordioso do Evangelho permanece vivo entre os homens, e colaboramos com Ele na sua salvação.

¹⁶ Cfr. Rom. 08, 29; Lc. 04, 40; Mc. 07, 37. ¹⁷ Cfr. Lc. 01, 38.39.56. ¹⁸ Cfr. Jo. 02, 03.05; 19, 25.

Chamando-nos
a ser Irmãos de S. João de Deus,
escolheu-nos Deus
para constituirmos uma comunidade
de vida apostólica¹⁹:
queremos viver em comunhão
o amor a Deus e ao próximo.
Sentimo-nos irmãos de todos os homens
e dedicamo-nos ao serviço principalmente
dos fracos e dos doentes:
as suas necessidades e os seus sofrimentos
comovem o nosso coração²⁰,
impelem-nos a oferecer-lhes remédio
e estimulam-nos a favorecer a sua promoção
pessoal.

2GL, 8
1DS, 15-16

Como membros vivos da Igreja,
aspiramos a manifestar
a supremacia do amor de Deus
e desejamos alcançar a perfeição da caridade
para com Deus e para com o próximo,
mediante o exercício constante de todos as virtudes,
a profissão pública dos votos
de castidade, pobreza, obediência e hospitalidade,
a adesão ao espírito da Regra de Santo Agostinho
e a observância das Constituições da Ordem.

ET, 01

LG, 40a; 42 acd

Cân. 598, § 2

LD, 01.01.1572

A atuação do nosso carisma

6. Sentimo-nos depositários e responsáveis
pelo dom da hospitalidade,
que define a identidade da nossa Ordem.
Isso empenha-nos a viver com fidelidade
o nosso carisma,
a conservá-lo, a aprofundá-lo
e a desenvolvê-lo constantemente na Igreja.

19 Cfr. Mc. 03, 13-14. 20 Cfr. Mt. 15, 32; 20, 34; Mc. 01, 41; Lc. 07, 13.

MR, 11

A nossa abertura ao Espírito,
aos sinais dos tempos
e às necessidades dos homens,
indicar-nos-á como o havemos de encarnar
de maneira criadora
a cada instante e em cada situação.

A própria riqueza do carisma recebido
pressupõe a possibilidade
de o exprimir em formas diferentes,
de harmonia com as circunstâncias
de tempo e lugar.
Precisamente por isto, vivemos em atitude
de discernimento e de conversão,
para que a nossa missão na Igreja
corresponda sempre
à vontade de Deus a nosso respeito
e manifeste o nosso sentido de unidade.

Os Irmãos que exercem
o serviço de governo
têm uma responsabilidade especial
na preservação e no desenvolvimento do carisma:
cabe-lhes a eles,
em comunhão com os outros Irmãos,
determinar as obras
que estão realmente no âmbito da missão da Ordem
e decidir quais são as atividades caritativas
mais urgentes ou mais convenientes,
em que poderemos ou deveremos exprimir
o dom da hospitalidade.

Na atuação do nosso carisma
sentimo-nos particularmente unidos
aos institutos, associações e movimentos
que têm uma missão semelhante à nossa.
Uma especial comunhão espiritual

DCG79, I, C. 02

LG, 12

MR, 14c; 12c

Cân.677, § 1

DCG79, I, C. 5

nos une àqueles que,
tendo tido de algum modo
origem na nossa Ordem,
são manifestação da vitalidade
do nosso carisma hospitalero.

CAPÍTULO II

A NOSSA CONSAGRAÇÃO NA ORDEM

Doação total a Deus

7. O Pai amou-nos e escolheu-nos «antes da criação do mundo»²¹, destinando-nos a reproduzir «a imagem do seu Filho»²². No Baptismo, Cristo associou-nos à sua morte e ressurreição²³ e marcou-nos com o Espírito Santo para sermos um hino à sua glória²⁴ e fecundos para Deus²⁵ em servir e edificar o Corpo de Cristo²⁶.

O Espírito que recebemos no Baptismo, e no qual fomos confirmados no Crisma, convida-nos a viver em comunidade a nossa filiação divina.

PC, 5a

Por isso fomos novamente consagrados, com um dom especial, para vivermos em castidade, pobreza, obediência e hospitalidade, a fim de representarmos na Igreja o género de vida que Cristo escolheu para si

LG, 43a

LG, 44c

²¹ Ef, 01, 04. ²² Rom, 08, 29. ²³ Cfr. Rom, 06, 04; Col, 02, 12. ²⁴ Cfr. Ef, 01, 13-14. ²⁵ Cfr. Rom, 07, 04. ²⁶ Cfr. Ef, 04, 12-13

LG, 34b
PO, 02a

LG, 44ac
PC, 05^a; 01a

ET, 04; MR, 14a

LG, 31b

LG, 44c

ET, 01

LG, 44a

Cân. 654

LG, 45c

PC. 05b

ET, 47; MR, 08

Cân. 670

PC, 25a

durante a sua vida terrena.

E deste modo, oferecendo a nossa existência como sacrifício vivo e consagrado²⁷, unimo-nos ao culto autêntico oferecido por Cristo na Igreja e participamos na sua ação sacerdotal²⁸ ao cumprirmos a nossa missão hospitaleira.

8. Com a nossa doação
livre e total a Deus,
aceitamos ser enviados ao mundo
como sinais do seu amor misericordioso.
A simplicidade da nossa vida anuncia
que a transformação das realidades humanas
só é possível
mediante o espírito das Bem-aventuranças.
Somos testemunhas de que Cristo
é o Senhor da História²⁹;
proclamamos a grandeza do amor de Deus
e mostramos aos homens
que Ele continua a interessar-se
pela sua vida e pelas suas necessidades.

9. Mediante os votos de castidade,
pobreza, obediência e hospitalidade,
manifestamos publicamente
a nossa doação total a Deus.
A Igreja recebe a nossa oblação
e associa-a ao mistério pascal de Cristo.
A Ordem liga-nos a si mesma
e proporciona-nos os meios
para vivermos a nossa vocação;
nós comprometemo-nos
a responder fielmente ao chamamento de Deus,
esforçando-nos sempre
por ser membros vivos e criativos

da Igreja e da Ordem.

A profissão solene,
pela qual nos consagramos definitivamente
a Deus, à Igreja e à Ordem,
no serviço dos doentes e necessitados,
deve ser precedida
da profissão temporária,
emitida pelo período de um ano
e renovada ano a ano
até um mínimo de cinco anos
e um máximo de seis anos contínuos.

Cân. 655

A pedido do Provincial,
com o consentimento do seu Conselho,
o Geral pode dispensar,
em casos especiais,
do prazo mínimo dos votos temporários,
contanto que durem pelo menos
três anos contínuos.

Cân. 656, § 02

Em casos particulares,
o Geral pode permitir
a renovação dos votos temporários
até um máximo de nove anos contínuos.

Cân. 656, 3.º

A admissão à primeira profissão
e à profissão solene
é feita pelo Provincial,
com o consentimento do seu Conselho
e a licença do Geral.
Compete ao Provincial,
com o consentimento do seu Conselho,
a admissão à renovação
da profissão temporária.

Tanto a profissão solene

como a temporária
fazem-se nos termos do direito universal
e do nosso direito próprio,
segundo a fórmula seguinte:

Em nome de Nosso Senhor
Jesus Cristo bendito. Ámen.

Eu (*nome e apelidos*), nascido no dia ... de
(mês) de (ano),
em (*localidade*), paróquia de ...,
diocese de ...,
para maior glória de Deus,
movido pela firme vontade
de me consagrar mais intimamente a Ele
e de seguir a Cristo mais de perto,
hoje, (*dia, mês, ano*) em ...,
perante os Irmãos aqui presentes,
nas vossas mãos, Irmão ...,
faço os votos (*simples, solenes*)
de castidade, pobreza, obediência e hospitalidade,
no serviço dos pobres e dos doentes,
por (um ano, toda a vida),
segundo a Regra de Santo Agostinho
e as Constituições da nossa Ordem,
entregando-me de todo o coração
a esta família religiosa,
para que com a graça do Espírito Santo,
a ajuda da Bem-aventurada Virgem Maria
e a intercessão dos nossos Pais
Santo Agostinho e S. João de Deus,
possa alcançar a caridade perfeita
no serviço de Deus e da Igreja.
E em fé de quanto fica dito
me subscrecio pelo meu próprio punho.

Irmão (*nome e apelidos*)

Castidade pelo Reino dos Céus

PC, 12a
ET, 13,15

10. A castidade consagrada é um dom insigne da graça. O amor de Deus, «difundido nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado»³⁰, leva-nos a consagrar ao Pai, seguindo o exemplo e a palavra de Jesus³¹, e a nossa capacidade de amar.

LG, 42c
Cân. 599
ET, 13

Pelo voto de castidade comprometemo-nos a viver a continência perfeita no celibato; deste modo, evocamos imediatamente a união de amor entre Cristo e a Igreja e sentimo-nos mais livres e com mais capacidade para amar todos os homens³².

ET, 13

O seguimento de Cristo virgem, na sua doação total de amor ao Pai e aos Irmãos, é fonte e alimento da nossa comunidade, que nasce não do sangue nem da vontade da carne, mas do amor de Deus³³.

LG, 42c
ET, 14

GS, 14a
João Palo II,
10.03.1982 ss.

Por meio da castidade, vivida como Irmãos de S. João de Deus, experimentamos e manifestamos a fecundidade da nossa vida no apostolado de caridade, pois com ele cumprimos a missão de servir e promover a vida³⁴ e afirmamos a dignidade e o valor do corpo³⁵.

11. A castidade pelo reino dos Céus além de chamamento e dom de Deus,

30 Rom, 05,05. 31 Cfr. Mt, 19, 11-12. 32 Cfr. 1Cor, 07, 32-35. 33 Cfr. Jo, 01, 13. 34 Cfr. Jo, 10,10.
35 Cfr. 1Cor, 06, 19; 03, 16.

ET, 15

é também resposta livre que só podemos dar e manter com a força do Espírito Santo. Isto incita-nos a cultivar o dom recebido, mediante a nossa relação de intimidade com Cristo na oração e na celebração dos sacramentos; e leva-nos também a viver a nossa fraternidade, com simplicidade e alegria, atribuindo importância às relações de amizade que o Senhor estabeleceu entre nós³⁶.

PC, 12b

ET, 13

PC, 12bc

PO, 10c

Além disso, consideramos importante o uso dos meios naturais e ascéticos comprovados pela experiência e o conhecimento das realidades humanas para caminharmos sempre em direção ao equilíbrio e à maturidade que protegem a fidelidade a este voto.

Pobreza evangélica

2GL, 3. 6. 8

12. Plenamente confiantes em Jesus Cristo, comprometemo-nos a segui-Lo e a imitá-Lo na pobreza evangélica.

1DS, 6

Tornamos visível na Igreja o seu aniquilamento salvador³⁷; confessamos com Ele a nossa plena confiança no Pai; proclamamos a caducidade dos bens presentes e anunciamos a perenidade dos futuros.

2DS, 7

LG, 42d;

ET, 17. 19

Mediante a profissão da pobreza, desprendemo-nos dos bens terrenos a fim de ficarmos mais disponíveis para seguir Jesus que, sendo rico,

36 Cfr. Jo, 15, 13-17. 37 Cfr. Flp, 02, 05-06.

ET, 17

se fez pobre por nós³⁸.
 Ele, mediante a sua encarnação,
 tornou-se solidário connosco,
 experimentando a nossa fraqueza³⁹
 e as nossas privações⁴⁰.
 Ensinou-nos assim
 o caminho da autêntica liberdade.

ET, 17. 18

DCG79,
 III. 05. 12. 14;
 V. Obj.
 III. IV
 ET, 18

Tal como Jesus, dedicamo-nos
 a anunciar o Reino aos pobres⁴¹;
 amparados pela nossa pobreza,
 podemos entrar em comunhão com os fracos
 e compreender existencialmente
 a sua situação;
 trabalhamos pela sua promoção,
 empenhando-nos evangelicamente
 contra todas as forças de injustiça
 e manipulação humana;
 colaboramos no dever de despertar as consciências
 perante o drama da miséria.

PC, 13e
 ET, 16. 22

13. Chamados por vocação especial
 a realizar a nossa missão
 em ambientes em que o homem sofre
 por doença
 ou por outras formas de marginalização,
 sentimo-nos estimulados a viver
 e a manifestar com clareza
 a pobreza que professámos.

PC, 13f
 ET, 18

Isto implica:
 • evitar que nas nossas obras
 haja a procura do lucro;
 • cumprir escrupulosamente
 os princípios da justiça social
 que derivam do Evangelho,
 da doutrina da Igreja

38 Cfr. 2Cor, 08,09. 39 Cfr. Heb, 02, 14-18. 40 Cfr. Mt. 08, 20. 41 Cfr. Lc, 07, 22.

(a)

(b)

<p>DCG79, III. 06</p> <p>3DS, 14</p> <p>PC, 13c</p> <p>ET, 20</p> <p>ET, 21</p> <p>ET, 19</p> <p>PC, 13ef</p> <p>DCG79, III. 12</p>	<p>e das leis justas de cada país;</p> <ul style="list-style-type: none"> • organizar as estruturas em função da nossa missão, utilizando os bens não como instrumento de poder mas de serviço; • viver a nossa condição de pobres, aceitando em liberdade de espírito a obrigação comum do trabalho como meio de sustentação e de apostolado⁴². <p>14. Tal como na primitiva comunidade cristã, pomos em comum os bens pessoais⁴³: tornamos os Irmãos da comunidade participantes daquilo que somos e que temos: o fruto do nosso trabalho contribui para aliviar as necessidades comuns; vivemos em disponibilidade, abertura e serviço, como testemunho da comunhão espiritual que nos une e do carácter de dependência inerente à pobreza; tudo isto nos permite aceitar com simplicidade e gratidão tudo o que recebemos dos outros.</p> <p>Manifestamos a pobreza superando a mentalidade do consumismo na vida pessoal e comunitária⁴⁴, com um estilo de vida simples e zelando pelos bens da comunidade.</p> <p>Em solidariedade com os Irmãos, superamos o afã da acumulação e praticamos a comunhão de bens</p>
---	---

42 Cfr. 2Tes, 03, 07-14; Act, 20,35 43 Cfr. Act, 02, 44; 04, 32. 44 Cfr. 1Tim, 06, 08-10.

entre as comunidades e as Províncias da Ordem.
Do mesmo modo, para não cairmos no perigo
de nos fecharmos nas nossas obras
e nas nossas estruturas,
mantemo-nos sensíveis às necessidades
de quem vive ao nosso lado
e colaboramos para as resolver.

Cân. 600

15. Deste modo, lembramos aos homens
a verdadeira finalidade dos bens temporais
e damos sentido ao nosso voto de pobreza,
em virtude do qual nos obrigamos
a usar e a dispor desses bens
na dependência dos Superiores legítimos,
nos termos do direito universal
e do nosso direito próprio.

Cân. 668, § 1

Os professos de votos temporários,
embora mantenham a propriedade dos seus bens
e a capacidade de adquirir outros,
antes da profissão
devem confiar a sua administração
a quem preferirem
e ceder livremente o seu uso e usufruto.

Cân. 668, § 5

Os professos de votos solenes
renunciam à *capacidade de adquirir*
e de possuir bens^{*};
e não podem, portanto,
adquirir ou possuir coisa alguma como própria.
Tudo aquilo que os Irmãos de votos solenes^{*}
adquirem com a sua própria atividade
ou em razão do Instituto,
e tudo o que lhes possa advir
a título de pensão, subsídio ou seguro,
fica a pertencer à Ordem,
nos termos do nosso direito.

Cân. 668, § 3

[*] Alteração proposta no Capítulo Geral extraordinário de 1997, em Salice Terme, Pavia (Itália),
depois aprovada pela Santa Sé, em 04 de Abril de 1998, Prot. N. B 44 – 01/96.

PC, 13b

Na prática da pobreza,
não nos contentamos em estar sujeitos
aos Superiores no uso e disposição dos bens,
mas também nos esforçamos por vivê-la
realmente e interiormente
com o empenhamento pessoal e comunitário.

PC, 01c

LG, 3

16. A nossa obediência baseia-se
na aspiração de nos identificarmos com Cristo,
que com a sua obediência realizou a redenção:
veio ao mundo para fazer a vontade do Pai
e cumpriu-a em serviço dos homens⁴⁵;
ofereceu-se sem reservas
aos desígnios divinos⁴⁶
e, «apesar de ser Filho,
aprendeu pelo sofrimento a obedecer»⁴⁷
até à morte⁴⁸.

PC, 14a

ET, 27. 24a

Pela obediência
oferecemos a Deus toda a nossa vontade,
como sacrifício de nós próprios.
Deste modo, unimo-nos mais intimamente à
vontade salvífica de Deus,
que se nos manifesta
através da sua Palavra,
do magistério da Igreja,
da Regra, das Constituições,
do direito particular da Ordem,
das disposições dos Superiores,
do diálogo com os nossos Irmãos
e da leitura dos sinais dos tempos.

Deste modo, anunciamos
que a liberdade que Cristo conquistou para nós,

45 Cfr. Jo, 04, 34; 06, 38-39; 10, 14-18. 46 Cfr. Lc. 22, 41-42; Jo, 12, 27-29. 47 Heb, 05, 08. 48 Cfr. Flp, 02, 08.

e para a qual nos sentimos chamados, nos permite viver ao serviço dos outros, superando o servilismo⁴⁹, o autoritarismo⁵⁰, o egoísmo, a falta de solidariedade com a comunidade e todas aquelas situações em que possa estar comprometida a dignidade do homem.

17. A nossa obediência é um ato pessoal, radicado na fé e no amor, que nos ajuda a alcançar a liberdade dos filhos de Deus⁵¹ e que favorece a nossa maturidade integral, já que tanto a autoridade como a obediência estão ao serviço da pessoa, da comunidade e da missão.

Praticamos a nossa obediência em primeiro lugar com a fidelidade ao nosso carisma e com a sincera procura em comum da vontade de Deus no respeitante à Ordem, às nossas comunidades e a cada um dos Irmãos. Da nossa disponibilidade nasce o espírito que nos mantém livres para responder com prontidão às necessidades do homem que sofre, a cujo serviço consagramos a nossa vida, aceitando ser enviados aonde quer que seja, e cumprir a missão que a Ordem nos confiar.

18. Pelo voto de obediência aceitamos livre e incondicionalmente a vontade de Deus sobre nós, comprometendo-nos a cumprir aquilo que os nossos legítimos Superiores dispõem

49 Cfr. Gál, 05, 01. 13. 14. 50 Mt, 20, 25-26. 51 Cfr. Rom, 08, 02; Gál, 05, 01.

ET, 27

PC, 14bc

ET, 25

EN, 69

MR, 19

ET, 27

PC, 14ab

Cân. 601

em conformidade com as Constituições da Ordem.

Cân. 590
PC, 1c

MR, 9a. 22

CD, 33-35
MR, *passim*
ET, 50
Cân. 678

PC, 14c
ET, 24b

MR, 13; 14c

DCG 79, I, C. 5
Cân. 618

ET, 25

Dado que com o nosso carisma e com o nosso apostolado participamos de modo especial na vida e missão da Igreja, obedecemos ao Papa, também em virtude do voto, como a nosso Superior supremo. É ele quem preside à comunidade universal da caridade; por isso, o amor e a obediência que lhe prestamos unem-nos de modo especial ao mistério da Igreja.

A nossa presença na Igreja local leva-nos também a seguir com fidelidade as orientações e as disposições dos seus Pastores.

À imitação de Jesus⁵², os Irmãos exercem o serviço de governo ao estimular o nosso crescimento pessoal e comunitário, ajudando a discernir a vontade do Senhor: ao garantir, mediante a fidelidade ao carisma, a unidade no pluralismo; ao promover a obediência ativa e responsável; ao tomar, quando preciso, as decisões necessárias.

19. Iluminados e fortificados pela fé, a obediência leva-nos, mediante um diálogo aberto e fraternal, a descobrir os carismas apostólicos da comunidade e dos membros,

52 Cfr. Lc, 22, 26-27.

com os quais o Espírito Santo ajuda a Ordem a realizar a sua missão.

O mesmo clima de diálogo e compreensão permite-nos desenvolver em comunidade o sentido da corresponsabilidade que favorece a mútua união no serviço prestado a Deus e aos irmãos pobres e doentes.

Hospitalidade conforme o estilo do nosso Fundador

20. A nossa hospitalidade tem a sua origem na vida de Jesus de Nazaré: ungido e enviado pelo Espírito para trazer a Boa Nova aos pobres, e para curar os doentes⁵³, Ele opera e apresenta as suas curas como sinal messiânico da vinda do Reino de Deus⁵⁴. Na sua mensagem revela-nos o amor misericordioso, a fidelidade, a confiança e a benevolência de Deus Pai para com o homem⁵⁵; proclama que foi enviado por Ele para comunicar a vida⁵⁶; consciente da sua missão⁵⁷, dedica-se com predileção aos fracos, aos doentes e aos pecadores⁵⁸, que recebe e acolhe com palavras e gestos de profunda compreensão e humanidade⁵⁹; sofre com quem sofre⁶⁰; identifica-se com o pobre, o doente e o necessitado, elevando-os à categoria

⁵³ Cfr. Lc, 04, 18-19. ⁵⁴ Cfr. Lc, 07, 19-23. ⁵⁵ Cfr. Mt, 05, 43-48; Lc, 06, 36. ⁵⁶ Cfr. Jo, 10, 10; 1Jo, 04, 09. ⁵⁷ Cfr. Lc, 04, 21. ⁵⁸ Cfr. Mt, 09,12; Lc. 18, 15-16; Mt, 08, 16-17. ⁵⁹ Cfr. Lc, 04, 38-41. ⁶⁰ Cfr. Lc, 07, 11-13; Jo, 11, 33-36.

Const. 1585,
Introd.

2GL 7
LB, 15

Conc. Vat. II,
Mensagem aos
doentes

LG, 44c

LB, 11

Const. 1585, Tít. 9

Const. 1587,
Cap. 15-27
2DS, 2

Const. 1741, Cap. 39
Const. 1926, Art. 225

de sinais vivos da sua presença,
pelo que, tudo o que nós fizermos a um deles,
Ele o aceita como feito a Si mesmo⁶¹.

21. Atraídos pela pessoa de Jesus
e, sobretudo, pelas atitudes
que Ele tinha para com os mais fracos,
nós, ungidos com o mesmo Espírito,
consagramo-nos na hospitalidade
para cumprirmos o mandato de Cristo
de cuidar dos doentes⁶².

Com a nossa vida, entregue ao amor de Deus
no serviço dos pobres e necessitados,
anunciamos o Reino segundo o estilo de Jesus.
Ele não suprimiu o sofrimento,
nem quis desvendar completamente o seu mistério;
mas o homem que sofre,
iluminado pela fé
e unido a Cristo que sofre,
sabe que pode contribuir com a sua dor
para a salvação do mundo.
por isso, vivemos a nossa assistência aos doentes
e o nosso serviço a favor dos necessitados
como anúncio e sinal
da vida nova e eterna
conquistada pela redenção de Cristo.

22. Pelo voto de hospitalidade dedicamo-nos,
na obediência aos Superiores,
à assistência aos doentes e necessitados,
prometendo-nos a prestar-lhes
todos os serviços necessários,
até os mais humildes
e com risco da própria vida,
à imitação de Cristo,
que nos amou até morrer pela nossa salvação⁶³.

61 Cfr. Mt, 25, 34-45. 62 Cfr. Mt, 10, 07-08; Lc, 09, 02. 63 Gál, 02, 20; Ef, 05, 02; 1Jo, 03, 16.

A nossa maior felicidade
consiste em viver em contato com os destinatários
da nossa missão;
acolhemo-los e servimo-los
com a amabilidade, a compreensão
e o espírito de fé
que eles merecem como pessoas
e como filhos de Deus;
e pomos à disposição deles
todas as nossas energias
e todas as nossas capacidades,
nas várias tarefas que nos são confiadas.

23. A hospitalidade que professámos
compromete-nos a estar atentos
e a defender os direitos que a pessoa tem a nascer,
a viver decorosamente,
a ser assistida na doença
e a morrer com dignidade.
Esforçamo-nos por que,
no nosso apostolado hospitaleiro,
se veja com clareza a cada instante
que, para nós, o centro de interesse
é a pessoa necessitada ou doente,
e vivemos tão compenetrados da nossa missão,
que os nossos colaboradores
se sentem impelidos a agir da mesma maneira.

O nosso espírito hospitaleiro
não o manifestamos somente
nas instituições em que trabalhamos,
mas estendemo-lo também
a todos aqueles que carecem de comida e bebida,
de vestuário, de casa, de remédios,
ou que se encontram aflitos por tribulações
ou por saúde precária.
Dói-nos o coração

DCG79,
III. 5. 14. 19

AA, 8d

2GL, 8

1DS, 15-16

por não os poder assistir e acolher a todos; eles têm, por isso, um lugar privilegiado na nossa oração e sentimo-nos unidos a todos aqueles que trabalham para construir um mundo mais humano e mais cristão.

24. A nossa consagração a Deus no serviço aos necessitados é o fruto mais precioso do nosso seguimento do Senhor no caminho dos conselhos evangélicos, porque a castidade, a pobreza e a obediência reforçam a nossa capacidade de amar e tornam-nos mais disponíveis para servirmos os doentes e os pobres no apostolado hospitalero.

A Virgem Maria, modelo da nossa consagração

ET, 56

25. A Virgem Maria é para nós modelo singular de consagração. Ela, de facto, aceitando a Palavra divina, consagrou-se totalmente à pessoa e à obra de Jesus.

LG, 56

SJD, Cartas, passim

É, ao mesmo tempo, a Virgem «sempre intacta»⁶⁴ e a humilde e pobre⁶⁵ serva do Senhor⁶⁶ que nos estimula com o seu exemplo a sermos fiéis aos desígnios do Espírito Santo.

DM, 9
Ladaína Laure-tana

É, além disso, a «Mãe de Misericórdia» e a «Saúde dos doentes» que nos ensina a ser compassivos com a dor humana

64 Cfr. Lc, 01, 34-37; Mt, 01, 18-20. 65 Cfr. Lc, 01, 48. 66 Cfr. Lc, 01, 38.

e a aliviar os padecimentos e as tribulações dos que sofrem⁶⁷.

CAPÍTULO III

A NOSSA COMUNIDADE HOSPITALEIRA

26. A nossa comunidade hospitaleira nasce e cresce a partir do amor que o Espírito Santo difunde nos nossos corações⁶⁸; o seu centro é o Senhor ressuscitado, em cujo nome nos reunimos para caminharmos juntos ao encontro do Pai e para comunicarmos aos homens a Boa Nova da salvação.

GS, 1

PC, 15a

Seguindo o exemplo da Igreja primitiva, na qual «a multidão dos crentes tinha um só coração e uma só alma»⁶⁹, e punha em comum tudo aquilo que possuía⁷⁰, a nossa vida demonstra ao mundo a possibilidade da convivência humana e da realização em comum dos valores do Reino; é sinal da presença do Senhor e convida os homens a terem fé em Cristo⁷¹.

A participação no mesmo carisma constitui-nos numa família na qual celebramos a fé, nos sentimos e vivemos como irmãos e cumprimos a missão comum de servir os doentes e os necessitados.

67 Cfr. Jo, 02, 03; 19, 26. 68 Cfr. Rom, 05,05 69 Cfr. Act, 04, 03. 70 Cfr. Act, 02, 44-45. 71 Cfr. Jo. 17, 21.

I. COMUNIDADE DE FÉ E DE ORAÇÃO

DCVR, 15

27. Como família reunida em nome do Senhor⁷², a nossa comunidade é, por sua natureza, o lugar privilegiado onde a experiência de Deus se deve poder alcançar na sua plenitude e ser comunicada aos outros.

DCVR, 1

Nela vivemos a nossa fé como resposta pessoal de amor a Deus, que nos amou primeiro⁷³, e manifestamo-la aceitando com simplicidade a sua salvação, que transforma gradualmente a nossa vida e exige que a manifestemos na nossa maneira de viver.

Cân. 663, § 1

A nossa vida de crentes, aberta à revelação do Pai e à comunicação com Ele, mediante Cristo, no Espírito Santo⁷⁴, permite-nos participar no mistério trinitário⁷⁵ na fé, na esperança e no amor. Esta participação é a fonte da atitude contemplativa da nossa vida.

MR, 15. 16

PC, 5e

ET, 10

Cân. 675, § 2

DCVR, 4-7

Cân. 663 § 3

28. A fonte primária da nossa missão caritativa é o amor misericordioso do Pai⁷⁶.

Isto exige que nós favoreçamos, pessoal e comunitariamente, no diálogo da oração, a integração entre a vida interior e a atividade apostólica, para nos tornarmos capazes de viver o amor a Deus em sintonia com o serviço aos irmãos⁷⁷. Por isso, cada dia dedicamos pelo menos uma hora à oração mental e à leitura espiritual.

72 Cfr. Mt, 18, 20. 73 Cfr. 1Jo, 04, 10.19. 74 Cfr. Jo, 14, 08; 1Jo, 01, 03; Ef, 02, 11-13. 19-22.

75 Cfr. 1Cor, 02, 10; Ef, 01, 03-12; Jo, 14-23. 76 Cfr. 1Jo, 04, 10-11. 77 Cfr. 1Jo, 04, 19-20.

Cân. 663 § 3 PC, 6	A orientação fundamental da nossa comunidade para Deus exprime-se na leitura e na meditação da Sagrada Escritura; na participação na vida divina que nos é transmitida pelos sacramentos; na oração comunitária e pessoal; no desejo e na procura constante de Deus, cuja presença reconhecemos e humildemente adoramos no próximo, de modo particular nos nossos Irmãos e nos doentes.
DCVR, 1d PC, 6b	29. A Palavra de Deus, que é para nós o encontro diário com o «sublime conhecimento de Jesus Cristo» ⁷⁸ , ilumina a nossa vida: é fonte de inspiração para a nossa oração; orienta a nossa renovação pessoal e comunitária e guia a nossa reflexão sobre o mistério de Deus e da Igreja ou sobre as realidades do homem e da sociedade.
DV, 25a ES, II. 16, 1.º	30. A nossa comunidade hospitaleira recebe a sua vida da Eucaristia; portanto:
DCVR, 8 PO, 6e CD, 30f	<ul style="list-style-type: none"> • Celebramo-la e participamos nela ativamente todos os dias. Sendo fonte e vértice de toda a vida cristã, constitui o centro insubstituível e animador da dimensão contemplativa da nossa vida. Nela exercemos, de modo especial, o nosso sacerdócio hospitaleiro: renovamos a oferta do nosso ser ao Pai, e, juntamente connosco, apresentamos

78 Cfr. Flp, 03, 08.

PC, 6

a dor e a esperança dos homens que servimos e a quem dedicamos a nossa existência. A participação comum na mesa da Palavra e do Corpo e Sangue do Senhor aviva a nossa comunhão com Cristo e a união com os Irmãos; o exemplo do nosso Salvador, que se imola para nos dar a vida, renova o nosso espírito hospitaleiro e ajuda-nos a agir como Ele no serviço aos doentes e aos necessitados.

ET, 48
DCVR, 9. 15
Cân. 608

- Vivemos visivelmente à volta de um oratório, no qual a presença real de Jesus na Eucaristia exprime e realiza a nossa missão como família hospitaleira; contemplamos, adoramos e bendizemos o Senhor pelo seu amor para connosco; a sua permanente disponibilidade para ser fortaleza, consolação e viático dos doentes, estimula-nos a perseverar ao lado do homem que sofre, acompanhando-o na sua dor e na sua solidão.

LG, 8c

31. Temos consciência de que somos pecadores⁷⁹ e de que a nossa orientação para Deus e a verdadeira fraternidade não se podem manter sem uma atitude constante, pessoal e comunitária, de conversão.

DCVR, 10

Cân. 664
SJD, Cartas,
passim

Por isso, examinamos todos os dias a nossa consciência e nos aproximamos com frequência

79 Cfr. Tg, 03, 02.

Paen. 1

LG, 11b

CD, 30f

SC, 89a

ES, II, 20

Cân. 663, § 3

Cân. 1174, § 1

SC, 84

LB, 10

2DS, 9

do Sacramento da Penitência.
 Deste modo reavivamos em nós
 a graça do Baptismo,
 reconciliamo-nos com os nossos Irmãos
 e celebramos a alegria da salvação no perdão.

32. Celebramos diariamente em comum
 a liturgia de Laudes e de Vésperas,
 na qual prolongamos
 a ação de graças da Eucaristia
 e santificamos o decorrer do dia,
 o trabalho e todo o nosso esforço.
 Unimo-nos assim a Cristo e à Igreja
 no culto ao Pai,
 reforçando a comunhão com os Irmãos
 e com todos os homens,
 apresentando ao Senhor com particular interesse
 as ansiedades e as esperanças
 de todos os que vivem aflitos pela doença
 ou por qualquer outra necessidade.

33. A nossa missão
 põe-nos constantemente em contato
 com o sofrimento dos homens;
 por isso, a contemplação da Paixão de Cristo,
 «Homem das dores»⁸⁰,
 ocupa um lugar de relevo
 na nossa espiritualidade:
 nela, com efeito,
 descobrimos o sentido salvífico da dor;
 dela recebemos força e consolação
 nas provas e nas fraquezas;
 com ela, finalmente, aprendemos a maneira
 de apresentar o Senhor aos que sofrem,
 como sinal de esperança e de vida.

34. Maria, a Mulher fiel, a Virgem orante,

⁸⁰ Is, 53, 03.

DCVR, 13
 MC, 17-18
 LG, 63
 LG, 58

SJD, Cartas, *passim*

Const. 1585,
 Tít. 4, c. 13
 Const. 1611, c. 23
 LG, 67
 Cap. Geral de
 22.04.1736
 Cân. 663, § 4
 LB, 17

RC, 15.07.1691

apresenta-se-nos como modelo supereminente da Igreja na ordem da fé, da caridade, e da perfeita união com Cristo. Ela, de pé junto da Cruz do Senhor⁸¹, ensina-nos a associar-nos ao sacrifício do seu Filho, que se prolonga na dor da humanidade. Nossa Senhora, como «Saúde dos Doentes», teve sempre um lugar singular na vida da nossa comunidade hospitaleira. Manifestamos-Lhe o nosso amor, acima de tudo, imitando-a nas suas virtudes; celebramos as suas festas, em particular a do seu Patrocínio; e honramo-La com as nossas orações especialmente com o Rosário.

35. Entre os Santos, veneramos principalmente o nosso Pai S. João de Deus e os Irmãos da Ordem que a Igreja nos propõe como exemplo de vida e de apostolado, para que nos esforcemos em os seguir e imitar.

II. COMUNIDADE DE AMOR FRATERNO

36. Chamados por Jesus para vivermos com Ele como amigos⁸², estimulamo-nos reciprocamente a cumprir o mandamento do Senhor de nos amarmos como Ele nos ama⁸³ e esforçamo-nos por manter a unidade que o Espírito cria no vínculo da paz⁸⁴.

A hospitalidade que recebemos como dom

81 Cfr. Jo, 19, 25. 82 Cfr. Jo, 15, 14-15. 83 Cfr. Jo, 13, 34-35; 15, 12-13. 84 Cfr. Ef, 04, 01-06.

empenha-nos a viver a fraternidade com simplicidade: ajudamo-nos, portanto, mutuamente e perdoamo-nos nas nossas fraquezas⁸⁵; competimos na mútua estima, somos reciprocamente agradecidos e sentimo-nos solidários com os Irmãos nas suas necessidades, aflições e alegrias⁸⁶.

37. Em virtude das referidas atitudes, a nossa comunidade, não obstante a diversidade das pessoas:

- Aceita e estima os jovens que abraçaram há pouco tempo a nossa vida hospitaleira, e nos enriquecem com o seu entusiasmo e com a sua capacidade criadora.
- Trata e ama os Irmãos doentes e idosos que, com a sua experiência, com o seu sacrifício e a sua oração, são membros fecundos tanto para a Igreja como para a Ordem.
- Recorda os Irmãos defuntos, que partiram antes de nós, marcados com o sinal da fé, e reza por eles fazendo os devidos sufrágios.

38. A nossa comunidade realiza-se e cresce quando:

- Cada um de nós se esforça por conseguir a sua integração pessoal, que nos permite viver relações equilibradas

Const. 1587
Cap. 13. 14

Const. 1617,
Cap.18-19

OE 1.^a

DCG79 Obj. III

85 Cfr. Col, 03, 12-13; 1Pd, 03, 08-09. 86 Cfr. Rom, 12, 09-10; Flp, 02, 03-04; 1Cor, 10, 24.

- e dedicar ao bem comum
as qualidades e capacidades que possuímos.
- Vivemos conscientemente
a alegria e a responsabilidade
de sermos comunidade,
tomando parte nas suas manifestações⁸⁷.
 - Há momentos de diálogo,
de revisão e avaliação,
em que pomos Cristo como centro⁸⁸
e nos deixamos guiar pelo Espírito
para discernir a vontade do Pai
relativamente à comunidade e a cada pessoa.
 - O Irmão que exerce o serviço de governo
é sinal de união e vínculo de caridade,
anima a vida espiritual,
ajuda a viver o projecto comunitário,
coordena e harmoniza
os planos pessoais dos Irmãos
com os da comunidade,
dedica tempo a cada Irmão
e sabe pedir conselho antes de tomar decisões
que dizem respeito à vida comum.
 - Aceitamos na vida comunitária e na missão
a diversidade dos dons
com que o Espírito Santo
enriquece cada Irmão⁸⁹.
 - Criamos um ambiente em que seja possível
a oração, o estudo e o descanso pessoal.
 - Pomos a necessária disciplina
nos meios de comunicação social,
evitando tudo o que possa estorvar

87 Cfr. Heb, 10, 24-25 88 Cfr. Mt, 18, 20. 89 Cfr. 1Cor, 12, 04-07. 12-13.

a vida espiritual,
as relações comunitárias e o apostolado.

- Fazemos nosso o projecto de vida expresso nas Constituições, vivendo em constante atitude de conversão.

39. Somos acolhedores com as pessoas que chegam às nossas casas e recebemo-las com bondade e simplicidade, praticando a hospitalidade.

Contudo, uma parte da casa fica sempre reservada aos Irmãos para favorecer e garantir a vida própria da família religiosa.

Const. 1617, Cap. 17

DCVR, 14. 15
Cân. 667, § 1

ET, 22

RPH, 4e

40. A nossa inserção no ambiente dos pobres, dos doentes e dos necessitados, e a nossa convivência com eles são um sinal de salvação e de vida nova.

Ao mesmo tempo, a sua realidade interpela-nos e estimula-nos a uma revisão constante do nosso estilo de vida, para verificarmos se corresponde realmente ao carisma e à missão que recebemos.

III. COMUNIDADE DE SERVIÇO APOSTÓLICO

LG, 08a

Cân. 675, § 1
GS, 45a
LG, 44b
PC, 08b

41. A nossa comunidade alcança o seu significado pleno na missão para a qual o Espírito Santo a suscitou na Igreja.

Esta, como continuadora do mistério salvífico de Cristo, confia-nos a tarefa de O tornar presente com o nosso apostolado de caridade.

A nossa vida hospitaleira no seio da Igreja tem o seu fundamento na pessoa e nos gestos de Jesus que, durante a sua vida terrena, teve predileção especial pelos doentes, pelos pobres e pelos humildes⁹⁰. Nos seus gestos de bondade⁹¹ e nas suas palavras de conforto e de esperança⁹² descobrimos os sentimentos que devemos assumir para fazer transparecer o amor de Deus no nosso apostolado hospitaleiro; a sua identificação com o fraco e o indigente⁹³ convida-nos a empenhar a nossa vida na evangelização dos pobres e dos doentes⁹⁴.

DCG79,
Obj. III. IV

PC, 1c
Cân. 675, § 2

PC, 08b
LG, 44b, 46
MR, 10
Cân. 675, § 3

LG, 53

42. Revigoramos a fecundidade do nosso apostolado:

- na união íntima com Cristo que nos torna participantes do amor misericordioso do Pai⁹⁵, para que O possamos manifestar em gestos de amor para com os doentes e necessitados⁹⁶;
- com a nossa inserção na Igreja que nos põe em comunhão com todos os que foram enviados por Jesus a proclamar o Reino curando os doentes⁹⁷: unimo-nos assim, de modo especial, à Virgem Maria, membro supereminente da Igreja e profundamente hospitaleira na vida, como se vê na sua visita a Isabel⁹⁸, nas bodas de Caná⁹⁹ e, sobretudo,

⁹⁰ Cfr. Mc, 01, 32-34; Lc, 06, 20; 15, 01-10; 18, 15-17. ⁹¹ Cfr. Lc, 04, 40; 05, 13; 19, 01-10. ⁹² Cfr. Lc, 07, 13; 08, 48; Jo, 08, 10-11. ⁹³ Cfr. Mt, 25, 34-40. ⁹⁴ Cfr. Lc, 09, 01-02; 10, 01-09; Mc, 16, 15. ⁹⁵ Cfr. Jo, 15, 04-05. 09. ⁹⁶ Cfr. Jo, 13, 13-15; Mt, 10, 08; 1Jo, 03, 16-18. ⁹⁷ Cfr. Lc, 09, 01-02. ⁹⁸ Cfr. Lc, 01, 39-40. 56. ⁹⁹ Cfr. Jo, 02, 03.

	<p>no íntimo e fiel amor ao seu Filho, desde Nazaré até ao Calvário¹⁰⁰;</p>
<p>DM, 14</p>	<ul style="list-style-type: none"> • na comunhão com aqueles que sofrem, conscientes de que o nosso amor misericordioso para com eles nunca é um ato unilateral: de facto, também nós, quando servimos os doentes, somos sempre beneficiados. A fecundidade do nosso apostolado reforça-se na medida em que procuramos estabelecer um relacionamento recíproco de amor com as pessoas que assistimos.
<p>João Paulo II, 13.12.1979</p>	<p>43. Com a nossa missão hospitaliera realizamos e desenvolvemos o melhor de nós mesmos e sentimos a exigência de viver coerentemente a nossa identidade.</p>
	<p>Isto pressupõe:</p>
<p>PC, 8b LG, 42a</p> <p>João Paulo II, 13.12.1979</p> <p>RPH, 7-10</p>	<ul style="list-style-type: none"> • uma profunda vida de fé, que devemos alimentar constantemente na intimidade da oração, para podermos viver em harmonia o amor a Deus e ao próximo, oferecendo aos doentes e aos necessitados a presença amável de Cristo que, mediante o nosso serviço, lhes comunica a esperança e a salvação. • o sentido de pertença à comunidade, que nos envia e cuja representação assumimos: ela sustenta o nosso apostolado e é o lugar privilegiado

100 Cfr. Lc, 01, 31-38; 02, 07.48.51; Jo, 19, 25.

		onde podemos compartilhar as alegrias e o peso do trabalho; esta experiência de amor fraterno renova-nos interiormente e estimula-nos a perseverar no amor gratuito ¹⁰¹ ;
João Paulo II, 13.12.1979 RPH, 16.32-33	DCVR, 19 PC, 18	• a preparação humana, teológica e profissional, como requisitos indispensáveis, para proporcionar aos doentes e a qualquer pessoa necessitada o serviço eficiente que merecem e que, com razão, esperam de nós.
DCG79, II. B		44. No ambiente dominado pela técnica e pelo consumismo da sociedade moderna, na qual cada dia se descobrem novas formas de marginalização e de sofrimento, o nosso apostolado hospitalero é plenamente actual.
Const. 1587, Cap. 16		Nesta situação, nós somos chamados:
João Paulo II, 13.12.1979	MR, 23f	• a realizar a nossa missão com atitudes e modos humanizantes;
DCG79, III. 3		• a proclamar, como Jesus, que os fracos e os marginalizados são os nossos predilectos ¹⁰² ;
		• a viver o nosso serviço como expressão do valor escatológico da vida humana.

101 Cfr. Mt, 10,08. 102 Cfr. Mt, 09, 10-13; 11, 28-30; 18, 01-06.

Destinatários da nossa missão

DCG79, I. B. 07;
Obj. IV

45. Como Irmãos de S. João de Deus, fomos chamados para realizar na Igreja a missão de anunciar o Evangelho aos doentes e aos pobres¹⁰³, atendendo aos seus sofrimentos e assistindo-os integralmente.

2GL, 5

Em cada homem vemos um irmão nosso: acolhemos e servimos sem qualquer discriminação, quem se encontra em necessidade.

Const. 1587,
Cap. 15

A nossa fidelidade à Igreja, ao homem que sofre e ao espírito da Ordem empenha-nos na oportuna revisão das nossas obras, para que correspondam sempre ao nosso carisma e à nossa missão.

PC, 20a
Cân. 677, § 1

DCG79, Obj. I

A fim de que o nosso apostolado hospitalero se mantenha em consonância com os valores e as exigências do Reino, mantemo-nos atentos aos sinais dos tempos, interpretando-os sempre à luz do Evangelho.

GS, 4a

As atitudes de serviço e de abertura próprias da nossa missão levam-nos a cooperar com outros organismos, da Igreja ou da sociedade, no campo do nosso apostolado específico.

RPH, 5
Cân. 680

Estilo e formas de apostolado

46. A nossa presença

103 Cfr. Lc, 04,18.

Const. 1926,
art. 223 ab; 225a

Const. 1585,
Tít. 09,c. 2

RPH, 6d

entre os doentes e os que sofrem
corresponde às exigências do nosso carisma quando:

- estamos com eles como irmãos e amigos, alegrando-nos com quem se alegra e sofrendo com quem sofre¹⁰⁴, facilitando tudo o que contribui para a sua cura e para o seu completo bem estar;
- conscientes das nossas limitações, procuramos e aceitamos a colaboração de outras pessoas, profissionais ou não, voluntários ou colaboradores, aos quais nos esforçamos por comunicar o nosso espírito na realização da nossa missão;
- vivemos a nossa consagração com simplicidade evangélica, fiéis ao dom que recebemos.

47. As exigências do nosso apostolado levam-nos a empenhar-nos a favor das pessoas que sofrem, em formas concretas de ação, como expressão do amor misericordioso do Pai.

Por conseguinte:

- trabalhamos em hospitais próprios, colaborando na assistência do país e prestando os serviços necessários aos seus habitantes;
- aceitamos os centros que nos confiam,

¹⁰⁴ Cfr. Mt, 08, 17; Lc, 07, 13-14; Rom, 12, 15.

quando são conformes com o nosso carisma e neles podemos exercer o apostolado hospitalero segundo os princípios da nossa identidade;

- inserimo-nos, individualmente ou como comunidade, nos centros ou nos organismos da Igreja ou do Estado, para neles realizar uma missão de evangelização e de serviço no mundo da saúde;
- criamos centros e organismos a favor dos marginalizados pela sociedade que não são tutelados pelas leis;
- inserimo-nos nos meios em que a pobreza e a marginalização são evidentes, como, por exemplo, os bairros pobres ou as zonas rurais, fazendo frente às suas necessidades no âmbito do nosso carisma.

48. O mandato de anunciar o Evangelho a todas as gentes, que a Igreja recebeu do seu Senhor Jesus¹⁰⁵, também nos diz respeito a nós como Irmãos de S. João de Deus.

LG, 17

AG, 2a

Cân. 783

PC, 20b

MR, 19

EN, 69

Conscientes da nossa responsabilidade na difusão da Boa Nova, mantemos sempre vivo o espírito missionário.

Exercemos o apostolado hospitalero incrementando constantemente a nossa presença em terras de missão,

¹⁰⁵ Cfr. Mt, 16, 15.

particularmente nos países menos desenvolvidos, nos quais procuramos distinguir-nos:

AG, 6e

- pelo espírito apostólico que nos incita não só a preparar os ânimos, mediante o testemunho da nossa caridade, para acolher o anúncio do Evangelho, mas também a colaborar ativamente, quando se apresentar a ocasião, para dar a conhecer o mistério de Cristo àqueles que O ignoram;
- pela disponibilidade em colaborar com as instituições eclesiás e civis interessadas na promoção de uma vida mais humana e com maior dignidade e, sobretudo, em particular no melhoramento da saúde pública;

EN, 31

- pela valorização e aceitação das tradições autóctones, procurando a nossa integração as culturas dos respetivos países.

AG, 15. 22; MR,
23e
DCG79, Obj. II. b
GS, 58

49. A Sagrada Escritura exorta aqueles que possuem os bens da terra a compartilhá-los com os pobres¹⁰⁶ para aliviar as suas necessidades.

1DS 4

2DS 8

Const. 1585, Introd.

Fiéis ao nosso espírito, promovemos o exercício da esmola como forma de apostolado. Consideramo-la não apenas como obra de misericórdia que nos possibilita dispor de meios para ajudar os necessitados,

¹⁰⁶ Cfr. Tob, 04, 07; 12, 08-10; Mt, 06, 02-04; Lc, 12, 33.

mas ainda como um bem que faz a si mesmo aquele que a pratica¹⁰⁷; além disso, como anúncio da justiça e da caridade, contribui para desfazer as barreiras existentes entre as classes sociais.

Pastoral hospitaleira da saúde

50. O dom da hospitalidade que recebemos empenha-nos de modo especial na pastoral hospitaleira.

Praticamo-la sobretudo:

- com o nosso testemunho evangélico entre os doentes e os necessitados;
- com o anúncio da Palavra que dá sentido à vida do crente;
- com a celebração dos sacramentos que libertam o homem do pecado e o fortificam na fé.

51. Todos nós crentes, que trabalhamos na assistência aos doentes e necessitados, somos chamados a colaborar na pastoral da saúde.

Por isso:

- a nossa presença entre eles distingue-se pelo empenho pastoral e pelo zelo com que pomos em evidência

107 Cfr. Prov, 11, 17; Dan, 04, 24; Sir, 03, 30.

DH, 2a

GS, 18. 22

RPH, 6

ATE, 54. 63

MR, 40-41

os valores da ética cristã e profissional;

- agimos com o maior respeito pelas convicções e crenças das pessoas; tendo, porém, em conta que os homens provados pelo sofrimento e pela doença sentem mais profundamente as suas limitações e experimentam a necessidade de maior apoio, ajudamo-los a descobrir a bondade do Senhor e o verdadeiro sentido da vida humana, principalmente com o testemunho da nossa caridade;
- dirigimos a nossa pastoral também aos familiares dos doentes, animando-os para que valorizem o mistério cristão da dor e colaborem positivamente durante a doença dos seus entes queridos;
- sensibilizamos os nossos colaboradores para que, pondo em ação as suas capacidades humanas e profissionais, actuem sempre com o maior respeito pelos direitos dos doentes; convidamos a participar diretamente na pastoral aqueles que se sentem motivados pela fé;
- facilitamos a assistência religiosa àqueles que professam outras crenças;
- de acordo com o nosso carisma, empenhamo-nos ativamente na promoção da pastoral da saúde na Igreja local.

IA, 01.07.1609

Irmãos sacerdotes

52. Os nossos Irmãos sacerdotes, em virtude da sua ordenação a **título de hospitalidade**, são chamados na Ordem principalmente ao exercício do sagrado ministério e à animação do serviço pastoral.

A eles diz respeito sobretudo:

- anunciar a Palavra de Deus, celebrar a Eucaristia e os sacramentos da Reconciliação e da Unção dos doentes;
- confortar com a sua presença, a sua doutrina e a sua oração, os doentes, de modo especial aqueles que se encontram em perigo de vida ou em agonia, oferecendo-lhes o conforto da fé e da esperança cristã;
- animar a vida espiritual e pastoral nas nossas comunidades e Obras Apostólicas;
- colaborar na Igreja local, de harmonia com a sua identidade hospitaleira.

CAPÍTULO IV

FORMAÇÃO PARA A NOSSA VIDA HOSPI-TALEIRA

A vocação hospitaleira

53. A vocação hospitaleira que recebemos é um dom que se desenvolve em nós na medida em que respondemos cada dia ao convite de Deus que nos chama a identificar-nos com Cristo no amor para com os homens, e especialmente no serviço aos doentes e necessitados.

ET, 55

A alegria que experimentamos no seguimento fiel de Jesus impele-nos a oferecer aos outros a possibilidade de compartilharem a nossa vida¹⁰⁸.

Conscientes de que Deus escolhe mediações humanas para manifestar a cada pessoa a sua vocação¹⁰⁹, sentimos a responsabilidade de colaborar com Ele para que os que receberam o mesmo dom que nós tenham a possibilidade de o descobrir e de escutar a voz do Senhor.

ZGL 8

Ao vermos que tantos homens, irmãos nossos, mergulhados na dor e na necessidade, e ao verificarmos as nossas insuficiências para fazer chegar a todos a nossa ajuda,

108 Cfr. 1Jo, 01, 01-04. 109 Cfr. Jo, 01, 41-42. 45-46; Act, 09, 06. 17.

elevamos a nossa oração, pessoal e comunitária, ao Senhor da messe, para que envie novos obreiros para a sua Igreja¹¹⁰, dispostos a imitar Cristo na sua missão salvífica, mediante o serviço apostólico hospitaleiro.

PC, 24b

De acordo com as orientações da Igreja, temos Irmãos que organizam e coordenam a pastoral vocacional, para apresentar ao povo de Deus a missão caritativa da Ordem.

54. As nossas comunidades estão abertas para receber aqueles que desejam ver como vivemos¹¹¹; oferecemos-lhe a possibilidade de compartilharem, de algum modo, a realidade da nossa missão e de experimentarem a felicidade da doação de si mesmos a Deus no serviço do próximo¹¹².

Elementos constitutivos da formação na Ordem

Princípios gerais

PC, 18b

55. A fidelidade à nossa identidade hospitaleira requer de cada Irmão uma formação integral, sólida e permanente, de acordo com as aptidões pessoais e com as condições de cada tempo e lugar, para que possa corresponder às exigências da sua própria vocação.

110 Cfr. Mt, 09, 37-38. 111 Cfr. Jo, 01, 39. 112 Cfr. Mc, 08, 35; 10, 22; Lc, 10, 17.20.

DCG79, Obj. V

Finalidade da formação na nossa Ordem

56. Todo o processo formativo visa o desenvolvimento harmónico e coerente da pessoa, para que seja capaz de assimilar o nosso carisma e de o viver com profundo espírito evangélico.

A formação deve favorecer, promover e desenvolver os valores humanos, cristãos e religiosos de acordo com a nossa identidade hospitaliera.

Responsáveis pela formação

57. O agente principal da formação é o Espírito Santo que, progressivamente, nos leva ao conhecimento pleno de Cristo¹¹³; o primeiro responsável em secundar esta ação é o próprio candidato. Os Superiores maiores, em tudo o que diz respeito à formação, têm a responsabilidade de:

PC, 18 c d

- prover à preparação, nomeação e actualização dos formadores, visto que da sua idoneidade e da sua ação depende em boa parte a vitalidade religiosa e o desenvolvimento da Ordem;
- ter o cuidado de que os programas de formação e a devida coordenação entre os diversos centros correspondam sempre

¹¹³ Cfr. Jo, 14, 26; 16, 13.

às orientações da Igreja e da Ordem
e às diferentes circunstâncias
de tempo e de lugar;

- proporcionar aos interessados
o tempo e os meios necessários
para que a formação
alcance os seus objectivos.

Discernimento e orientação das vocações

PC, 24 c

58. A melhor escola de orientação vocacional
consiste em oferecer aos candidatos
o nosso testemunho de fé,
de fraternidade e de serviço apostólico.

O discernimento das capacidades
e da determinação do candidato
de corresponder ao chamamento de Deus
realizar-se-á num clima de oração e de diálogo,
verificando também se ele possui:

Cân. 642

- boa saúde física e psíquica;
- idoneidade intelectual, moral e espiritual;
- aptidão para viver em comunidade;
- atitude de abertura e de serviço
perante a dor e as necessidades do próximo;
- capacidade de tomar decisões coerentes;
- nível adequado de educação na fé
e de abertura à ação de Deus na sua vida.

59. A formação estimula
as aptidões dos candidatos
e ajuda-os a integrá-las
harmonicamente na vida.

Tem por objectivo promover:

- no campo humano:
 - a capacidade de reflexão e de crítica;
 - o sentido de responsabilidade na liberdade;
 - a idoneidade para viver relações interpessoais autênticas;
- no campo sobrenatural;
 - o crescimento na fé, manifestado como aceitação de Deus na sua própria existência e como empenho em viver de harmonia com os valores do Evangelho¹¹⁴
 - o crescimento na esperança, vivida como habitual modo de ser e de agir, na espera da vinda do Senhor¹¹⁵;
 - o crescimento na caridade.

que se traduz:

- em espírito de piedade filial para com Deus¹¹⁶ e para com a Virgem Maria¹¹⁷;
- em atitude de comunhão com a Igreja, em espírito de fraternidade, fruto do amor de Deus por nós¹¹⁸;
- no campo da vida consagrada:
 - o seguimento de Cristo que requer de nós o empenho de nos configurarmos progressivamente com Ele nas dimensões essenciais da sua vida, tais como a virgindade, a pobreza, a obediência, e o amor misericordioso para com os doentes;

¹¹⁴ Cfr. Rom, 01, 16. ¹¹⁵ Cfr. 1Pd, 01, 03-05.13.21; 2Pd, 03, 13-14; Ap, 22, 17-20. ¹¹⁶ Cfr. 1Jo, 03, 01; Rom, 08, 15-17. ¹¹⁷ Cfr. Jo, 19, 27. ¹¹⁸ Cfr. 1Jo, 04, 07-12.

- as qualidades humanas e cristãs que favorecem a vida comunitária, educando para o espírito de fraternidade e de serviço;
- no campo da nossa vida hospitaleira:
 - os valores humanos, cristãos e evangélicos que permitem que nos realizemos de harmonia com o estilo de vida e com as finalidades da Ordem.

Integração progressiva

60. Os candidatos integrar-se-ão progressivamente na vida da nossa comunidade, de acordo com as etapas e as fases da sua formação. Participarão na vida de oração, de fraternidade e de serviço apostólico, na medida em que isso possa favorecer a experiência e a assimilação dos valores evangélicos da vida comum.

61. Os programas de formação serão elaborados tendo em conta as pessoas e as finalidades das etapas respectivas, harmonizando os conteúdos teóricos com o desenvolvimento, as expressões e a comunicação dos sentimentos do candidato.

62. O lugar onde se estabelece um centro de formação deve ser apropriado para se alcançarem os objectivos do respectivo período; por isso, haverá nele um clima que favoreça o silêncio, a oração, o estudo

e a possibilidade de uma experiência gradual da nossa vida comunitária nas suas várias manifestações.

Formação inicial

63. A formação inicial na nossa Ordem está organizada de modo que os candidatos alcancem a maturidade humana e de fé que lhes permita viver com sentido de responsabilidade, em liberdade e fidelidade, o seguimento de Cristo segundo o nosso carisma e estilo de vida.

As etapas que, de modo orgânico e progressivo, levam a este fim são: o pré-Noviciado, o Noviciado, e o Escolasticado.

Mestres e comunidades dos centros de formação

64. Os Superiores maiores confiam a orientação e a animação de cada uma destas etapas de formação a um Irmão que deverá:

- possuir o equilíbrio pessoal e a preparação humanística e teológica suficiente para realizar adequadamente a tarefa que lhe foi confiada;
- manter-se aberto à ação de Deus na sua própria vida, manifestando, na sua maneira habitual de agir,

Cân. 651, § 3

a maturidade na fé,
própria de uma pessoa adulta;

- estimular o amor e a fidelidade ao nosso carisma e à nossa missão, dentro da fidelidade às orientações da Igreja e da Ordem;
- secundar a ação do Espírito Santo nos candidatos, tendo com eles a mesma atitude que Jesus teve com os seus discípulos:
– confiança nos seus esforços;
– compreensão nas suas fraquezas;
– e permanente espírito de serviço¹¹⁹.

Para que um Irmão possa ser Mestre de noviços ou de escolásticos, além de possuir as qualidades referidas e uma boa experiência no apostolado hospitalero, requer-se que seja professo de votos solenes.

Cân. 651, § 1

Cân. 652, § 4

65. Os Irmãos que fazem parte da comunidade em que existe um centro de formação, conscientes da sua responsabilidade e da importância do seu testemunho no que diz respeito ao crescimento dos candidatos:

- esforçam-se por viver firmes na sua vocação e no seu apostolado;
- estão abertos aos sinais dos tempos, à juventude e ao diálogo com os formadores e os candidatos;
- estimulam constantemente

¹¹⁹ Cfr. Mt, 10, 05-08.16.26; 26, 40-45; 20, 28.

o espírito de unidade,
para que os candidatos e os novos Irmãos
aprendam através da experiência
o valor da ajuda fraterna
como elemento de crescimento
e de perseverança
na sua própria vocação.

Pré-Noviciado

66. Para que os futuros candidatos à nossa Ordem possam realizar um primeiro discernimento da sua própria vocação, as Províncias dispõem de centros de orientação vocacional, organizados em conformidade com as diferentes circunstâncias.

Const. 1585,
Tít. 01, c. 2
Const. 1617,
Cap. 9-10

Durante o Postulantado, que é o período de preparação imediata para o Noviciado e deve ter a duração de pelo menos seis meses, o candidato aprofunda o discernimento da sua própria vocação:

- com a oração e a reflexão;
- com o diálogo sincero com os formadores;
- com uma participação adequada na vida da comunidade;
- com o estudo das disciplinas previstas no programa formativo da Ordem.

Noviciado

67. O Noviciado tem como objectivo principal

fazer com que os noviços
vivam a experiência profunda
do encontro pessoal com Deus,
com a comunidade e com o homem que sofre.

Isto requer um clima de silêncio,
de oração, de austeridade,
de alegria e de fraternidade
capaz de pôr os noviços em condições
de crescerem no conhecimento de si próprios,
de interiorizar o sentido de pertença à Ordem
e de discernir a sua própria vocação,
para poder responder
livremente e com responsabilidade
ao chamamento de Cristo.

Em conformidade
com o programa formativo da Ordem,
os noviços devem receber uma formação
que os ajude a integrar os diversos aspectos
da vida do Irmão de S. João de Deus.

É preciso, portanto:
ajudá-los

Cân. 652, § 2
a cultivar as virtudes humanas e cristãs;
introduzi-los
num caminho mais empenhativo de perfeição,
mediante a oração e a abnegação de si mesmos;
guiá-los
na contemplação do mistério da salvação
e na leitura e meditação das Sagradas Escrituras;
prepará-los
para prestarem culto a Deus na sagrada liturgia;
formá-los
para as exigências da vida consagrada a Deus
e aos homens em Cristo,
através da prática dos conselhos evangélicos
e da hospitalidade;

informá-los
acerca da índole e do espírito,
das finalidades e da vida da nossa Ordem;
e educá-los
finalmente no amor à Igreja
e aos seus sagrados Pastores.

Cân. 641

A admissão dos postulantes ao Noviciado
é feita pelo Provincial
com o consentimento do seu Conselho.
Nenhum candidato pode ser admitido
na nossa Ordem
se não tiver as qualidades necessárias
para assumir o género de vida
próprio do nosso Instituto.
O tempo de Noviciado na nossa Ordem
é de dois anos.

Cân. 647, § 2

Para a validade do Noviciado é preciso
que o primeiro ano se complete
numa casa legitimamente designada para esse fim.
Uma ausência, durante este tempo,
superior a três meses, contínuos ou descontínuos,
invalida o Noviciado;
uma ausência superior a quinze dias
deve ser suprida.

Cân. 649, § 1

No respeitante às condições prévias
para a admissão
e às outras exigências do Noviciado,
devem observar-se as normas do direito universal
e do nosso direito próprio.

Cânones, 641-653

68. Acabado o período do Noviciado,
e depois de averiguada suficientemente a vocação,
o noviço entrega-se ao Senhor,
ligando-se à Ordem pelos votos temporários.

OPR, Praen. 5

Cân. 669, § 1

No ato da profissão,
recebe o hábito da Ordem,
que os Irmãos trazem
em sinal da sua consagração
e testemunho de pobreza.

Escolasticado

Cân. 659

69. O Escolasticado é o período de formação entre a primeira profissão e a profissão solene.

Tem como finalidade ajudar os Irmãos a progredir na perfeição da caridade e a atingir um grau de maturidade humana e espiritual que lhes permita compreender e viver a sua consagração na Ordem como um verdadeiro bem para si e para os outros.

Durante este tempo, os escolásticos:

Cân. 660

- alcançam a formação profissional e pastoral que lhes proporciona a possibilidade de realizar a missão apostólica da Ordem;
- aprofundam as motivações e as exigências da sua consagração a Deus e o sentido de pertença à Ordem.

Cân. 657, § 1

70. Terminado o período dos votos temporários, os Irmãos que voluntariamente o pedirem, e que forem admitidos pelos Superiores competentes, consagram-se definitivamente a Deus pela profissão solene.

Para esta escolha decisiva
há um período de preparação,
durante o qual esses Irmãos
estão livres de outras preocupações.
Num clima de maior reflexão e oração,
confrontam a sua vida com o Evangelho,
aprofundam o significado da sua consagração,
bem como o espírito e o carisma da Ordem.

Cân. 652, § 4

71. Todos nos sentimos responsáveis
pela formação dos jovens,
por isso os acolhemos e ajudamos
no processo da sua maturação,
sobretudo com o testemunho
da nossa consagração,
alegremente vivida em comunhão fraterna.

Por sua vez, os Irmãos jovens
devem abrir-se com generosidade e simplicidade
às relações comunitárias,
dedicando-se totalmente
ao serviço e à missão do Instituto
como expressão de gratidão
para com os Irmãos que nos precederam,
dos quais recebemos
o património espiritual da Ordem.

Formação permanente

72. A formação permanente
é uma exigência da própria vida
e a resposta contínua
à ação renovadora do Espírito,
que nos convida a secundar
os planos de Deus sobre o mundo,
com o dinamismo, a actualidade e a competência

Cân. 661

requeridos pela nossa consagração na vida hospitaliera.

É uma tarefa que dura a vida inteira e que nos empenha no aprofundamento constante de tudo o que foi adquirido durante a formação inicial e exige a nossa actualização no respeitante aos valores da cultura contemporânea, para alcançarmos o aperfeiçoamento progressivo da missão específica que a Igreja nos confiou.

73. Sentimo-nos todos responsáveis pela nossa formação, que nos mantém abertos à vontade de Deus num mundo que se transforma; portanto, todos contribuímos, conforme as nossas possibilidades, para que na nossa comunidade se alcance este objectivo.

O ambiente normal em que a nossa vida cresce é a comunidade local, que deve manter-se em atitude de constante progresso.

Contudo, algumas fases da formação permanente também as realizamos a outros níveis, a fim de favorecer o enriquecimento e a unidade da Ordem.

CAPÍTULO V

GOVERNO DA NOSSA ORDEM

Princípios de governo

74. A Igreja recebeu do Senhor Jesus, seu divino fundador, o poder que lhe foi dado pelo Pai celeste¹²⁰.

A nossa Ordem por ter sido aprovada pela Sé Apostólica, é um instituto de direito pontifício e desse poder participa na pessoa dos Superiores legitimamente eleitos ou nomeados.

Esta autoridade na Ordem é um verdadeiro serviço de amor, que os Superiores exercem para o bem comum, à imitação de Jesus Cristo¹²¹, na procura da vontade de Deus no que diz respeito ao Instituto, às comunidades e a cada Irmão.

75. Portanto, os Superiores exerçam a autoridade com espírito fraternal, pedindo pareceres, estimulando iniciativas, e tendo em consideração o direito universal da Igreja e o direito próprio da Ordem.

Esforcem-se por que os Irmãos a eles confiados procurem a Deus com sinceridade, cultivem entre si a verdadeira comunhão fraterna e ajudem o próximo em conformidade

LD, 01.01.1572

Cân. 589

MR, 13

Pio XII, 11.02.1958

PC, 14c

Cân. 617

120 Cfr. Mt, 28, 18-20; Jo, 20, 21. 121 Cfr. Mt, 20, 28.

RSA, 46
Cân, 619

LG, 45a
LG, 8

com o nosso carisma hospitaleiro.

Seguindo a nossa Regra,
sejam para todos modelo de boas obras,
corrijam os inquietos, animem os tímidos,
acolham os doentes,
e sejam pacientes com todos¹²².

76. O dom da hospitalidade,
que recebemos do Espírito Santo,
vivemo-lo numa instituição
aprovada pela Igreja;
por isso, a nossa Ordem, tal como a Igreja,
é ao mesmo tempo
uma realidade carismática e institucional.

Um corpo de normas adequadas
favorece o exercício do carisma
e ajuda a vivê-lo em plenitude,
facilitando a missão
ao serviço do povo de Deus.

Por isso, a nossa Ordem é regida
pelo direito universal da Igreja
e pelo nosso direito próprio,
contido nas Constituições,
nos Estatutos Gerais
e nos documentos da Santa Sé
que dizem respeito ao nosso Instituto.

Estrutura orgânica da nossa Ordem

77. A nossa Ordem, na Igreja universal,
constitui um só corpo, composto por:

- *Comunidades Locais*,

Cân, 608

122 Cfr. 1Tes, 05, 14.

estabelecidas num determinado lugar para o exercício do nosso apostolado e para a participação na vida fraterna, sob a responsabilidade de um Superior;

Cân. 621

- ***Províncias***, constituídas por um certo número de comunidades, que têm entre si uma relação especial de fraternidade e de serviço apostólico, sob a orientação de um Superior maior;
- ***Vice-Províncias***, que são Províncias em fase de constituição;
- ***Delegações Gerais***, constituídas por uma ou mais comunidades colocadas na dependência imediata do Definitório Geral;
- ***Delegações Provinciais***, constituídas, em casos particulares, por uma ou mais comunidades locais, dependentes de uma Província.

Cân. 581

78. A ereção e a supressão das Províncias, Vice-Províncias e Delegações Gerais, e ainda as eventuais alterações nas respectivas delimitações, cabem ao Definitório Geral, depois de ouvido o parecer dos Definitórios Provinciais interessados.

Cân. 585

A ereção, a supressão e a alteração da finalidade das comunidades locais e das obras hospitalares

Cân. 609, § 1

Cân. 612

Cân. 616, § 1

cabem ao Definitório Geral com o consentimento do Definitório Provincial, depois de ouvidas as comunidades interessadas e observando também quanto prescreve o direito universal.

A ereção, a supressão e eventuais alterações na delimitação das Delegações Provinciais cabem ao Definitório Provincial, com a aprovação do Geral.

79. Tudo o que estabelecem as Constituições e os Estatutos Gerais relativamente às Províncias e aos Provinciais vale também, se não houver declaração contrária, respectivamente para as Vice-Províncias e para os Vice-Provinciais.

Órgãos de governo

80. a) Exercício do poder:

Cân. 618

Cân. 596, § 1

O poder que a nossa Ordem recebeu de Deus, mediante o ministério da Igreja, é exercido:

- de modo extraordinário, pelo Capítulo Geral sobre toda a Ordem, pelo Capítulo Provincial sobre a Província e pelo Capítulo local sobre a comunidade;
- de modo ordinário, pelo Geral, pelo Provincial

ou pelo Superior local,
cada um dentro dos limites
da sua própria competência,
coadjuvados pelos respetivos Conselhos.

b) *No que diz respeito aos Capítulos:*

- Para que possam ser celebrados requer-se que estejam presentes pelo menos dois terços daqueles que devem ser convocados;
- Tratando-se de eleições, usa-se a votação secreta e considera-se eleito aquele que tiver obtido a maioria absoluta dos votos daqueles que estão presentes;
- Depois de dois escrutínios ineficazes, procede-se ao terceiro, no qual gozam de voz passiva somente os dois candidatos que no segundo escrutínio obtiveram maior número de votos;
- Se no terceiro escrutínio houver paridade de votos, considera-se eleito o mais antigo na profissão solene; e se os candidatos estiverem também em paridade quanto à data da profissão, considerar-se-á eleito o mais velho em idade;
- Para a eleição do Geral, procede-se da maneira acima indicada, depois da prévia eleição de um Presidente para a respectiva sessão, eleito pelo Capítulo de entre os seus membros;

Cân. 119, 1.º

Cân. 625, § 1

Cân. 625, § 3

- Todas as eleições feitas nos Capítulos carecem da confirmação do Presidente; todavia, este não é obrigado a concedê-la, excepto quando se trata das eleições que se fazem no Capítulo Geral;

Cân. 119, 2.º

- Nos outros assuntos, se o próprio Capítulo não estabelecer que se proceda de maneira diferente, também se decide por votos secretos e com a maioria absoluta daqueles que estão presentes; se, porém, depois de dois escrutínios houver igualdade de votos, o Presidente pode dirimir a paridade com o seu voto.

c) *Temporalidade dos cargos:*

Cân. 624, §§ 1-2

Os cargos para o governo da Ordem são temporários; a sua duração está ligada à celebração dos Capítulos, em que cada um deles deve ser renovado.

CG 2009

Todos os Superiores maiores e os respetivos Conselheiros podem ser reeleitos para um segundo sexénio ou quadriénio, mas não imediatamente por uma terceira vez.

Cân. 181, § 1

A postulação não pode ser admitida a não ser em casos extraordinários, e para que tenha validade requerem-se pelo menos dois terços dos votos.

PC, 14d
Cân. 633

81. Os Conselhos e os Capítulos, cada qual no âmbito das suas próprias atribuições, são a expressão da participação e da solicitude de todos pelo bem comum.

Cân. 631, § 1

Governo Geral

Capítulo Geral

Cân. 131, § 3

82. O Capítulo Geral é a forma mais profunda de comunhão no carisma da Ordem, e é o momento em que se manifesta de modo especial a colegialidade. Tem a suprema autoridade dentro da Ordem e é, por isso, o principal responsável pela orientação do nosso Instituto na realização da missão que lhe foi confiada pelo Espírito Santo na Igreja.

Por conseguinte, todos os Irmãos, cada um no âmbito das suas competências, devem contribuir para que o Capítulo alcance as suas finalidades, quer participando como capitulares na sua celebração, quer colaborando com sentido de responsabilidade na sua preparação mediante a eleição dos Vogais, quer apresentando as sugestões que julgarem oportunas para o bem da Ordem, quer ainda e sobretudo pedindo humildemente a ajuda do Senhor.

83. O Capítulo Geral:

Cân. 631, § 3

- examina o estado da Ordem

<p>CG2000</p> <p>Cân. 631, § 2</p>	<p>relativamente às exigências da vida religiosa, de acordo com a doutrina da Igreja;</p> <ul style="list-style-type: none"> • estuda, promove e propõe autenticamente as diversas maneiras de manifestar o nosso carisma; • resolve, através de uma declaração prática, as dúvidas e dificuldades que se possam apresentar acerca das Constituições; • elege o Superior Geral e pelo menos quatro Conselheiros Gerais, <i>requerendo-se a postulação se o Superior Geral for sacerdote, ou no caso de se tratar de um terceiro mandato consecutivo^{**}</i>; • promulga os decretos que julgar convenientes para o bem da Ordem. <p>84. O Capítulo Geral celebra-se:</p> <ul style="list-style-type: none"> • cada seis anos; • no final do primeiro triénio se houver de ser eleito o Geral por vagatura do cargo, ocorrida durante o referido triénio. <p>É convocado pelo Geral ou pelo Vigário-Geral.</p> <p>85. Têm obrigação de nele participar: como membros por <i>ofício</i>[*]:</p>
------------------------------------	---

[**] Alteração proposta no Capítulo Geral de 2000.

[*] Alteração proposta no Capítulo Geral Extraordinário de 1997.

- o Geral ou o Vigário-Geral,
na qualidade de Presidente;
- os Conselheiros Gerais;
- os Provinciais ou os Vigários Provinciais;
- os Vice-Provinciais
ou os Vigários da Vice-Províncias;
- os Delegados Gerais
que governam as Delegações Gerais.

Participarão também
os Vogais eleitos nos termos dos Estatutos Gerais,
os quais devem ser Irmãos de votos solenes
e em número não inferior
aos referidos participantes por *ofício*^{*}.

Cân. 632

86. O Geral,
com o consentimento do seu Conselho,
pode dispor que,
entre um Capítulo Geral e o seguinte,
se celebre uma Assembleia Geral da Ordem,
nos termos dos Estatutos Gerais.

Superior Geral

87. O Superior Geral é, antes de mais,
o vínculo de união de toda a Ordem;
acima de qualquer outro, tem o dever
de preservar e promover fielmente,
entre os nossos Irmãos e nas nossas obras,
o espírito próprio do nosso Instituto.

Ele deverá, portanto, reflectir

[*] Ver nota anterior.

na sua própria pessoa e no seu governo o carisma genuíno da Ordem e o seu ideal apostólico de caridade, tendo em conta as sãs tradições e promovendo novas iniciativas adequadas aos tempos e aos lugares.

Cân. 623

Para que um Irmão possa ser Superior Geral requer-se que tenha completado doze anos de profissão solene.

Cân. 622
Cân. 617

A autoridade do Geral estende-se a todas as Províncias, comunidades, obras hospitalares e Irmãos da Ordem, nos termos do direito universal e do nosso direito próprio.

Cân. 628, § 1

Durante o período do seu ofício, fará pessoalmente, ou por meio de um seu delegado, pelo menos uma vez, a visita canónica a todas as comunidades e obras da Ordem.

Cân. 624, § 3

Se existir uma causa proporcionada que diga respeito ao bem comum, pode remover ou transferir os Irmãos de qualquer cargo ou ofício, nos termos dos Estatutos Gerais.

Cân. 627, § 1

Conselheiros Gerais

88. Os Conselheiros Gerais colaboram com o Geral no governo da Ordem, e assim exprimem a fraternidade

Cân. 127, § 3

de todo o nosso Instituto.
Dão, portanto, ao Geral
com fidelidade, sinceridade e plena liberdade,
o seu conselho,
quando lhes for pedido
e todas as vezes que o julguem útil no Senhor.

Os Conselheiros Gerais
devem ser Irmãos com pelo menos
seis anos de profissão solene.

Juntamente com o Geral
formam o Definitório Geral.

89. Estando vago, por qualquer motivo,
o cargo de Geral,
o primeiro Conselheiro governará a Ordem
como Vigário-Geral
até à celebração do Capítulo Geral.

Estando ausente ou impedido o Geral,
será seu substituto o primeiro Conselheiro;
no caso, porém, de também este
estar ausente ou impedido,
entrará em funções o Conselheiro mais próximo
não impedido.
Este Vigário ocasional,
a não ser com mandato especial,
não pode modificar as disposições do Geral.

Para auxiliar o governo geral da Ordem,
existem também os cargos
de Procurador, de Economo e de Secretário Geral,
que não estão necessariamente ligados
ao cargo de Conselheiro Geral.

Cân. 636, § 1

Os Irmãos designados para tais ofícios

devem ser professos de votos solenes
há pelo menos seis anos.
No que respeita às funções
e às condições para a sua nomeação ou eleição,
observem-se as normas dos Estatutos Gerais.

Governo Provincial

Capítulo Provincial

Cân. 632

90. O Capítulo Provincial, ressalvando sempre a autoridade do Capítulo Geral
e do Geral,
é o órgão extraordinário
do governo da Província;
nele se manifesta de modo particular
a comunhão das diversas comunidades locais
entre si e com toda a Ordem.

Os Irmãos da Província,
tendo em conta a importância que ele tem
para a vida e para o apostolado
da Província,
participarão responsávelmente
na sua preparação ou na sua celebração,
cada qual conforme as suas atribuições.

91. No Capítulo Provincial:

- examina-se o estado da Província
sob todos os aspectos
da nossa vida religiosa;
- aplicam-se as decisões e as orientações
do Capítulo Geral, tendo em conta
as circunstâncias e as exigências locais;

	<ul style="list-style-type: none"> • elegem-se nos termos dos Estatutos Gerais, o Provincial, pelo menos dois Conselheiros Provinciais;
Cân. 625, § 3 CG2000	<ul style="list-style-type: none"> • O novo Definitório Provincial nomeará, em sessão definitorial, <ul style="list-style-type: none"> – os Delegados Provinciais – os Superiores locais – os Mestres de Noviços e de Escolásticos.
	<ul style="list-style-type: none"> • Emanam-se os decretos convenientes para o bem da Província.
CG2009	<p>92. O Capítulo Provincial celebra-se cada quatro anos e é convocado pelo Superior Geral.</p>
	<p>93. Têm obrigação de nele participar, como membros por <i>ofício</i>[*]:</p> <ul style="list-style-type: none"> • o Geral ou o seu Delegado, na qualidade de Presidente; • o Provincial ou o Vigário Provincial; • os Conselheiros Provinciais; • os Delegados Provinciais que governam as Delegações Provinciais.
	<p>Participarão também Vogais designados nos Estatutos Gerais, que devem ser Irmãos de votos solenemente em número não inferior aos referidos participantes por <i>ofício</i>[*].</p>
Cân. 632	<p>94. Em todas as Províncias, entre um Capítulo Provincial e o seguinte, celebra-se pelo menos uma vez</p>

[*] Alteração proposta no Capítulo Geral Extraordinário de 1997.

a Assembleia Provincial,
em conformidade com os Estatutos Gerais.

Superior Provincial

95. O Superior Provincial, como Superior maior, é o principal responsável pela promoção da vida religiosa e de todas as atividades formativas e apostólicas da Província.

Cân. 623

Para que um Irmão possa ser Provincial deve ter completado seis anos de profissão solene.

Cân. 622

Cân. 617

A autoridade do Provincial estende-se a todas as comunidades e obras e a todos os Irmãos da Província, segundo o direito universal e o direito próprio da Ordem.

CG 2009
Cân. 628, § 1

Durante o quadriénio do seu ofício, fará pelo menos uma vez a visita canónica a todas as comunidades e obras da Província.

Conselheiros Provinciais

Cân. 627, § 1

Cân. 127, § 3

96. Os Conselheiros Provinciais colaboram fraternalmente com o Provincial no governo da Província.

Conscientes da sua responsabilidade, dão o seu parecer, conselhos e sugestões ao Provincial, não só quando ele os pedir,

mas também sempre que o julguem oportuno para o bem comum.

Devem ser Irmãos com pelo menos três anos de votos solenes.

Juntamente com o Provincial constituem o Definitório Provincial.

97. Estando vago por qualquer motivo o cargo de Provincial, governará a Província, como Vigário Provincial, o primeiro Conselheiro, nos termos dos Estatutos Gerais.

Estando ausente ou impedido o Provincial, será seu substituto o primeiro Conselheiro; no caso, porém, de também este estar ausente ou impedido, entrará em funções o Conselheiro mais próximo não impedido.

Este vigário ocasional não pode modificar, a não ser com mandato especial, as disposições do Provincial.

Para auxiliar o governo provincial, existem também os ofícios de Ecónomo e Secretário.

No respeitante à nomeação e aos requisitos para tais ofícios, observem-se os Estatutos Gerais.

Governo local

Superior local e seu Conselho

Cân. 622

Cân. 617

Cân. 623

98. O Superior local, em virtude do seu ofício, é o animador principal da comunidade e goza da autoridade que lhe atribuem o direito universal e o direito próprio da Ordem.

Não pode ser Superior local o Irmão que não for professo de votos solenes, nos termos dos Estatutos Gerais.

Sendo o principal responsável pela família religiosa, manifestem-lhe os Irmãos a devida deferência e ajudem-no eficazmente no desempenho das suas funções.

Observe ele e procure fraternalmente que sejam observadas as Constituições e as outras normas do Instituto, pondo especial atenção em que se vivam as exigências da vida comunitária.

Aproxime-se com frequência dos seus Irmãos em diálogo aberto, e, escutando-os com cordialidade, informe-se das suas aspirações e necessidades, para os ajudar a alcançar a finalidade da vida religiosa.

Pelo menos nas comunidades onde haja um mínimo de seis Irmãos professos, sejam eleitos, nos termos dos Estatutos Gerais,

um Vice-Superior e dois Conselheiros.

Capítulo local

Cân. 632

99. Cabe ao Capítulo local examinar e decidir os assuntos que se referem à vida da comunidade, segundo o nosso direito próprio e o direito universal.

É um dos momentos principais durante os quais se manifestam as atitudes de diálogo e de corresponsabilidade dos Irmãos que o compõem.

Por isso, o Superior local não modifique os costumes legítimos nem faça inovações, sem ter primeiro ouvido o Capítulo local ou, conforme os casos, sem o seu consentimento; além disso, quando for requerida, deve ter também a licença do Provincial.

Administração dos bens temporais

Cân. 634, § 1
Cân. 1255

100. A nossa Ordem como tal, as suas Províncias, as sua comunidades e as suas obras, nos termos do direito universal e do nosso direito próprio, gozam de personalidade jurídica e, por conseguinte, têm a faculdade de adquirir, possuir, administrar, e alienar tudo o que for conveniente para a manutenção e desenvolvimento da nossa vida

e da nossa missão caritativa e hospitaleira.

Cân. 1279, § 1
Cân. 638, § 2

Compete aos respetivos Superiores, por si próprios ou por meio de outrem, realizar qualquer ato de administração, como também aceitar doações, heranças ou legados para a Ordem, para a Província, para a comunidade local, para as obras ou para cada um dos Irmãos, feitos a qualquer título, e assinar os respetivos documentos, observando sempre as prescrições do direito universal e do direito próprio.

Os nossos Irmãos tenham presente que não são donos dos bens temporais, mas somente representantes e administradores.

A administração dos bens deve ser dirigida ao bem dos doentes e dos necessitados, em conformidade com as leis da Igreja, com as nossas Constituições, com os Estatutos Gerais e com as disposições justas em vigor nos vários países.

123 Cfr. Ex, 34, 06-09; Is, 49, 14-16; 1Cor, 01, 08-09. 124 Cfr. Rom, 08, 29; Ef, 01, 04. 125 Cfr. Rom, 03, 24; 08, 14-16; 1Cor, 12, 03-11; Gál, 05, 22-23. 126 Cfr. Rom, 08, 35-39; 11, 29. 127 Cfr. 2Pd, 01, 03-10; 2Tes, 01, 11-12. 128 Cfr. Mt, 07, 21; Jo, 15, 10-14. 129 Cfr. Mt, 25, 14-30; Lc, 19, 11-26.

CAPÍTULO VI

FIDELIDADE À NOSSA VOCAÇÃO HOSPITALEIRA

Resposta ao dom de Deus

101. A fidelidade à vocação que recebemos é possível graças à fidelidade imutável de Deus¹²³. Ele, escolhendo-nos para reproduzir a imagem do seu Filho¹²⁴, enriqueceu-nos com os dons do Espírito¹²⁵, como garantia da irrevogabilidade do seu amor e do seu chamamento¹²⁶.

Esta atitude de Deus exige de nós uma resposta constante de fidelidade¹²⁷:

LG, 47

PC, 5d

- ao próprio Deus, vivendo em comunhão com Ele, cumprindo a sua vontade¹²⁸;
- a nós mesmos, cultivando os dons que recebemos¹²⁹;
- aos nossos Irmãos, ajudando-os na sua realização pessoal¹³⁰;
- à Igreja, exercendo a nossa missão em conformidade com o carisma que nos foi dado¹³¹;
- aos doentes e aos necessitados, oferecendo-lhes o nosso serviço como manifestação

¹³⁰ Cfr. Flp, 02, 02-05; Tg, 04, 11; 1Pd, 04, 08-10. ¹³¹ Cfr. Ef, 04, 01.11-13; Rom, 12, 06-08.

do amor de Deus por eles¹³².

102. Temos consciência de viver o dom recebido condicionados pela nossa fragilidade humana.¹³³ e por um ambiente que nos impele continuamente a assumir valores alheios ao Evangelho.¹³⁴ Isto incita-nos a viver em atitude de constante humildade e de conversão, aceitando a necessidade da ascese pessoal¹³⁵ como meio para conseguir a fidelidade.

Cultivamos esta atitude:

- na relação com Deus, nos momentos de recolhimento e de silêncio em que nos encontramos pessoalmente com Ele, renovamos o sentido da nossa existência e acolhemos os outros na sua realidade;
- no convívio fraterno, em que, segundo a oportunidade as nossas relações comunitárias se convertem em estímulo, compreensão, simplicidade ou correção fraterna.¹³⁶

Fidelidade às nossas virtudes peculiares

103. A nossa espiritualidade resume-se em viver em íntima relação o amor a Deus e o amor ao próximo necessitado¹³⁷. Manifestamos cada dia esta atitude fundamental da nossa vida com gestos de solidariedade, de serviço e de dedicação aos pobres e aos doentes.

132 Cfr. 1Jo, 04, 09-12. 133 Cfr. Rom, 07, 14-25; 2Cor, 04, 07; 12, 07. 134 Cfr. Mt, 18, 07. 135 Cfr. Mt, 26, 41; Lc, 13, 03; 1Cor, 09, 24-27; 1Pd, 05,08. 136 Cfr. Rom, 15, 01-02.07.14; Gál, 06, 01-02; Heb, 03, 13. 137 Cfr. Lc, 10, 27; 1Jo, 04, 12.

Conservaremos vivo este espírito na medida em que pusermos os que sofrem no centro de toda a nossa atividade apostólica e de todas as nossas preocupações.

Tudo isto exige de nós uma particular atenção, quer individual quer comunitariamente, para que todos os nossos dotes de carácter espiritual, intelectual e material, estejam sempre ao serviço dos pobres.

Igualmente nos ajuda a permanecer sempre na simplicidade e na austeridade próprias da nossa vocação, renunciando voluntariamente àquilo que, embora pudesse tornar mais agradável a nossa vida, não contribui para nos aproximar de Deus.

Sentido de pertença à Ordem

104. Ser Irmão de S. João de Deus é para nós a maneira concreta de viver como cristãos e como religiosos. Por isso, fazemos questão de manifestar a nossa identidade¹³⁸.

Isto nos incita a dedicar-nos completamente ao progresso da nossa Ordem e à realização da sua missão na Igreja, e ao mesmo tempo a sentir como próprias as alegrias e as dificuldades dos nossos Irmãos espalhados por todo o mundo¹³⁹.

Interessamo-nos por conhecer e aprofundar

138 Cfr. Mt, 10, 32-33; Lc, 09, 26. 139 Cfr. Rom, 12, 15; 1Cor, 12, 26.

a história e a espiritualidade da nossa Ordem e esforçamo-nos constantemente por viver no respeito pelas suas sãs tradições.

Separação da Ordem

105. Se algum Irmão, depois da profissão, encontrar dificuldade em permanecer na Ordem, procurará em primeiro lugar a vontade de Deus a seu respeito com um sério discernimento.

Em tal circunstância, os Irmãos, particularmente os Superiores, procurarão estar ao seu lado sobretudo com a oração e com o diálogo fraternal.

Se houver de se chegar à decisão da separação, temporária ou definitiva, da Ordem quer por vontade do Irmão quer por determinação dos Superiores, proceda-se nos termos do direito próprio e do direito universal da Igreja.

Cân. 684-704

O Irmão que deixar a Ordem, quer voluntariamente quer por legítima demissão, nada pode exigir do Instituto por qualquer trabalho nele prestado; contudo, os Superiores procurarão ajudá-lo segundo a equidade e a caridade evangélica.

Cân. 702

Cân. 587, § 2
Cân. 583

CGExt.97
(Rev. Est. Gerais)

Constituições da Ordem

106. 1) Para se poderem introduzir alterações no texto das presentes Constituições, requer-se a aprovação do Capítulo Geral, expressa com pelo menos dois terços dos votos, e o consentimento da Santa Sé, à qual pertence também a sua interpretação autêntica.

2) A dispensa das Constituições pertence habitualmente à Santa Sé. Mas, em caso de grave necessidade, o Superior Geral, com o consentimento do seu Conselho:

- a) pode pedir à Santa Sé a suspensão de qualquer norma constitucional, até à celebração do próximo Capítulo Geral;
- b) pode, além disso, dispensar toda a Ordem de qualquer norma constitucional até à celebração do próximo Capítulo Geral, contanto que a dispensa não seja expressamente proibida.
- c) com justa e proporcionada causa, qualquer Superior, obtido o consentimento do seu Conselho, pode dispensar os Irmãos que estão sob a sua jurisdição de qualquer norma disciplinar das Constituições, na condição de que não lhe esteja proibida a dispensa.*

107. Os Estatutos Gerais contêm as normas práticas mais necessárias

[*] Alteração proposta no Capítulo Geral extraordinário de 1997, em Salice Terme, Pavia.

para a aplicação dos princípios contidos nas Constituições.

As alterações que, com o tempo, se julgar oportuno introduzir são reservadas ao Capítulo Geral, que deverá manifestar a sua vontade, em cada caso, com pelo menos dois terços dos votos.

Cân. 587, § 4

108. A observância das Constituições é expressão da nossa comunhão com a Igreja e meio muito válido para conservar sempre vivo o nosso carisma; por isso, lembrados do dever de as observar que assumimos na profissão, esforçamo-nos constantemente por ir descobrindo o seu genuíno significado e por amoldar a elas a nossa vida.

Cân. 578

Cân. 598, § 2

Cân. 662

ÍNDICE DAS REFERÊNCIAS BÍBLICAS

	ANTIGO TESTAMENTO	CONSTITUIÇÕES
EX	34, 06-09	101a
TOB	4, 07 12, 08-10	49a 49a
PROV	11,17	49b
SIR	3, 30	49b
IS	49, 14-16 53, 03	101a 33
DAN	04, 24	49b

	NOVO TESTAMENTO	CONSTITUIÇÕES
MT	1, 18-20	25b
	4, 23	2a
	5, 43-48	20
	6, 02-04	49a
	7, 21	101c
	8, 16-17	2c/20
	8, 17	1b/46a
	8, 20	12b

NOTA - Na coluna da direita dos ÍNDICES DA BÍBLIA e dos CÂNONES indicam-se os números que dividem o texto das Constituições.

As letras minúsculas que acompanham esses números referem-se aos respectivos parágrafos.

O mesmo se aplica ao ÍNDICE ANALÍTICO

	NOVO TESTAMENTO	CONSTITUIÇÕES
Mt	9, 10-13	44c
	9,12	20
	9,35	2a
	9,37-38	53d
	10,5-8.16.26	64e
	10,7-8	3b/21a
	10,8	42a/43c
	10,32-33	104a
	11,5	2b
	11,28-30	44c
	12,15-21	2c
	15,32	5b
	18,1-6	44c
	18,7	102a
	18,20	27a/38c
	19,11-12	10a
	20,25-26	16c
	20,28	2c/64c/74c
	20,34	5b
	22,36-40	1a
	25,14-30	101d
	25,34-40	41b

	NOVO TESTAMENTO	CONSTITUIÇÕES
Mt	25,34-45	20
	25,34-46	1b
	25,35-40	2c
	26,40-45	64e
	26,41	102a
	28,18-20	74a
Mc	1,32-34	41b
	1,41	5b
	3,13-14	5b
	7,37	4a
	8,35	54
	10,22	54
Lc	16,15	41b/48a
	1,31-38	42b
	1,34-37	25b
	1,38	25b
	1,38.39.56	4c
	1,39-40.56	42b
	1,48	25b
	2,7.48.51	42b
	4,18	2b/2b/45a

	NOVO TESTAMENTO	CONSTITUIÇÕES
Lc	4,18-19	20
	4,21	20
	4,38-41	20
	4,40	4a/41b
	5,13	41b
	6,20	41b
	6,36	20
	7,11-13	20
	7,13	5b/41b
	7,13-14	46a
	7,19-23	20
	7,22	12c
	8,48	41b
	9,1-2	41b/42b
	9,2	21a
	9,26	104a
	10,1-9	41b
	10,9	3b
	10,17.20	54
	10,27	103a

	NOVO TESTAMENTO	CONSTITUIÇÕES
Lc	12,33	49a
	13,5	102a
	15,1-10	41b
	18,15-16	20
	18,15-17	41b
	19,1-10	41b
	19,11-26	101d
	22,26-27	18d
	22,41-42	16a
Jo	1,13	10c
	1,39	54
	1,41-42. 45-46	53c
	2,3	25c/42b
	2,3,5	4c
	4,34	16a
	6,38-39	16a
	8,10-11	41b
	10,10	10d/20
	10,14-18	16a
	11,33-36	20

	NOVO TESTAMENTO	CONSTITUIÇÕES
Jo	12,27-29	16a
	13,13-15	42a
	13,34-35	36a
	14,8	27b
	14,23	27b
	14,26	57a
	15,4-5.9	42a
	15,10-14	101c
	15,12-13	36a
	15,13-17	11b
	15,14-15	36a
	16,13	57a
	17,21	26b
	19,25	4c/34a/42b
Act	19,26	25c
	19,27	59c
	20,21	74a
	2,44	14a
	2,44-45	26b
	4,32	14a/26b

	NOVO TESTAMENTO	CONSTITUIÇÕES
Act	9,6.17	53c
	10,38	2a
	20,35	13e
Rom	1,16	59c
	3,24	101a
	5,5	10a/26a
	6,4	7a
	7,4	7a
	7,14-25	102a
	8,2	17a
	8,14-16	101a
	8,15-17	59c
	8,29	4a/7a/101a
	8,35-39	101a
	11,29	101a
	12,1	7c
	12,6-8	101f
	12,8	3b
	12,9-10	36b
	12,15	46a/104b

	NOVO TESTAMENTO	CONSTITUIÇÕES
Rom	15,1-2.7.14	102c
1Cor	1,8-9	101a
	2,10	27b
	3,16	10d
	6,19	10d
	7,32-35	10b
2Cor	9,22	3a
	9,24-27	102a
	10,24	36b
	12,3-11	101a
	12,4-7.12-13	38c
	12,26	104b
	2,8-9	12b
Gál	4,7	102a
	12,7	102a
	2,20	22a
	5,1	17a
	5,1.13.14	16c
	5,22-23	101a
	6,1-2	102c

	NOVO TESTAMENTO	CONSTITUIÇÕES
Ef	1,3-12	27b
	1,4	7a/101a
	1,13-14	7a
	2,11-13.19-22	27b
	4,1-6	36a
	4,11-13	101f
	4,12-13	7a
	5,2	22a
Flp	2,2-5	101e
	2,3-4	36b
	2,5-6	12a
	2,5.7	3a
	2,8	16a
	2,11	8
	3,8	29
Col	2,12	7a
	3,12-13	36b
1Ts	5,14	75c
2Ts	1,11-12	101b
	3,7-14	13a

	NOVO TESTAMENTO	CONSTITUIÇÕES
1Tim	6,8-10	14b
	2,17	2c
	2,14-18	12b
Heb	3,13	102c
	5,8	2c/16a
	10,24-25	38b
	3,2	31a
Tg	4,11	101e
	1,3-5.13.21	59c
1Pd	2,5	7c
	3,8-9	36b
	4,8-10	101e
	5,8	102a
	1,3-10	101b
2Pd	3,13-14	59c
	1,1-4	53b
1Jo	1,3	27b
	3,1	59c
	3,14.18	1b
	3,16	22a

	NOVO TESTAMENTO	CONSTITUIÇÕES
1Jo	3,16-18	42a
	4,7-12	59c
	4,9	20
	4,9-12	101g
	4,10-11	28a
	4,10.19	27a
	4,12	103a
	4,19-20	28a
	4,20-21	1a
Ap	1,6	7c
	22,17-20	59c

ÍNDICE DAS REFERÊNCIAS AO DIREITO CANÓNICO

CÂNONES	CONSTITUIÇÕES
119,1. ^º	80b)b
119,2. ^º	80b)g
127,§3	88b/96b
181,§1	80c)c
578	108
581	78a
583	106
585	78a
587,§2	106
587,§4	107b
589	74b
590	18b
596,§1	80a)a
597	67d
598,§2	5c/108
599	10b
600	15a
601	18a
608	30c/77b
609,§1	78b
612	78b
616,§1	78b

CÂNONES	CONSTITUIÇÕES
617	75a/87d/95c/98a
618	18d/80a)a
619	75c
621	77c
622	87d/95c/98a
623	87c/95b/98b
624,§§1-2	80c)a
624,§3	87f
625,§1	80b)e
625,§3	80b)f/91c
627,§1	88a/96a
628,§1	87e/95d
631,§1	82a
631,§§1-2	83a
631,§2	85
631,§3	82b
632	86/90a/94/99a
633	81
634,§1	100a
636,§1	89c/97c
638,§2	100b
641	67d
641-653	67g
642	58b/67d

CÂNONES	CONSTITUIÇÕES
647,§2	67f
649,§1	67f
651,§1	64f
651,§3	64b
652,§2	67c
652,§4	65a/71a
654	9a
655	9b
656,3.º	9e
657,§1	70a
657,§2	9d
659	69a
660	69c
661	72b
662	108
663,§1	27b
663,§2	30b
663,§3	28ab/32a
663,§4	34b
664	31b
666	38g
667,§1	39
668,§1	15b
668,§3	15d

CÂNONES	CONSTITUIÇÕES
668,§5	15c
669,§1	68b
670	9a
675,§1	41a
675,§2	28a/42a
675,§3	42b
677,§1	6c/45c
678	18c
680	45e
684-704	105c
702	105d
783	48b
1174,§1	32a
1255	100a
1279,§1	100b

ÍNDICE ANALÍTICO DAS CONSTITUIÇÕES

ADMINISTRAÇÃO

- os professos de votos temporários cedem a a. dos seus bens, 15b;
- a. dos bens temporais, 100.

APOSTOLADO (MISSÃO)

- a nossa m. e o nosso a. concretizam-se na dedicação aos doentes, 5ab, 21, 22, 23, 45a, 103bc;
- sentimo-nos particularmente unidos àqueles que desenvolvem uma m. semelhante à nossa, 6d;
- pela nossa m. participamos de modo especial na ação sacerdotal de Cristo, 7c;
- a castidade torna fecundo o nosso a., 10d;
- a pobreza sustenta e estimula o nosso a., 12c, 13a, 40;
- a obediência facilita o cumprimento da nossa m., 17, 19;
- dimensão comunitária da nossa m. e do nosso a., 26c, 41a, 43c, 77bc;
- o amor misericordioso do Pai, fonte primária da nossa m., 28a;
- a Paixão de Cristo e a nossa m., 33;
- a. segundo o estilo de Jesus, 4a, 21, 41b;
- modelos do nosso a., 4c, 35;
- meios para reforçar o nosso a., 42, 43;
- actualidade do nosso a., 44a;
- características do nosso a.: humanização, 44b; predilecção pelos pobres, 44c; valorização da vida, 44d; solidariedade, 46a; colaboração, 46b; simplicidade evangélica, 46c;
- formas concretas de a., 47, 48, 49;
- os formadores devem ter uma boa experiência de a., 64f;
- formação para o a., 43d, 69c, 72;
- principais responsáveis pela orientação da nossa m. e a., 82a, 87b, 90b, 95a;
- bens temporais e a., 100ab;
- fidelidade à nossa m., 101f.

ASSEMBLEIA

- a. geral, 86;
- a. provincial, 94.

AUTORIDADE

- a. da Igreja, 74a;
- a nossa Ordem participa da a. da Igreja, 74b;
- a a. é um serviço, 74c;
- exercício da a., 74c, 75, 18d, 38d, 80a);
- a. do Geral, 80a)c, 87d;
- a. do Provincial, 80a)c, 95c;
- a. do Superior local, 80a)c, 98a.

CAPÍTULOS

- número de Vogais necessários, 80b)a;
- modo de proceder nas eleições, 80b)bcd;
- na eleição do Geral, 80b)e;
- confirmação das eleições, 80b)f;
- modalidades de decisão, 80b)g;
- os c. exprimem a solicitude de todos pelo bem comum, 81;
- **C. GERAL:**
 - autoridade, 80a)b, 82a, 106, 107b;
 - natureza, 82a;
 - responsáveis, 82b;
 - objectivos, 83;
 - periodicidade, 84;
 - participantes, 85;
- **C. PROVINCIAL:**
 - autoridade, 80a)b, 90a;
 - natureza, 90a;
 - participação dos Irmãos, 90b;
 - objectivos, 91;
 - periodicidade, 92;
 - participantes, 93;
- **C. LOCAL:**
 - autoridade, 80a)b;
 - funções, 99.

CARISMA

- dom do Espírito que nos configura com Cristo misericordioso, 2a;
- efeitos do c., 2bc;
- exigências do c., 6a, 46, 101df;
- possibilidade de o exprimir de formas diversas, 6b;
- preservação, desenvolvimento e discernimento do c., 6c, 82a, 83b;
- o c. fundamento da vida de comunidade, 26c;
- o c. compromete-nos a viver a fraternidade, 36b;
- o c. é a raiz do nosso autêntico apostolado, 47cf;
- o c. empenha-nos a colaborar na Igreja local, 51g;
- devemos ajudar os outros a descobrir o nosso c., 53c;
- c. e formação, 56a, 64d;
- um conjunto de normas adequadas favorece o exercício do c., 76b;
- especial responsabilidade do Geral relativamente ao c., 87ab;
- fidelidade ao c., 6a, 17b, 18d, 101f.

CASTIDADE

- dom insigne da graça, 10a;
- exige uma resposta livre, 11a;
- objecto do voto de c., 10b;
- alimenta a nossa vida de comunidade, 10c;
- torna fecundo o nosso apostolado, 10d;
- meios para conservar a c., 11.

COLABORADORES

- aceitamos c. e esforçamo-nos por lhes comunicar o nosso espírito, 46b;
- estimulamo-los com o nosso exemplo, 23a;
- c. e pastoral hospitaliera de saúde, 51e.

COMUNICAÇÃO

- de bens, 14c.

COMUNIDADE

- fomos chamados a formar uma c., 5b, 7b;
- fundamento sobrenatural da c., 26a;
- a nossa c. segue o exemplo da Igreja primitiva, 26b;
- força testemunhal da c., 26b;

- dimensões da c., 26c;
- a c. lugar privilegiado para a vida de fé, 27, e para salvaguarda da castidade, 11b;
- a c. recebe a sua vida da Eucaristia, 30;
- meios para manter a vida sobrenatural da c., 28b;
- manifestações de amor fraterno na c., 36, 37, 101e;
- meios para construir e fazer crescer a c., 38, 102c;
- partes da casa reservadas à c., 39;
- c. de serviço apostólico, 41a;
- sentido de pertença à c., 43c;
- c. e pastoral vocacional, 54;
- inserção dos formandos na c., 60, 71b;
- contributo da c. para a formação dos candidatos, 65, 71a;
- c. e formação permanente, 73ab;
- c. canónica, 77b, 78b;
- personalidade jurídica, 100a;
- c. e fidelidade, 101e, 102c, 103c.

CONSAGRAÇÃO

- c. baptismal, 7a;
- c. nos conselhos evangélicos, 1d, 7b;
- c. na hospitalidade, 2b, 5a, 17b, 21a, 22a, 24;
- Maria, modelo da nossa c., 25;
- c. mediante a profissão, 9ab, 68a, 70a.

CONSELHEIROS

- **C. GERAIS:**
 - são eleitos no Capítulo Geral, 83d;
 - colaboram com o Geral, 88ab;
 - substituem o Geral, 89ab;
- **C. PROVINCIAIS:**
 - são eleitos no Capítulo Provincial, 91c;
 - colaboram com o Provincial, 96ab;
 - substituem o Provincial, 97ab;
 - reeleição dos c., 80c)b;
- **C. LOCAIS:**
 - a sua eleição, 98f.

CONSELHOS

- exprimem a solicitude de todos pelo bem comum, 81;
- ajudam os respetivos Superiores no governo, 80a), c;
- **C. GERAL**, 86;
- **C. PROVINCIAL**, 9ce, 67d.

CONSTITUIÇÕES

- a observância das c. como meio para alcançar a perfeição da caridade, 5c;
- as c. manifestam-nos a vontade de Deus, 16b;
- as c. encerram a matéria do voto de obediência, 18a;
- a comunidade realiza-se e cresce através da observância das c., 38h;
- as c. são parte do nosso direito próprio, 76c;
- o Superior local deve procurar que as c. sejam observadas, 98d;
- condições para introduzir alterações nas c., 106;
- interpretação das c., 83c, 106;
- vantagens e obrigação da observância das c., 108, 9g.

CRISTO (JESUS, JESUS CRISTO)

- o carisma configura-nos com C., 2a, 53a;
- somos fortalecidos pela contemplação do mistério de C., 4a;
- imitamos e seguimos a C., 4b, 10c, 12, 16a, 21, 22a, 24, 41b, 53b;
- tornamos C. presente no mundo, 2c, 5a, 8, 43b;
- participamos na ação sacerdotal de C., 7c, 30b;
- C. na comunidade, 26b, 27a, 29, 36a, 38c;
- C. no nosso apostolado, 41a, 42a, 43b, 44c, 48ad;
- C. na formação, 53ad, 57a, 59d, 63a, 64e, 67bc;
- C. e a autoridade, 18d, 74ac.

DEFINITÓRIO

- **D. GERAL**, 78ab, 88d;
- **D. PROVINCIAL**, 78abc, 96d.

DELEGAÇÃO

- **D. GERAL**;
- natureza, 77e;
- ereção e supressão, 78a;

D. PROVINCIAL:

- natureza, 77f;
- ereção e supressão, 78c.

DISPENSA

- d. do tempo mínimo dos votos temporários, 9c;
- d. para poder prorrogar o tempo da profissão temporária, 9d.

DIVERSIDADE

- a d. dos dons não prejudica a unidade, 38e.

DOENTES (FRACOS, POBRES, NECESSITADOS)

- a eles se entregou S. João de Deus, 1a;
- a eles dedicamos a nossa vida, 2b, 3, 5ab, 12c, 17b, 21, 22, 103c;
- eles constituem o centro dos nossos interesses, 23a, 44c, 103b;
- Cristo identifica-se com eles, 2c, 20, 41b;
- o nosso serviço realiza-se a partir da comunidade, 26c, 43c;
- neles reconhecemos a presença de Deus, 28b;
- a Eucaristia renova e estimula o nosso empenho por eles 30bc;
- enriquecemo-nos servindo-os 42c;
- eles devem poder ver Cristo em nós, 43b;
- assistimo-los integralmente, 45a, 46a;
- acolhemo-los sem qualquer discriminação, 45b;
- rezamos por eles 23b, 30b, 32;
- preferimos os mais pobres, 5a, 44c;
- somos particularmente solícitos com os que estão em perigo de vida, 52d;
- a formação deve promover o amor por eles 59d;
- a administração dos bens deve ser dirigida em seu favor, 100d;
- a fidelidade à nossa vocação exige fidelidade no seu serviço, 101g, 103a.

ECÓNOMO

- E. Geral, 89c;
- E. Provincial, 97c.

ELEIÇÕES

- modo de proceder, 80b)bcde;
- e. no Capítulo Geral, 83d;
- e. no Capítulo Provincial, 91c;
- e. na comunidade local, 98f.

ESCOLASTICADO

- duração do e., 69a;
- finalidade, 69b;
- conteúdos da formação, 69cd.

ESCRITURA, Sagrada

- leitura e meditação, 28b.

ESMOLA

- recomendada pela Sagrada Escritura, 49a;
- forma tradicional de apostolado na nossa Ordem, 49b.

ESTATUTOS GERAIS

- natureza, 107a;
- formam parte do nosso direito próprio, 76c;
- condições para introduzir alterações nos E. G., 107b;
- referências aos E. G., 79, 85f, 86, 87f 89c, 93e, 94, 97ac, 98bf, 100d.

EUCARISTIA

- participação diária, 30b;
- frutos e efeitos, 30b.

EXAME de consciência

- prática diária, 31b.

FORMAÇÃO

- necessidade da f. para responder à vocação, 55;
- f. para o exercício do apostolado, 43d;
- objectivos da f., 56, 63a, 72b;
- responsáveis pela f., 57, 71a, 95a;
- programas da f., 57c, 61;

- etapas da f. inicial, 63b;
- conteúdos da f., 59, 67c, 69c;
- centros de f., 62, 66a: postulantado, 66b; noviciado, 67; escolasticado, 69;
- qualidades dos Mestres dos centros de f., 64;
- f. permanente, 72, 73, 104c.

HÁBITO

- é recebido no acto da primeira profissão, 68b.

HOSPITALIDADE

- a h. define a nossa identidade, 1d, 6a, 43a, 104a;
- a h. faz parte da nossa consagração especial, 5a, 7b, 21ab;
- é objecto de um voto peculiar, 9a, 22ab;
- tem a sua origem na vida misericordiosa de Cristo, 20, 41b;
- exigências da h. que professámos, 23a;
- o nosso espírito hospitaleiro, 23b;
- a h., fruto precioso dos outros conselhos, 24;
- fundamento do nosso amor fraterno na comunidade, 36b, 37;
- h. para com as pessoas que vêm às nossas casas, 39;
- os noviços devem ser formados sobre as exigências da h., 67c.

IGREJA

- a vocação e o carisma unem-nos de modo especial com a I., 1d; 2a, 5ac, 6ab, 7bc, 18b;
- os votos religiosos ligam-nos mais à I., 9ab: castidade, 10b, pobreza, 12a, 13c, obediência, 16b, 18b, hospitalidade, 41;
- relações com a I. local, 18c, 51g, 52f;
- a inserção na I. reforça o nosso apostolado, 42b;
- fidelidade às orientações da I., 64d, 82a, 83a, 100d, 101f;
- a nossa comunhão com a I. manifesta-se na observância das Constituições, 108;
- reflectimos sobre o mistério da I., 29.

IRMÃOS

- I. sacerdotes, 1e, 52;
- I. jovens, 37a, 71b;

- I. idosos e doentes, 37b, 71b, 75c;
- I. defuntos, 37c;
- I. encarregados da pastoral vocacional, 53e;
- I. formadores, 64, 57b.

JOÃO DE DEUS, São

- dom de Deus à Igreja, 1a;
- imitou fielmente o Salvador, 1a;
- confiou totalmente em Jesus Cristo, 1a;
- fundador da nossa Ordem, 1b;
- modelo do nosso estilo de vida, 1d; 4b;
- objecto da nossa especial veneração, 35.

JUSTIÇA SOCIAL

- exigência da nossa pobreza, 13c.

LEITURA ESPIRITUAL

- prática diária, 28a.

LIBERDADE

- como consequência dos nossos votos, 10b, 12b, 16c, 17ab.

LITURGIA DAS HORAS

- celebração diária de Laudes e de Vésperas, 32.

MARIA

- M. na nossa espiritualidade, 4c, 34;
- modelo da nossa consagração, 25;
- agradecemos-Lhe e celebramos o seu Patrocínio, 4c, 34b;
- imitamos as suas virtudes, 4c, 34b;
- honramo-La com o Rosário, 34b;
- a união com M. revigora a fecundidade do nosso apostolado, 42b;
- a formação promove o amor filial a M., 59c.

MEIOS de comunicação social

- uso discreto, 38g.

MISSÕES

- mandato do Senhor, 48a;
- espírito missionário, 48b;
- incrementamos a nossa presença em terras de missão, 48c;
- anúncio do mistério de Cristo, 48d;
- cooperamos com outras instituições, 48e;
- integramo-nos nas culturas autoctones, 48f.

NOVICIADO

- finalidade, 67a;
- ambiente, 67b;
- conteúdos da formação, 67c;
- admissão, 67d;
- duração, 67e;
- requisitos para a validade, 67fg.

OBEDIÊNCIA

- Cristo fundamento da nossa o., 16a;
- mediações na o., 16b;
- a o. torna-nos verdadeiramente livres, 16c, 17b;
- fé e amor, raízes da nossa o., 17a;
- exercício da o., 17b;
- o voto de o., 18a;
- o. ao Papa, 18b;
- o. aos Pastores da Igreja local, 18c;
- o. e serviço da autoridade, 18d;
- o. e diálogo, 19a;
- o. e corresponsabilidade, 19b;
- o. e hospitalidade, 22a.

ORAÇÃO

- a o. renova e estimula a nossa vida consagrada, 4a;
- meio para preservar a castidade, 11b;
- oramos pelos doentes e pelos necessitados, 23b, 30b, 32, 52d;
- oramos pelos nossos Irmãos defuntos, 37c;
- pelas vocações, 53d, 58b;
- pelo Capítulo Geral, 82b;

- pelos Irmãos que se encontram em dificuldade, 105b;
- a nossa o. deve ser comunitária e pessoal, 28;
- o. e atividade apostólica, 28a, 42a, 43b;
- a Palavra de Deus inspira a nossa o., 29;
- o. mental diária, 28a;
- Laudes e Vésperas, 32;
- o Rosário, 34b;
- o. dos Irmãos idosos e doentes, 37b;
- clima de o. na comunidade e nos centros de formação, 38f, 62, 67b, 70b;
- necessidade da o. para a fidelidade, 102b.

ORDEM HOSPITALEIRA

- origem, 1b;
- aprovação, 1c, 74b, 76a;
- denominação, 1c;
- instituto laical, 1e
- de direito pontifício, 74b;
- autoridade interna, 74;
- realidade carismática e institucional, 76a;
- as normas por que é regida, 76bc;
- estrutura orgânica, 77;
- órgãos de governo, 80a);
- personalidade jurídica, 100a;
- contentamento por pertencer à O., 104a;
- empenho pelo progresso da O., 104b;
- estudo da sua história e espiritualidade, 104c.

PAIXÃO DE CRISTO

- na nossa espiritualidade e na teologia da dor, 4a, 21b, 33, 34a;

PALAVRA DE DEUS

- guia da nossa vida, 4a, 16b, 28b, 29, 30b;
- anúncio da P. de D., 50c, 52c.

PARTICIPAÇÃO

- nos actos de comunidade, 38b.

PASTORAL HOSPITALEIRA

- exigida pela nossa vocação, 50a, 51a;
- p. h. e Irmãos sacerdotes, 52;
- praticamos a p. h. mediante o testemunho da nossa vida, 50b, 51c;
- realizamos a p. h. através do anúncio da Palavra, 50c, 52c;
- pela celebração dos sacramentos, 50d, 52c;
- sensibilizando os nossos colaboradores, 51e;
- promovendo-a na Igreja local, 51g, 52f;
- agindo sempre segundo a ética cristã e profissional, 51b;
- ajudando os doentes a descobrirem a bondade de Deus e o sentido salvífico da dor, 21b, 33, 51c;
- tornamo-la extensiva aos familiares dos doentes, 51 d, e aos que professam outras crenças, 51f.

POBREZA

- abraçamos a p. à imitação de Cristo, 12ab;
- a p. facilita a evangelização dos pobres, 12c, 40;
- exigências da nossa p., 13: evitar a mentalidade consumista, 14b, o lucro 13b, e a acumulação de bens, 14c;
- p. e vida de comunidade, 14, 26b;
- voto de p., 15ad: voto temporário, 15b, voto solene, 15c;
- p. real e interior, 15e, pessoal e comunitária, 14b, 15e;.
- p. e administração dos bens temporais, 100c;
- a p. facilita a fidelidade à nossa vocação, 103d.

POSTULAÇÃO

- só é admissível em casos extraordinários, 80c)c.

POSTULANTADO

- duração e finalidade, 66b.

PROCURADOR GERAL, 89c.**PROFISSÃO**

- meio para alcançar a perfeição da caridade, 5c;
- doação total a Deus, à Igreja e à Ordem, 9ab;
- p. solene e p. temporária, 9bf, 68a, 70a;

- admissão à p., 9e, 70a;
- fórmula da p. 9fgi;
- preparação para a p. solene, 70b;
- a p. solene como requisito para ser Mestre de noviços ou de escolásticos, 64f;
- para os Vogais aos Capítulos, 85f, 93e;
- para os Conselheiros Gerais e Provinciais, 88c, 96c;
- para o Procurador, Ecónomo e Secretário Geral, 89c;
- para os Superiores locais, 98b;
- para o Geral e o Provincial, 87c, 95b;
- a p. compromete-nos à observância das Constituições, 9g, 108.

PROVÍNCIA

- natureza, 77c;
- ereção e supressão, 78a;
- personalidade jurídica, 100a.

RECONCILIAÇÃO

- participamos com frequência no sacramento da Penitência ou R., 31b;
- perdoamo-nos e reconciliamo-nos mutuamente, 31b, 36b.

REGRA de Santo Agostinho

- vivemos segundo o seu espírito, 5c, 9g, 75c.

REMOÇÃO

- de qualquer ofício ou cargo, 87f.

RENOVAÇÃO

- da profissão religiosa, 9bde;
- da nossa vida pessoal e comunitária, 29, 43c, 72.

REVISÃO

- do nosso estilo de vida, 38c, 40;
- das nossas obras, 45c.

SACERDOTES

- Irmãos s. na Ordem, 1e;
- são os principais animadores do serviço pastoral, 52ae;
- precisam da dispensa da Sé Apostólica para serem Superiores, 52b;
- o seu ministério específico, 52cdef.

SACRAMENTOS

- meios para preservar a castidade, 11b;
- participação na vida divina, 28b;
- s. e pastoral hospitaliera, 50d;
- Baptismo, 7ab, 31b;
- Confirmação, 7b;
- Eucaristia, 4a, 30, 52c;
- Penitência ou Reconciliação, 31b, 52c;
- Unção dos Doentes, 52c.

SECRETÁRIO

- s. geral, 89c;
- s. provincial, 97c.

SEPARAÇÃO da Ordem, 105.

SERVIÇO

- Jesus põe a sua vida ao s. dos homens, 2c, 16a;
- S. João de Deus dedica-se ao s. dos pobres e dos doentes, 1a;
- a nossa vocação e profissão consagram-nos ao s. dos doentes e dos necessitados, 1d, 3b, 5b, 9b, 17b, 21b, 22, 24, 26c;
- edificamos a Igreja com o nosso s. aos que sofrem, 1d, 5a;
- usamos os bens temporais como instrumentos de s., 13d;
- o s. aos outros é verdadeira liberdade, 16c;
- a autoridade (e a obediência) são um s., 6c, 17a, 18d, 38d, 74c;
- modo de favorecer o s. a Deus e ao próximo, 19b, 42;
- necessidade da oração para vivificar o s., 28a;
- preparação adequada para prestar o s. aos doentes, 43d;
- espírito de serviço nos formadores, 64e;
- o nosso s. aos doentes confirma a fidelidade, 101g, 103ac.

SINAIS DOS TEMPOS

- em relação ao carisma, 6a;
- à obediência, 16b;
- ao apostolado, 45d;
- à formação, 65c.

SUPERIORES

- têm especial responsabilidade na preservação e desenvolvimento do carisma, 6c;
- S. e voto de pobreza, 15ae;
- S. e voto de obediência, 16b, 18a;
- S. e voto de hospitalidade, 22a;
- normas de governo, 38d, 75;
- S. e administração, 100b;
- S. e Irmãos em dificuldade, 105bcd.

SUPERIORES MAIORES:

- em relação à formação, 57b, 64a;
- podem ser reeleitos, 80c)b.

- GERAL:

- autoriza as profissões, 9e;
- governa a Ordem com a ajuda do seu Conselho, 80a)c;
- é eleito pelo Capítulo Geral, 80b)e, 83d;
- qualidades, deveres, faculdades, 9cd, 78c, 84c, 86, 87, 92.

- PROVINCIAL:

- admite ao noviciado, às profissões e à renovação da profissão temporária 9e, 67d;
- governa a Província com a ajuda do seu Conselho, 77c, 80a)c;
- é eleito pelo Capítulo Provincial, 91c;
- qualidades, obrigações, faculdades, 9c, 95, 99c.

- VICE-PROVINCIAL:

- é equiparado ao Provincial, 79;

- SUPERIOR LOCAL:

- governa a comunidade local, com a ajuda do seu Conselho, 77b, 80a)c;
- é o principal animador da comunidade, 38d, 98a;
- os Irmãos devem-lhe deferência e colaboração, 98c;
- os seus principais deveres, 98de, 99c.

- VICE-SUPERIOR:

- a sua eleição, 98f.

TEMPORALIDADE

- dos cargos, 80c).

TESTEMUNHO

- damos t. do amor do Pai, 2b, 3a, 41b, 42a, 47a;
- t. da salvação e vida nova, 3a. 21b, 26a, 40;
- t. do Reino, 3b, 21b, 26b;
- t. da presença de Cristo, 5a, 8, 26b, 41a, 43b.

TRABALHO

- o nosso t. empenha-nos na promoção dos necessitados, 12c, 47, 103b;
- é uma exigência da nossa pobreza, 13e;
- sustenta a nossa fraternidade, 14a.

TRANSFERÊNCIA

- de um cargo ou de um ofício para outro, 87f.

TRINDADE, Santíssima

- na vida de S. João de Deus, 1a;
- na nossa consagração, 1d, 2b, 7ab;
- T. e castidade, 10a;
- T. e hospitalidade, 20;
- T. e comunidade, 26a, 38c;
- T. e contemplação, 27b;
- T. e fidelidade, 101a.

VICE-PROVÍNCIA

- natureza, 77d;
- ereção e supressão, 78a;
- equivale à Província, 79.

VIGÁRIOS**- V. GERAL:**

- permanente, 84c, 89a;

– ocasional, 89b;

– **V. PROVINCIAL:**

– permanente, 97a;
– ocasional, 97b.

VIRTUDES (QUALIDADES, ATITUDES, GESTOS) do Irmão de S. João de Deus:

- abertura, 6a, 14a, 37a, 45e, 54, 65c, 73a;
- abnegação, 3b, 102a;
- acolhimento, 22b, 37a, 39, 45b, 48f, 71a, 75c, 102b;
- alegria, 3b, 11b, 22b, 38b, 43c, 53b; 67b, 71a;
- amabilidade, 22b;
- amor a Deus, 5bc, 10c, 21b, 27a, 28, 43b, 103a;
- amor ao próximo, 2b, 5bc, 28, 36, 42ac, 43b, 103a;
- austeridade, 67b, 103d;
- benevolência, 2b, 3b;
- bondade, 39;
- compreensão, 3b, 19b, 22b, 37a, 102c;
- confiança, 12a;
- conversão, 6b, 31a, 38h, 102a;
- cooperação, 45e, 48e;
- correção fraterna, 75c, 102c;
- corresponsabilidade, 19b, 99b;
- desprendimento, 12b, 103d;
- diálogo, 19, 38c, 65c, 66d, 99b, 105b;
- discernimento, 6b, 105a;
- disponibilidade, 4c, 14a, 17b;
- doação, 2b, 4c, 24, 103a;
- fé, 17a, 19a, 22b, 27a, 43b, 58a, 64c;
- fidelidade, 3b, 4c, 6a, 45c, 46c, 101b;
- gratidão, 14a, 71b;
- humildade, 3b, 102a;
- misericórdia, 2, 3a, 8, 28a, 42ac;
- paciência, 3b, 75c;
- recolhimento, 102b;
- reconhecimento, 36b;
- respeito, 3b, 51c;

- responsabilidade, 3b, 38b;
- serviço, 14a, 17b, 21b, 22b, 28a, 45be, 53a, 103a;
- silêncio, 38f, 62, 67b, 102b;
- simplicidade, 4c, 8, 11b, 14ab, 36b, 39, 46c, 102c, 103d;
- solidariedade, 3, 14c, 36b, 46a, 103a, 104b.

VISITA

- ao Santíssimo, 30c;
- v. canónica do Geral, 87e;
- v. canónica do Provincial, 95d;

VOCAÇÃO

- é um dom que devemos cultivar, 53a;
- a Ordem oferece-nos meios para a vivermos, 9a;
- a nossa v. põe-nos em contacto com a dor, 13a, 33;
- v. e mediações humanas, 53c;
- orientação e discernimento da v., 58, 66, 67b;
- fidelidade à v., 101a.

VOGAIS

- ao Capítulo Geral, 85f;
- ao Capítulo Provincial, 93e.

VONTADE DE DEUS

- busca e cumprimento da v. de D., 4c, 6b, 16b, 17b, 18ad, 38c, 73a, 74c, 101c, 105a.

Cartas de São João de Deus Destinatários das Cartas

DESTINATÁRIOS DAS CARTAS

Luís Baptista

Sabemos dele apenas que era natural de Jaén, cidade espanhola da Andaluzia, à margem do rio Guadalquivir.

Jovem de carácter indeciso e fraco de vontade, simpatizava no entanto com a obra caritativa de João de Deus, o que o levou a escrever-lhe uma carta, em que manifestava a sua vontade de colaborar com ele. João, todavia, que já o conhecia bem, respondeu-lhe como bom pedagogo, com seriedade de mestre e carinho de pai, não deixando de lhe assinalar os seus pontos mais vulneráveis. Aconselhou-o vivamente a evitar o contato com mulheres, fugindo delas como do diabo. Palavras duras que provocam chispas, mas que, por isso mesmo, podem produzir melhores efeitos em almas entorpecidas. Mais lhe recomendou a prática de determinados atos de piedade, indispensáveis a quem aspira a uma vida verdadeiramente cristã.

Terá continuado a troca de correspondência? João de Deus, na carta que lhe dirige, diz: "escrevei-me muito a miúdo" (LB 7). Se escreveu ou não, nada se sabe. O que é certo é que, tarde ou cedo, a figura de Luís Baptista desapareceu de vez dos horizontes do Santo da Caridade, sem deixar vestígios do rumo que terá seguido.

Guterres Lasso de Vega

Nobre Cavaleiro da Ordem de Santiago, era natural de Málaga (na Andaluzia – Espanha), onde desempenhou o cargo de Conselheiro Municipal. Conheceu João de Deus quando este foi pedir esmola a sua casa. Ficou preso da simplicidade, candura e caridade daquele mendigo, que não pedia esmola para si, mas para os pobres, doentes e desamparados, e o fazia através de um pregão original: "Irmãos, fazei o bem a vós mesmos, dando aos pobres". Guterres Lasso hospedou-o pelo menos duas vezes no seu palácio. Comeu com ele à mesa, sem repulsa pelos andrajos que o envolviam, descalço e com a cabeça rapada. No fim da refeição deu-lhe a esmola com muito boa vontade e pediu-lhe

que voltasse mais vezes. João de Deus aceitou com alegria aquele oferimento, em que leu sincera amizade, e com frequência lhe batia à porta, evitando sempre que possível a hora das refeições. É que ele não pedia para si, mas para os seus irmãos doentes ou pobrezinhos.

Além das esmolas e dos convites a acompanhá-lo nas refeições, Guterres Lasso prestou ainda relevantes serviços a João de Deus. Entre outros, o de aceitar ser seu procurador na venda de uma pequena herdade, que lhe deixara em testamento um doente que morrera no seu hospital. João de Deus pediu a Guterres Lasso que fizesse o possível por que a venda fosse feita de modo que não ficasse prejudicados nem o comprador nem os seus pobrezinhos. É comovente a delicadeza de consciência do Pai dos pobres.

Foram duas as cartas escritas por João de Deus ao seu ilustre benfeitor que chegaram até nós, mas é impossível acreditar que uma amizade tão mutuamente sincera e tão profundamente agradecida não tivesse provocado muitas outras, que até pode ser que ainda existam. Mas onde? Talvez em poder de particulares, que já nem saibam do seu paradeiro... Talvez em maços bafientos de húmidos arquivos, à espera de que impacientes detectives os vão arrancar a uma inexorável putrefação.

D. Maria de los Cobos Mendoza

Foi a terceira Duquesa de Sesa pelo casamento, filha de D. Francisco de los Cobos e Molina e de D. Maria Mendoza Sarmiento. Casou em 1541 com D. Gonçalo Fernández de Córdova, terceiro Duque de Sesa, quinto Conde de Cabra e primeiro Duque de Baena. Tiveram um filho nos primeiros anos de casados, que lhes morreu em criança. Entretanto, D. Gonçalo, Conselheiro de Estado de Filipe II de Espanha, foi por este nomeado Governador de Milão, para onde se dirigiu e onde se demorou por longos anos. Adoecendo, porém, gravemente, tomou o caminho de regresso, acompanhado por assistentes e médico, mas não conseguiu chegar com vida a sua casa, pois faleceu em Villaviciosa de Odón (Madrid), em 1578.

Sua esposa, D. Maria de los Cobos Mendoza, embora rodeada de todo o numeroso pessoal de sua casa, sentia-se isolada, amargurada pela tão

longa ausência de seu marido e pelo desgosto de não ter descendência.

De verão ou de inverno, passava os seus dias, para ela sempre nublados, entregue ao governo cuidadoso da sua casa e, como cristã bem formada e de fé profundamente arreigada, à prática das obras de misericórdia e à vida de piedade.

Podemos afirmar, sem qualquer sombra de dúvida, que foi esta nobre Dama a mais insigne benfeitora de João de Deus e da sua incomparável e modelar obra de assistência, material e espiritual, aos pobres e doentes, tanto de dentro do seu hospital, como a muitos e muitas de fora dele. Foi a ela que o mendigo de Deus escreveu três longas cartas, que não foram certamente as únicas, mas apenas as que chegaram até nós, a pedir auxílio para os seus protegidos, a expor-lhe a doutrina da mais profunda direção espiritual e a insuflar-lhe coragem para ir suportando com tranquilidade a ausência do seu “generoso e humilde marido”, prognosticando-lhe muito frequentemente que ele regressaria “muito em breve” e que Deus lhes daria “filhos de bênção”. Tudo nos leva a crer que o bondoso João de Deus estava absolutamente convencido de que assim aconteceria. Desta vez, porém, o seu palpite enganou-o, pois D. Gonçalo só chegou “tarde e a más horas”: quando entrou em casa já vinha morto. A convicção de João foi-lhe sugerida pela grande estima e profunda gratidão que sentia por este generoso casal, que “muitas vezes o tinha tirado de embaraços, desempenhado e consolado com a sua bendita esmola”.

D. Maria de los Cobos Mendoza, esmagada de dor por tão pesada prova, entregou-se por inteiro às obras de piedade. Fundou em Baena um convento de Franciscanos, transformou o seu palácio de Granada no Convento da Piedade e do Espírito Santo, de religiosas dominicanas, reservando para si alguns aposentos, onde viveu mais como religiosa do que como Duquesa, vindo a falecer a 28 de Maio de 1604.

Cartas de S. João de Deus

CARTA A LUÍS BAPTISTA (LB)

1 Em nome de Nossa Senhor Jesus Cristo e de Nossa Senhora, a Virgem Maria sempre intacta. Deus antes e acima de todas as coisas do mundo.

Deus vos salve, meu irmão em Jesus Cristo e meu filho muito amado, Luís Baptista.

2 Recebi uma carta vossa que me enviastes de Jaén, a qual me deu muito prazer e me causou muita alegria, não obstante o desgosto que senti pela vossa dor de dentes, pois me faz sofrer todo o vosso mal e me regozijo com o vosso bem.

3 Mandais-me dizer que não encontrastes aí o que procuráveis. Por outro lado, dizeis-me que quereis ir a Valência, ou não sei aonde. Não sei que vos diga.

4 É tão urgente que vos envie esta carta, que a estou a escrever à pressa e quase nem tenho tempo de encomendar o assunto a Deus. No entanto, é necessário encomendá-lo muito a Nossa Senhor Jesus Cristo e com mais vagar do que tenho agora.

5 Vendo eu como sois muitas vezes tão fraco, particularmente no que respeita a mulheres, não sei que vos diga sobre mandar-vos vir para aqui; mesmo o Pedro não se foi embora, nem sei quando o fará; ele diz que quer ir, mas não sei ao certo quando será a partida.

6 Se eu tivesse a certeza de que aqui aproveitaríeis para a vossa alma e para a de todos, mandar-vos-ia vir imediatamente; mas tenho medo que se dê o contrário. Parece-me que por agora seria melhor sujeitar-vos durante algum tempo a uma vida de austeridades, até poderdes vir bem acostumado a trabalhos e a dias de infortúnio rezados com outros mais felizes. Por outro lado, parece-me que, se nessa viagem vos haveis de ir perder, seria muito melhor que voltásseis. Mas nisto só Deus sabe o que é melhor e mais acertado.

- 7 Por isso me parece mais conveniente que, antes de deixar essa cidade, encomendeis muito o caso a Nosso Senhor Jesus Cristo, e eu aqui faça o mesmo. Para isso, escrevei-me muito a miúdo e pedi informações aos peregrinos que vão de um lado para o outro, e eles vos dirão como está essa terra de Valéncia. Se lá fordes, não deixeis de visitar o santo corpo de S. Vicente Ferrer.
- 8 Parece-me que andais como barco sem remos, pois muitas vezes me deixais na dúvida, e como desorientado, pois ambos, eu e vós, ficamos sem saber o que fazer. Mas como Deus é quem tudo sabe e pode remediar, Ele nos dê remédio e entendimento a todos.
- 9 Ora, como a mim me parece que andais como pedra moveida, será bom que procureis mortificar um pouco a vossa carne, levando vida difícil, com fome e sede, humilhações e cansaços, angústias, trabalhos e contrariedades. Tudo isto o deveis sofrer por Deus, pois, se para cá vierdes, tereis de passar tudo isto por amor de Deus, e por tudo lhe haveis de dar muitas graças, tanto pelo bem como pelo mal¹.
- 10 Lembrai-vos de Nosso Senhor Jesus Cristo e da sua bendita Paixão, pois retribuía com o bem o mal que lhe faziam. Assim haveis de fazer vós, meu filho Baptista, para que, se vierdes para a casa de Deus, saibais conhecer o mal e o bem.
- Mas se vós de todo em todo soubésseis que com essa ida vos haveríeis de perder, mais valeria voltar para aqui ou para Sevilha, ou para onde Nosso Senhor mais vos guiasse.
- 11 Mas, se para cá vierdes, haveis de obedecer muito e trabalhar muito mais do que tendes feito, e tudo em coisas de Deus, desvelando-vos no cuidado e serviço dos pobres. A casa está aberta para vós. Queria ver-vos chegar de bem em melhor, como filho e irmão.
- 12 É natural que me não compreendais bem nesta carta, pois estou com muita pressa e não vos posso escrever mais longamente; mesmo não sei se o Senhor será servido que venhais para esta

¹ Ecli 11, 14; Tes 5, 18.

casa tão depressa ou se quererá que continueis a padecer por aí. Mas lembrai-vos de que, se vierdes, haveis de vir a sério e vos haveis de guardar muito das mulheres², como do diabo.

- 13** Já se vai aproximando o tempo de escolherdes um estado de vida. Se vierdes para aqui, tendes de oferecer algum fruto a Deus e deixar a pele e as correias. Lembrai-vos de S. Bartolomeu, a quem esfolaram e levou a pele às costas. Se para cá vierdes, não há-de ser senão para trabalhar e não para folgar, pois ao filho mais querido é que se confiam os trabalhos mais difíceis.
- 14** Quanto a virdes para aqui, fazei o que vos parecer melhor e Deus vos inspirar. Se por agora achardes melhor correr mundo, em busca de alguma aventura em que melhor possais servir a Deus, fazei tudo como Ele quiser e for servido, à semelhança daqueles que demandam as Índias à procura de fortuna. Mas fazei-o de modo que sempre me possais escrever de onde quer que vos encontrardes.
- 15** Todos os dias da vossa vida tende Deus diante dos olhos³; ouvi sempre Missa inteira; confessai-vos com frequência, se for possível; não durmais nenhuma noite em pecado mortal. Amai a Nosso Senhor Jesus Cristo sobre todas as coisas do mundo⁴, pois por muito que o ameis, muito mais vos ama Ele. Tende sempre caridade⁵, pois onde não há caridade não há Deus, embora Ele esteja em todo o lugar.
- 16** Logo que possa, irei apresentar a Lebrija os vossos cumprimentos. Já entreguei a vossa carta ao Baptista que está na cadeia; ficou muito contente com ela; eu pedi-lhe que não demorasse a resposta, para vos mandar a carta. Agora vou ver se já a escreveu, para eu vo-la mandar.

Aceitai recomendações de todos. Apresentei os vossos cumprimentos a todos, grandes e pequenos, à Ortiz e ao Miguel. O Pedro diz que, se vierdes, ficareis com ele, até se ir embora, e igualmente se voltar outra vez.

2 1 Cor 7, 1. 3 Deut 6, 5; 11, 1; Tob 4, 5. 4 1 Cor 16, 22. 5 Col 3, 14; 1 Jo 4, 16.

- 17** Nada mais tenho a dizer-vos, a não ser que Deus vos salve, vos guarde e vos encaminhe no seu santo serviço, a vós e a todas as pessoas do mundo.
- Termino a carta mas não as orações que dirijo a Deus por vós e por todos⁶. Devo dizer-vos que me tenho dado muito bem com o Rosário e que espero em Deus rezá-lo quantas vezes puder e Deus quiser.
- 18** Já vos disse que, se virdes que vos haveis de perder com essa viagem, façais o que vos parecer melhor.
- Antes de partir dessa cidade, mandai dizer algumas Missas ao Espírito Santo e aos [Santos] Reis [Magos], se tiverdes com quê; se não, basta a boa vontade; e se nem isso bastar, baste a graça de Deus⁷.
- 19** O irmão menor de todos, João de Deus, se Deus quiser, morrendo, mas entretanto calando e em Deus esperando, escravo de Nosso Senhor Jesus Cristo, desejoso de O servir. Amém Jesus.
- Embora não seja tão bom escravo como outros, pois muitas vezes sou ingrato para com Ele, e muitas vezes Lhe sou traidor, ainda que muito me pese disso, e muito mais me devesse pesar, Deus me queira perdoar a mim e a todo o mundo queira salvar.
- 20** Escrevei-me a dizer tudo o que se passar convosco por aí. Mando-vos dentro desta uma carta que me enviaram para eu vos entregar. Não a quis abrir para vos ser leal. Não sei se é para vós, se para o Baptista da cadeia; se for para o da cadeia, lede-a e mandai-ma para Lhe ser entregue. Se o Baptista já tiver escrito a sua carta, irá com estas duas.

Agora ficai com Deus e andai com Deus⁸.



Nota - O original desta carta encontra-se no Arquivo da Ordem, na Cúria Geral, Roma.

6 1 Tim 2, 1-4. 7 2 Cor 12, 9. 8 Gn 17, 1; Imit L2 6, 3.

1.ª CARTA A GUTERRES LASSO (1 GL)

- 1 Em nome de Nossa Senhor Jesus Cristo e de Nossa Senhora, a Virgem Maria sempre intacta. Deus antes e acima de todas as coisas do mundo.

Deus vos salve, meu irmão em Jesus Cristo, Guterres Lasso, a vós, a toda a vossa companhia e a quantos Deus quiser e for servido. Amém Jesus.

- 2 Serve a presente para vos fazer saber que cheguei muito bem de saúde, graças a Deus, e que trouxe mais de cinquenta ducados. Com o que aí tendes e o que trouxe creio que andarão por cem ducados. Desde que vim, já me empenhei em trinta ducados ou mais, de modo que nem estes nem esses são suficientes, pois tenho mais de cento e cinquenta pessoas a sustentar, e a tudo acorre Deus cada dia.

Se a esses vinte e cinco ducados que aí tendes pudésseis juntar mais alguma coisa (bom seria), pois tudo é bem preciso.

- 3 Mandai-me quantos pobres chagados aí houver; mas se não puder ser, não levo a mal.

Mandai-me quanto antes os vinte e cinco ducados, pois esses e muitos mais já eu devo e estão à espera deles. Por sinal vo-los entreiguei num taleguinho de linho, no vosso jardim das laranjeiras, uma noite que lá entrámos a passear. Espero em Deus Nossa Senhor Jesus Cristo que um dia passeareis no jardim celeste.

- 4 O recoveiro estava com muita pressa e por isso não pude escrever mais longamente, e também porque tenho tido aqui tanto trabalho, que não tenho vago sequer o espaço dum Credo.

Por amor de Nossa Senhor Jesus Cristo mandai-me sem demora esse dinheiro, pois estão sempre a insistir comigo por causa dele.

- 5 Por amor de Nossa Senhor Jesus Cristo, recomendai-me à muito no-

bre, virtuosa e generosa serva de Nosso Senhor Jesus Cristo, vossa mulher, a qual tanto deseja servir e agradar a Nosso Senhor Jesus Cristo e a Nossa Senhora, a Virgem Maria sempre intacta, e por amor de Deus obedecer e servir a seu marido, Guterres Lasso, servo de Nosso Senhor Jesus Cristo e desejoso de O servir. Amém Jesus.

- 6 Dai também os meus cumprimentos ao vosso filho, o Arcediago, que andou comigo a pedir a bendita esmola, e que é o mais humilde servo dos servos de Nosso Senhor Jesus Cristo e de Nossa Senhora, a Virgem Maria sempre intacta, o qual sempre deseja servir e agradar a Nosso Senhor Jesus Cristo e à sua bendita Mãe, a Virgem Maria Nossa Senhora. Dizei-lhe que me escreva sem demora, com a ajuda de Deus.
- 7 Escrevei-me também vós, bom Cavaleiro e meu irmão em Jesus Cristo, Guterres Lasso, e dai recomendações minhas a todos os vossos filhos e filhas e a quantos entenderdes.

Em Málaga saudai em meu nome e apresentai os meus cumprimentos ao Bispo e a todos aqueles que quiserdes e entenderdes, pois estou obrigado a rezar por todos¹.

- 8 Quanto ao vosso filho, o bom Cavaleiro que me parece ser o morgado, será como Deus quiser². Nosso Senhor Jesus Cristo o guie nos seus negócios, trabalhos e empreendimentos. Parece-me que, se for da vontade de Deus, será melhor casá-lo o mais depressa possível, se ele manifestar esse desejo³. Embora eu vos diga o mais depressa possível, nem por isso vos deveis afligir, pois a maior preocupação que haveis de ter será a de pedir a Deus que lhe dê uma virtuosa mulher. Ainda que por agora me pareça bastante jovem, praza a Nosso Senhor Jesus Cristo que na prudência seja homem sensato.
- 9 Cada um deve abraçar o estado que Deus lhe der⁴. Nisto, os pais e as mães não se devem deixar tomar de excessivas preocupações e ansiedades, a não ser para pedirem a Deus que conceda o estado de graça a todos e a todas.
Quando Deus quiser, um se há-de casar e outro cantar Missa. Mas

¹ 1 Tim 2, 1-4. ² Ecli 33, 11-14. ³ 1 Cor 7, 9. ⁴ 1 Cor 7, 17.

em tudo o que aqui digo, eu não sei nada, Deus é que tudo sabe⁵. Praza a Nosso Senhor Jesus Cristo fazer dos vossos filhos aquilo que vós desejais, e como Nosso Senhor Jesus Cristo melhor for servido.

- 10** Nosso Senhor Jesus Cristo sabe melhor o que há-de fazer com os vossos filhos e filhas, e tudo o que Nosso Senhor Jesus Cristo fizer o haveis de aceitar como feito e ter por bom⁶.
- 11** Os pecados que eu fizer quero confessá-los e fazer penitência deles, pois o bem que os homens fazem não é deles mas de Deus⁷. A Deus a honra, a glória e o louvor, pois tudo é seu, de Deus. Amém Jesus.
- 12** O vosso mais pequeno irmão João de Deus, se Deus quiser, morrendo, mas entretanto calando e em Deus esperando, o qual deseja a salvação de todos como a sua própria. Amém Jesus.
 Praza a Nosso Senhor Jesus Cristo que tudo o que fizerdes, vós, os vossos filhos e filhas, seja tudo para serviço de Nosso Senhor Jesus Cristo e da Virgem Maria Nossa Senhora. Nosso Senhor Jesus Cristo não permita que façais coisa alguma que lhe não seja agradável. Amém Jesus.



Nota - O original desta carta encontra-se no Arquivo da Ordem, na Cúria Geral, Roma.

⁵ Imit. L3 50, 6. ⁶ Prov 20, 24; Jer 10, 23; Imit L3 17, 1-2. ⁷ Jo 15, 4-5; 1 Cor 15, 10.

2.ª CARTA A GUTERRES LASSO (2 GL)

- 1** *Esta carta seja entregue ao mui nobre, virtuoso e generoso Cavaleiro de Nossa Senhor Jesus Cristo, Guterres Lasso, servo de Nossa Senhora de Jesus Cristo, desejoso de o servir. Amém Jesus. Seja entregue em suas próprias mãos, em Málaga ou onde ele estiver. Amém Jesus.*
- 2** Em nome de Nossa Senhor Jesus Cristo e de Nossa Senhora, a Virgem Maria sempre intacta. Deus antes e acima de todas as coisas do mundo¹. Amém Jesus.
Deus vos salve, meu irmão em Jesus Cristo, muito amado e muito querido em Cristo Jesus.
- 3** Serve a presente para vos fazer saber como estou muito aflito e em muita necessidade. Graças a Nossa Senhor Jesus Cristo por tudo isso². Haveis de saber, meu irmão muito amado e muito querido em Cristo Jesus, que são tantos os pobres que aqui se acolhem, que eu próprio fico muitas vezes assustado sobre como se hão-de poder sustentar. Mas Jesus Cristo a tudo provê e lhes dá de comer³.
- 4** De facto, só para lenha são precisos sete a oito réis por dia; pois, como a cidade é grande e muito fria, especialmente agora de inverno, são muitos os pobres que procuram refúgio nesta casa de Deus. Pois, entre todos, doentes e sãos, pessoal de serviço e peregrinos, há mais de cento e dez.
- 5** Com efeito, como esta casa é geral, nela se recebe toda a espécie de doentes e toda a classe de pessoas, de modo que há aqui tolhidos, aleijados, leprosos, mudos, loucos, paralíticos, tinhosos, e outros muito velhos e muitos meninos; e, afora estes, muitos outros peregrinos e viajantes, que aqui acodem e aos quais se oferece lume, água, sal e vasilhas para prepararem a comida.
- 6** Ora, para tudo isto não há rendimentos, mas Jesus Cristo a tudo provê⁴. Na verdade, não há dia nenhum em que, para o abasteci-

¹ Deut 6, 5; 11, 1. ² 1 Tes 5, 18. ³ Imit L3 9, 1.

mento da casa, não sejam necessários quatro ducados e meio, e às vezes cinco. Isto para o pão, carne, galinhas e lenha, sem contar os remédios e as roupas, que são despesas à parte.

- 7 No dia em que não se recolhem esmolas suficientes para adquirir o que acabo de dizer, compro-o fiado e outras vezes jejuam. Deste modo, vejo-me aqui empenhado e preso só por Jesus Cristo, pois devo mais de duzentos ducados de camisas, capotes, sapatos, lençóis, mantas e de muitas outras coisas que são necessárias nesta casa de Deus, e ainda para a criação de meninos que para aqui deitam.
- 8 Assim, meu irmão muito amado e querido em Cristo Jesus, vendo-me tão empenhado que muitas vezes nem saio de casa pelas dívidas que tenho, e ao ver padecer tantos pobres meus irmãos e próximos, com tantas necessidades, tanto do corpo como da alma, fico muito triste por não os poder socorrer. No entanto, confio só em Jesus Cristo⁵, que me há-de desempenhar, pois Ele conhece o meu coração.
- 9 É por isso que digo: maldito o homem que confia nos homens⁶ e não somente em Jesus Cristo. Dos homens hás-de ser abandonado, queiras ou não⁷, mas Jesus Cristo é fiel e imutável. E como é Jesus Cristo que a tudo provê, graças sejam dadas a Ele para todo o sempre. Amém Jesus.
- 10 Meu irmão muito amado e muito querido em Jesus Cristo, quis dar-vos conta dos meus trabalhos, porque sei que vos compadeceis deles como eu faria dos vossos. Como sei que quereis muito a Jesus Cristo e vos compadeceis dos seus filhos, os pobres⁹, dou-vos conta das suas necessidades e minhas.
- 11 Já que todos atiramos ao mesmo alvo¹⁰, embora cada um siga o seu caminho, conforme Deus for servido e o guiar, é justo que nos encorajemos uns aos outros. Por isso, meu irmão muito amado em Jesus Cristo, não deixeis de rogar a Jesus Cristo por mim, para que me dê graça e forças para

⁴ 1 Tim 6, 17. ⁵ Flp 3, 3. ⁶ Jer 17, 5. ⁷ Imit L2 7, 1. ⁸ 2 Tim 2, 13; 1 Cor 10, 13; Ap 1, 5. ⁹ Mt 25, 34-46 ¹⁰ 1 Cor 9, 25-27.

resistir e vencer o mundo, o demónio e a carne, e me dê humildade, paciência e caridade para com os meus próximos.

- 12** Que Ele me faça confessar com verdade todos os meus pecados, obedecer ao meu confessor, desprezar-me a mim mesmo e amar só a Jesus Cristo; aceitar e crer tudo o que professa e crê a Santa Mãe Igreja. É isso que eu aceito e creio firme e verdadeiramente, e daqui não saio e aponho o meu selo e fecho com a minha chave.
- 13** Meu irmão em Jesus Cristo, sinto muito alívio ao escrever-vos, pois é como se estivesse a falar convosco, a dar-vos conta dos meus trabalhos, pois sei que os sentis, como já o vi por obras, nas duas vezes que estive nessa cidade, em que me fizestes tão bom acolhimento¹¹ e me mostrastes tão boa vontade. Nossa Senhor Jesus Cristo vos pague no Céu a boa obra que por Jesus Cristo fizestes pelos pobres e por mim. Jesus Cristo vo-lo pague. Amém Jesus.
- 14** Meu irmão em Jesus Cristo, saudai em meu nome toda a vossa casa, os vossos muito amados filhos e de modo especial o mestre-escola, meu amado irmão em Jesus Cristo, e o bom Pai e meu irmão em Jesus Cristo o Bispo, a D. Catarina, minha hospedeira e irmã muito amada em Jesus, e todos os demais que Deus quiser e tiver por bem. Amém Jesus.
- 15** Meu irmão em Jesus Cristo, aí vos mando esse jovem que leva a presente, (para que vos informe) sobre um mancebo que morreu neste hospital, natural dessa cidade de Málaga, o qual deixou certos bens a esta casa, constando de um terreno de vinha ou censo. Sobre isso vos poderá ele explicar melhor, porque tratou do caso desde o princípio.
- 16** É minha vontade que se venda, pois tenho muita necessidade de dinheiro e é pequena a renda para ir recebê-la cada ano. Portanto, por amor de Nossa Senhor Jesus Cristo, se souberdes de alguém que a queira comprar, vendei-lha sem demora, de modo que não fique prejudicado nem quem a comprar, nem os pobres. E isso com toda a brevidade, para que o portador desta volte logo com o

¹¹ Mc 9, 36.

dinheiro, pois é pessoa em quem eu confio e leva plenos poderes meus e as escrituras que de lá trouxe.

- 17** Perdoai-me por vos dar tanto trabalho, mas um dia vos servirá de descanso no Céu¹². Recomendo-vos este negócio por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo, pois com o dinheiro que trouxer temos de comprar algumas roupas para os pobres, para que roguem a Deus pela alma de quem o deixou, e para pagar a carne e o azeite, pois já não mos querem fiar, por eu dever muito; tenho-os acalmado dizendo-lhes que muito em breve me vão trazer dinheiro de Málaga.
- 18** Não quero pedir-vos agora consoadas, porque sei que tendes aí pobres de sobra a quem fazer bem; peço antes a Nosso Senhor que vos dê a salvação da alma, pois nesta vida o viver bem é a chave daquele que sabe salvar-se, e tudo o mais é nada.
- 19** Vosso desobediente e mais pequeno irmão João de Deus, se Deus quiser, morrendo, mas entretanto calando e em Deus esperando, o qual deseja a salvação de todos como a sua própria. Amém Jesus.

De Granada, a 8 de Janeiro do ano de 1550.



Nota - O original desta carta encontra-se no Arquivo da Ordem, na Cúria Geral. Roma.

¹² Mt 34-36.

1.ª CARTA À DUQUESA DE SESÁ (1 DS)

Endereço

- 1** *Esta carta seja entregue à muito nobre e virtuosa Senhora D. Maria de Mendoza, mulher do generoso Senhor Duque de Sesa, D. Gonçalo Fernández de Córdova, virtuoso e bom Cavaleiro de Nossa Senhor Jesus Cristo, desejoso de o servir. Amém Jesus. Seja entregue em sua própria mão, em Cabra ou onde se encontrar. Amém Jesus.*
- 2** Em nome de Nossa Senhor Jesus Cristo e de Nossa Senhora, a Virgem Maria sempre intacta. Deus antes e acima de todas as coisas do mundo¹. Amém Jesus.
Deus vos salve, minha irmã muito amada em Jesus Cristo, boa Duquesa de Sesa, a vós e a toda a vossa companhia e a quantos Deus quiser e for servido. Amém Jesus.
- 3** Serve a presente, virtuosa Duquesa, para vos fazer saber que, logo que daí parti, fui a Alcaudete, a ver D. Francisca, e daí fui a Alcalá, onde estive muito mal quatro dias e me empenei em três ducados, em favor de alguns pobres muito necessitados. Como encontrei todas as pessoas mais importantes de Alcalá muito revoltadas contra o Corregedor, logo que me encontrei melhor fui para Granada, sem pedir a esmola em Alcalá. Sabe Deus a necessidade com que me esperavam os pobres!
- 4** Minha irmã em Jesus Cristo, boa Duquesa, a esmola que me destes já os Anjos a têm assente no Livro da Vida², no Céu. O anel está bem empregado: mandei vestir dois pobres chagados e comprei uma manta com o que me deram por ele. Esta esmola está diante de Jesus Cristo a pedir por vós³. A alva e os castiçais coloquei-os logo sobre o altar em vosso nome, para que participeis de todas as Missas e orações que ali se disserem. Praza a Nossa Senhor Jesus Cristo dar-vos por tudo isso a recompensa no Céu⁴.
Deus vos pague pelo tão bom acolhimento que me fizestes, vós e

¹ Deut 6, 4-5; Mt 22, 37-38; Mc 12, 29-30; Lc 10, 27. ² Tob 12, 12 e 15. ³ Act 10, 4 e 31. ⁴ Mt 25, 34-36; Mc 9, 41.

todos os da vossa casa. Deus receba no Céu a vossa alma e a de todos os que vivem nessa casa.

- 5 Estou muito obrigado a todos os senhores de Andaluzia e de Castela, mas muito mais ao bom Duque de Sesa e a todos os seus: é muita e muito grande a caridade que tenho recebido da sua casa e dos seus. Deus lhe pague por todas as vezes que me tirou de apuros e me desempenhou. Praza a Nossa Senhor Jesus Cristo trazê-lo com saúde e dar-lhe filhos de bênção.
- 6 Boa Duquesa, aquilo que me recomendastes - já me entendéis - sempre o tenho tido na memória. Deus antes e acima de todas as coisas do mundo⁵, confiando só em Jesus Cristo⁶, que é a perfeita certeza. Digo eu, João de Deus, se Deus quiser, que, com a ajuda de Deus, o Duque regressará muito em breve, e com saúde da alma e do corpo. E logo que ele chegar, se Deus quiser, lhe perguntareis o que eu vos disse, e vereis se é verdade, com a ajuda de Jesus Cristo. Confiai só em Jesus Cristo⁷. Maldito o homem que confia no homem⁸. Dos homens hás-de ser abandonado, queiras ou não⁹, mas de Jesus Cristo não, porque Ele é fiel e imutável¹⁰. Tudo perece, menos as boas obras¹¹.
- 7 Boa Duquesa, andai sempre vigilante, com o pé no estribo, pois, se bem repararmos, estamos numa guerra contínua com o mundo, o demónio e a carne¹², e é sempre necessário que olhemos por nós, pois não sabemos a hora a que chamarão à porta da nossa alma¹³, e como nos acharem, assim nos hão-de julgar.
- 8 Quando vos fordes deitar, boa Duquesa, persignai-vos e benzei-vos e confirmai-vos na fé, rezando o Credo, o Pai-Nosso, a Ave-Maria e a Salve-Rainha, que são as quatro orações que manda rezar a Santa Mãe Igreja; e mandai que as rezem todas as vossas damas e criadas, como eu creio que sempre lhas mandais rezar, pois já as vi dizer a doutrina cristã quando aí estive.
- 9 Deveis estar muito desanimada, minha irmã, boa Duquesa de Sesa, pois me disseram que já partiram D. Álvaro e D. Bernardino. Jesus

5 Deut 6, 4-5; 10, 12-14; 17. 6 Flp 3, 3. 7 Flp 3, 3. 8 Jer 17, 5; Imit L1, 7, 1. 9 Imit L2, 7, 1. 10 1 Cor 1, 9; 2 Tes 3, 3. 11 1 Jo 2, 17. 12 Mt 24, 42; 26, 41; Mc 14, 38. 13 Mt 25, 13.

Cristo acompanhe as suas almas, os guie e faça chegar com saúde à presença da vossa virtuosa e humilde mãe, D. Maria de Mendoza. Não estejais triste; consolai-vos só em Jesus Cristo; não desejeis consolação nesta vida, mas só no Céu¹⁴, e dai sempre graças a Deus por tudo o que Ele vos quiser dar cá na terra.

10 Quando vos sentirdes atribulada, recorrei à Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo e às suas preciosas Chagas e sentireis grande consolação. Reparai em toda a sua vida: o que foi senão trabalhos, para nos dar o exemplo? De dia pregava e de noite orava¹⁵. E nós, pobres pecadores e vermezinhas da terra, para que queremos descanso e riqueza? Pois, ainda que fosse nosso o mundo inteiro, em nada seríamos melhores e nunca estaríamos contentes, por mais que tivéssemos¹⁶. Contente só poderá estar aquele que, desprezando todas as coisas, ama a Jesus Cristo¹⁷.

Dai tudo pelo tudo que é Jesus Cristo, como vós dais e quereis dar, boa Duquesa; dizei que mais quereis a Jesus Cristo do que a todo o mundo¹⁸, que confiais sempre n'Ele e que por Ele a todos quereis, para que se salvem.

11 Oh, boa Duquesa, como estais só e retirada, como a casta rolinha, nesse solar, longe da convivência da corte, à espera do bom Duque, vosso generoso e humilde marido, sempre entregue à oração, dando esmolas e praticando sempre a caridade, para que delas aproveite o vosso generoso e humilde marido, o bom Duque de Sesa, e para que Cristo lhe guarde o corpo do perigo e a alma do pecado. Praza a Deus trazê-lo depressa à vossa presença e vos dê filhos de bênção, para que sempre O sirvais, O ameis e Lhe ofereçais o fruto que Ele vos der, para que dele Se sirva.

12 Muito vos deve o Duque, pois sempre rezais por ele e tanto cuidado e trabalho tendes para governar essa casa; aí cumpris as obras de misericórdia, dando de comer e vestindo a todos os que vivem nessa casa. Uns já velhos e outros novos, essas donzelas e damas, e ainda outras órfãs e viúvas, o que seria deles sem vós? Todos têm obrigação de vos servir e de vos ser leais, e vós de lhes fazer bem, pois Deus a todos ama.

14 Lc 6, 21; Jo 16, 20; Imit L2 12, 7; L3 16, 1; 3 5, 2. 15 Mt 14, 23; Lc 6, 12; 1 Pd 2, 21. 16 Imit L3 16, 1-2. 17 Mt 19, 21. 18 1 Cor 16, 22; Imit L2 7, 1.

- 13** Se considerássemos como é grande a misericórdia de Deus, nunca deixaríamos de fazer o bem enquanto pudéssemos, pois, se nós dermos por amor aos pobres o que Ele mesmo nos dá, Ele nos promete cem por um na Bem-Aventuração¹⁹. Oh, abençoado lucro e usura! Quem não dará o que tem a este bendito mercador, pois faz connosco tão vantajoso negócio²⁰ e nos suplica de braços abertos que nos convertamos, choremos os nossos pecados e sejamos caridosos, primeiro com as nossas almas e depois com o próximo? Na verdade, assim como a água apaga o fogo, assim a caridade redime o pecado²¹.
- 14** Minha irmã em Jesus Cristo, haveis de saber que me encontro em grandes trabalhos, como bem vo-lo pode contar o meu companheiro Angulo, pois ando a reparar toda a casa, que estava arruinada por todos os lados, a ponto de lá chover dentro, e com estas obras estou em grande necessidade. Resolvi por isso escrever para Zafra, ao Conde de Féria e ao Duque de Arcos, pois está lá o Mestre Ávila, que será um bom intercessor, para que me mandem algum socorro para me ajudarem a sair de embaraços; penso que o farão, com a ajuda de Jesus Cristo.
- 15** Minha irmã, estou sempre a importunar-vos e a incomodar-vos, mas espero em Deus que um dia tudo isto vos servirá de descanso para a vossa alma²². Haveis de saber que outro dia, quando estive em Córdova, ao percorrer a cidade, encontrei uma casa na maior necessidade. Ali viviam duas donzelas que tinham o pai e a mãe doentes na cama, tolhidos havia dez anos. Tão pobres e maltratados os vi que me despedaçaram o coração: nus e cobertos de piolhos, com uns feixes de palha a servir-lhes de cama. Socorri-os com o que pude, pois ia com pressa para falar com o Mestre Ávila; mas não lhes dei como eu quisera.
- 16** O Mestre Ávila mandou-me partir logo e regressar a Granada. Com esta pressa deixei estes pobres recomendados a algumas pessoas que se esqueceram deles, não quiseram ou não puderam mais. Escreveram uma carta que me dilacerou o coração pelo que me mandaram dizer.

19 Mt 13, 23; 19, 29. 20 Prov 19, 17; Ecli 35, 12-13; Heb 6, 10. 21 Tob 12, 9; Ecli 3, 33; Dan 4, 24; 22 Mat 25, 34-36.

Estou aqui em tão grande necessidade que, no dia em que tenho de pagar aos que trabalham, ficam alguns pobres sem comer. Deus o sabe e vo-lo faça acreditar: achei-me apenas com um real, que entreguei a Angulo para o caminho.

17 Pois, boa Duquesa, eu gostava que, se Deus fosse servido, ganhásseis vós esta esmola que aqueles perderam, que são quatro ducados: três para aquelas pobres, para comprarem duas mantas e duas saias, pois vale mais uma alma do que todos os tesouros do mundo²³, e não pequem aquelas donzelas por tão pouca coisa; o outro ducado será para Angulo, meu companheiro, para ir a Zafra, pois fico à espera que ele chegue com algum socorro.

Vós estais mais obrigada para com os vossos súbditos do que para com os estranhos, mas, dar aqui ou dar ali, tudo é lucrar, pois, quanto mais mouros, maior prémio (quanto mais bem fizerdes, maior recompensa tereis no Céu).

Se não tiverdes possibilidade de o fazer, Angulo voltará a Alcaudete a vender dois caízes de trigo, mas se lhes derdes (os quatro ducados) já ele sabe o que há-de fazer e onde vivem aquelas pobres.

18 Minha irmã, dai os meus agradecimentos e recomendações à vossa governanta de Valhadolid, a todas as vossas criadas, à que canta e a todas as da casa e a mosén^{*} João.

Nosso Senhor Jesus Cristo vos guarde, boa Duquesa.

Vosso menor e mais desobediente irmão João de Deus, se Deus quiser, morrendo, mas entretanto calando e em Deus esperando²⁴, o qual deseja a salvação de todos²⁵ como a sua própria. Amém Jesus.

19 Boa Duquesa, se lhe derdes essa esmola, entregai-lhe um bilhete com duas linhas, para ele me trazer e eu saber se lha destes. O trigo vendê-lo-á a seu tempo. Despachai depressa o Angulo, com o que Deus quiser e for servido e vós lhe derdes. Amém Jesus.



Nota - O original desta carta perdeu-se. A cópia, que serviu na Beatificação do Santo, conserva-se no Arquivo da Ordem, na Cúria Geral, Roma.

²³ Mat 16, 26. ²⁴ Imit L2 7, 2. ²⁵ 1 Tim 2, 1-3.

[*] Tratamento dado aos clérigos no antigo reino de Aragão.

2.ª CARTA À DUQUESA DE SESA (2 DS)

- 1** Em nome de Nossa Senhor Jesus Cristo e de Nossa Senhora, a Virgem Maria sempre intacta. Deus antes e acima de todas as coisas do mundo. Amém Jesus.

Deus vos salve, minha irmã muito amada em Jesus Cristo, muito nobre, virtuosa, generosa e humilde Duquesa de Sesa. Jesus Cristo vos salve e guarde, a vós, a toda a vossa companhia e a quantos Deus quiser e for servido. Amém Jesus.

- 2** Serve a presente para vos fazer saber como estou e para vos dar conta de todos os meus trabalhos, necessidades e angústias, que se me aumentam de dia para dia, e ainda mais agora, e cada vez muito mais, tanto pelas dívidas como pelos pobres que vão chegando, muitos dos quais sem roupa, descalços, chagados e cheios de piolhos, de modo que é forçoso que um ou dois homens não façam outra coisa senão escaldar piolhos numa caldeira a ferver. Este trabalho estender-se-á daqui por diante, por todo o Inverno, até ao próximo mês de Maio. Assim, minha irmã em Jesus Cristo, os meus trabalhos vão aumentando cada dia muito mais.
- 3** Pois Nossa Senhor Jesus Cristo quis levar para Si uma sua filha, a quem muito queria e amava, D. Francisca, filha de D. Bernardino, sobrinha do Marquês de Mondéjar. Nossa Senhor Jesus Cristo deu-lhe tanta graça que, enquanto viveu cá na terra, fez sempre muito bem aos pobres; e a todas as pessoas que lhe pediam por amor de Deus nunca lhe faltava a bendita esmola para lhes dar, de modo que ninguém deixava a sua casa desconsolado, não só pelas suas palavras sempre boas, como ainda pelo bom exemplo que sempre dava e pela boa doutrina que ensinava esta bem-aventurada donzela.
- 4** Eram tantas as coisas que ela fazia que, para as escrever, seria necessário um grande livro. Mas qualquer dia escreverei mais longamente^{*} sobre esta bem-aventurada donzela D. Francisca, que Nossa Senhor Jesus Cristo quis agora levar para Si, onde está bem e segura

[*] Que o servo de Deus foi sincero ao fazer esta quase promessa ninguém duvida certamente. Tão-pouco lhe faltava "engenho e arte", mas a verdade é que a "sollicitudo omnium Ecclesiarum", isto é, a preocupação em acudir a todas as necessidades que o urgiam de todos os lados, não lhe permitiu pôr em prática o piedoso intento, antes lhe cerceou o tempo e abreviou a vida.

com muita felicidade e descanso, de acordo com a nossa fé e com o que vimos todas as pessoas que a conhecíamos.

Pela vontade de Deus, pelas boas obras que Jesus Cristo nela opera-va e pela graça que lhe dava, a todos fazia bem, tanto pelos conse-lhos como pela esmola, pois Jesus Cristo lhe dava graça para tudo. Por isso, de acordo com a nossa fé e pelo que lhe vimos fazer cá na terra todos os que a conhecíamos, não podemos deixar de acreditar que ela goza agora o eterno descanso com Nosso Senhor Jesus Cris-to e com todos os Anjos da Corte do Céu.

- 5 Muito sentiram a sua morte todos os que a conheceram, tanto pobres como ricos, e com muito mais razão, e muito mais, o havia de sentir eu mais que ninguém, pelo conforto e bom conselho que sempre me dava, pois, por mais desanimado que eu chegasse a sua casa, não saía de lá sem consolação e bom exemplo. Mas, uma vez que Nosso Senhor foi servido levar-nos tão grande bem, bendito seja Ele para sempre, pois melhor sabe o que faz e nos convém do que nós podemos pensar¹.
- 6 Minha irmã muito amada em Jesus Cristo, quis dar-vos conta dos meus trabalhos, angústias e necessidades, porque sei que vos compadeceis de mim, como eu o faria a vosso respeito.
Muito vos devo, boa Duquesa, e nunca o esquecerei, pelo tão bom aco-lhimento que me fizestes, melhor do que eu merecia. Nosso Senhor Jesus Cristo vo-lo pague no Céu e vos traga com saúde o bom Duque de Sesa, vosso muito humilde marido, vos dê filhos de bênção, para que com eles o sirvais e ameis sobre todas as coisas do mundo.
- 7 Confiai só em Jesus Cristo², que o vosso marido virá muito breve-mente e com saúde do corpo e da alma, e não estejais aflita nem desanimada, pois daqui em diante vos sentireis mais alegre do que tendes estado até aqui, e vereis que é verdade o que eu vos dis-se, se confiardes só em Jesus Cristo. Deus antes e acima de todas as coisas do mundo, pois eu não sei nada; Jesus Cristo é que tudo sabe³, e com a sua ajuda haveis de ser consolada muito em breve com a presença do vosso muito humilde marido, a quem eu muito quero e estimo e a quem sou tão devedor, a ele e a todos os seus.

¹ Mt 6, 8; Imit L3 17, 1. ² Flp 3, 3. ³ Imit L3 50, 6.

- 8** Muitas vezes me tem ele tirado de embaraços e me tem desempenhado e consolado com a sua bendita esmola, a qual já os Anjos assentaram no Livro da Vida, no Céu, onde tem acumulado um grande tesouro⁴, para quando fordes para lá, boa Duquesa, poderdes gozar dele para sempre, vós e o vosso humilde marido, o bom Duque de Sesa. Praza a Nosso Senhor Jesus Cristo trazê-lo depressa diante dos vossos olhos, e vos dê filhos de bênção, para que sempre deis graças a nosso Senhor Jesus Cristo, como sempre Lhe dais, por tudo o que Ele faz e nos dá. Pois, se algumas vezes nos dá trabalhos e aflições, é para nosso proveito e para merecermos mais⁵.
- 9** Não encontro melhor remédio nem consolação, para quando me encontro aflito, do que olhar e contemplar a Jesus Cristo crucificado e meditar na sua santíssima Paixão e nos trabalhos e angústias que padeceu nesta vida; e tudo por nós, pecadores, maus, ingratos e mal-agradecidos. Ora, vendo nós como o Cordeiro sem mancha sofreu tantas humilhações sem as merecer, como ousaremos procurar descanso e prazer⁶ numa terra onde tantos males e penas infligiram a Jesus Cristo que nos criou e remiu? Que esperamos nós ter?
- 10** E assim, boa Duquesa, se bem repararmos, esta vida não é senão uma contínua guerra⁷ em que sempre vivemos, enquanto estivermos neste desterro e vale de lágrimas, sempre combatidos por três inimigos mortais, que são o mundo, o demónio e a carne⁸.
- 11** O mundo procura atrair-nos com vícios e riquezas, prometendo-nos vida longa e dizendo: anda para a frente, que ainda és novo; goza a bom gozar, que na velhice te emendarás.
- 12** O demónio está sempre a armar-nos laços e a estender-nos redes, para nelas tropeçarmos e cairmos⁹, e deixarmos de fazer o bem e a caridade, metendo-nos nos cuidados dos bens temporais, para que não nos lembremos de Deus nem dos cuidados que devemos ter com a nossa alma, purificando-a e revestindo-a de boas obras. Antes, saídos de um cuidado nos metemos noutro, ou então dizemos: agora, logo que acabe este serviço, quero emendar a minha vida. Assim, de agora em agora, nunca mais acabamos de nos livrar

⁴ M 19, 21; Mc 10, 21; Lc 18, 22. ⁵ 2 Cor 1, 3-6; Tgo 1, 12; Imit L2 10, 5. ⁶ Imit L2 12, 7. ⁷ Job 7, 1; Imit L3 12, 1; 3 1, 1. ⁸ 1 Jo 2, 16. ⁹ 1 Pd 5, 8.

dos ardis do demónio, até que chega a hora da morte e vemos ser falso tudo o que o mundo e o demónio prometem. Ora, uma vez que, conforme nos achar o Senhor, assim nos há-de julgar¹⁰, será bom que nos emendemos a tempo e não façamos como aqueles que dizem: amanhã, mais amanhã, e nunca mais começam¹¹.

- 13** O outro inimigo, que é o maior, e que, como ladrão de casa e doméstico, procura, com boas palavras e bons modos, levar-nos sempre à perdição, é a carne¹², o nosso corpo, que não quer senão boa comida, boa bebida e vestir bem, dormir muito e trabalhar pouco, luxúria e vaidade.
- 14** Para vencer estes três inimigos, muito precisamos da proteção, ajuda e graça de Jesus Cristo, de nos desprezarmos a nós mesmos¹³ em tudo, pelo tudo que é Jesus Cristo, confiando só n'Ele e confessando a verdade e todos os pecados aos pés do confessor, cumprindo a penitência que ele nos impuser e propondo nunca mais pecar, só por amor de Jesus Cristo. E, se pecarmos, confessar-nos com frequência.
- 15** É deste modo que poderemos vencer os inimigos de que falei. E não confiemos em nós mesmos, pois mil vezes ao dia cairemos no pecado se não confiarmos só em Jesus Cristo. Só por seu amor e bondade procuremos não pecar nem murmurar, não fazer mal nem causar dano ao próximo, antes querer para ele o que desejaríamos que nos fizessem a nós¹⁴; desejar que todos se salvem e amar e servir só a Jesus Cristo, por Ele ser quem é e não pelo temor do Inferno. Se for possível, seja o confessor bom e douto, de boa fama e vida exemplar. Tudo isto, minha irmã em Jesus Cristo, melhor o sabeis vós do que eu; por isso, quando me quiserdes mandar algum bom conselho, recebê-lo-ei de muito boa vontade, como de minha irmã em Jesus Cristo.
- 16** E agora, minha muito amada e querida irmã, mandai-me dizer como estais e como passais, depois de terem partido D. Álvaro e D. Bernardino, vossos muito nobres, virtuosos e humildes tios e meus irmãos em Jesus Cristo, a quem eu muito estimo. Deus

¹⁰ Rom 14, 12. ¹¹ Ecli 5, 6-7. ¹² Gál 5, 16-17; 1 Pd 2, 11. ¹³ Imit L3 32, 1. ¹⁴ Mt 22, 39.

Ihes pague o bom acolhimento que, onde quer que me encontrem, sempre me fazem e têm feito. Nosso Senhor receba um dia no Céu as suas almas e os faça agora chegar de boa saúde à presença da vossa humilde mãe, D. Maria de Mendoza, muito nobre, virtuosa e generosa, a qual sempre deseja agradar e servir a Nosso Senhor Jesus Cristo.

- 17** Mandai-me dizer como eles chegaram e como passam, e mandai-me igualmente algumas boas notícias do bom Duque, vosso muito humilde marido, pois de todo o seu bem muito me regozijo, como passa ele, como está e onde se encontra. Praza a Nosso Senhor Jesus Cristo trazê-lo em breve, e com saúde do corpo e da alma, a ele, a toda a sua companhia e a quantos Deus quiser e for servido. Amém Jesus.
- 18** Oh, minha irmã muito amada, boa e humilde Duquesa! Como estais só e isolada nesse castelo de Baena, rodeada das vossas muito virtuosas donzelas e damas muito honradas e honestas, a trabalhar e a bordar de noite e de dia, para não estardes ociosa nem gastardes o tempo inutilmente! Quereis seguir o exemplo de Nossa Senhora, a Virgem Maria sempre intacta, a qual, sendo Mãe de Deus, Rainha dos Anjos e Senhora do Mundo, tecia e bordava todo o dia para seu sustento, e de noite, e parte do dia, orava no seu recolhimento, para dar a entender que, depois do trabalho, devemos dar graças a Nosso Senhor Jesus Cristo, por usar para connosco de tanta misericórdia, dando-nos de comer, de beber e de vestir, e todas as coisas sem o merecermos. Se Ele não nos assistisse, que valor teria o nosso trabalho, habilidade e diligência?
- 19** Assim, pois, continuai sempre a trabalhar ou a ocupar-vos em obras de misericórdia e fazendo com que todos e todas digam a doutrina cristã e rezem as quatro orações que manda a Santa Mãe Igreja, e mandando-as ensinar a quem as não souber. Meditai sempre na Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo e nas suas preciosas Chagas; dizei que mais quereis só a Ele do que a todas as coisas do mundo¹⁵, e que quereis e amais o que Ele quer e ama e detestais o que Ele detesta, e que, por seu amor e bondade, e não por outro interesse, quereis fazer o bem e a caridade aos pobres e às pessoas necessitadas.

15 Deut 6, 5; 11, 1.

- 20** E agora, minha irmã, perdoai-me por ser sempre demasiado extenso ao escrever; e ainda não escrevo tudo o que desejaria, pois estou muito aflito e ainda mal dos olhos e em muita necessidade. Nosso Senhor Jesus Cristo vos façá compreender tudo isto. É que não posso (sozinho) dar conta desta obra que comecei, pois estou a renovar todo o hospital e são muitos os pobres e grande a despesa que aqui se faz, e a tudo se provê sem rendimentos; mas é Jesus Cristo que tudo remedea, pois eu não faço nada.
- 21** Eu gostaria de partir já por essa Andaluzia até Zafra e Sevilha, mas não posso enquanto não acabar esta obra, para que não seja trabalho perdido. Por outro lado, estou tão empenhado e em tanta necessidade que nem sei o que fazer de mim. Por isso, minha irmã muito amada em Jesus Cristo, mando-vos aí Angulo para que venda o trigo ou o traga para aqui, conforme vos parecer melhor. Mas, enfim, tenho muita necessidade de dinheiro para esta obra e para pagar algumas dívidas que me arrancam os olhos. Também não tenho com que pagar aos que vierem trazer o trigo, e a despesa é grande. Por isso, parece-me muito melhor vendê-lo. Vede vós, minha irmã, o que vos parece melhor.
- 22** Angulo leva a cédula do trigo e a minha procuração, que eu mandei fazer ao meu tabelião. Por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo que não venha sem algum socorro, de uma maneira ou de outra, pois logo que Angulo chegar, partiremos para Sevilha e para Zafra, para ir ter com o Conde de Féria e o Duque de Arcos, agora que lá está o Mestre Ávila, que os foi visitar. Pode ser que Nosso Senhor Jesus Cristo queira que eles me desempenhem de algumas dívidas. É melhor ir eu próprio do que mandar cartas, pois eles têm tantas ocupações e pobres a quem dar esmola que, se não estivermos em pessoa diante deles, logo lhes passa da memória o que lhes mandamos dizer. E não me admiro, porque os ricos são muito assediados pelos pobres, que muito os importunam. O Mestre Ávila mandou-me dizer por Angulo que fosse lá.
- 23** Minha irmã em Jesus Cristo, Jesus Cristo vos pague no Céu a es-

mola que destes a Angulo para aquelas pobres e para o seu caminho, que foram quatro ducados. Ele já me contou tudo e como vos compadeceis dos meus trabalhos. Perdoai-lhe por ele não ter podido voltar por aí, por causa de umas cartas.

Pois, minha irmã muito amada em Jesus Cristo, rogo-vos por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo que tenhais dó dos meus trabalhos, angústias e necessidades, para que Deus tenha misericórdia de vós¹⁶ e de tudo o que é vosso e de quantos Deus quiser e for servido. Amém Jesus.

24 Minha irmã, boa Duquesa, dai recomendações minhas à vossa muito virtuosa governanta; que ela rogue por mim, que eu farei o mesmo por ela; e a todas as muito humildes e virtuosas damas e donzelas da vossa nobre casa; que todas roguem a Deus por mim, pois me encontro em grande luta e batalha.

Dai igualmente as minhas recomendações ao meu irmão muito querido mosén João, e que ele me escreva a dizer como está e como passa; e a todos os fidalgos e criados da vossa muito nobre casa.

25 Que todos roguem a Nosso Senhor Jesus Cristo que me dê graça e auxílio para vencer o mundo, o demónio e a carne, e para observar os seus santos Mandamentos, e me conceda a graça de abraçar e crer tudo o que crê e ensina a Santa Mão Igreja; confessar com verdade e contrição todos os meus pecados e cumprir a penitência que me for imposta pelo confessor; amar e servir só a Jesus Cristo, que o mesmo farei eu por eles.

Dai ainda recomendações minhas a D. Isabel, a cantora, e dizei-lhe que Nosso Senhor Jesus Cristo a faça crescer de bem em melhor na virtude.

26 Vai aí João de Ávila, que é o meu companheiro. Embora eu o trate sempre por Angulo, o seu verdadeiro nome é João de Ávila.

Minha irmã muito amada, boa Duquesa de Sesa, mandai-me outro anel ou qualquer coisa do vosso uso, para eu poder empenhar. O outro está bem empregado, pois já o tendes no Céu. Dizei à muito humilde governanta e a todas as damas e donzelas que, se

¹⁶ Mt 5, 7; 18, 33; Tgo 2, 13.

tiverem alguma coisita de ouro ou prata para oferecer aos pobres e mandar para o Céu¹⁷, ma enviem, para que eu me lembre delas. Nossa Senhor Jesus Cristo vos salve e guarde, boa Duquesa, a vós e a toda a vossa companhia e a quantos Deus quiser e for servido. Amém Jesus. Sem essa oferta ou com ela, sinto-me muito obrigado a rogar a Deus por todas e por todos os da vossa casa e nobre morada.

27 Vosso desobediente e mais pequeno irmão, João de Deus, se Deus quiser, morrendo, mas entretanto calando e em Deus esperando, o qual deseja a salvação de todos como a sua própria. Amém Jesus.

Boa Duquesa, lembro-me muitas vezes dos presentes delicados que me oferecéis em Cabra e em Baena, e daqueles pãezinhos fofos que me dáveis. Deus vos dê o Céu e vos façá participante dos seus bens. Amém Jesus.

A handwritten signature in black ink, appearing to read "João de Deus".

Nota - O original desta carta encontra-se em Granada, no camarim da Basílica de S. João de Deus.

17 Mat 19, 21.

3.ª CARTA À DUQUESA DE SESÁ (3 DS)

- 1 *Esta carta seja entregue à humilde e generosa senhora D. Maria de los Cobos y Mendoza, mulher do nobre e virtuoso senhor D. Gonzalo Fernández de Córdova, Duque de Sesa, meus irmãos em Nossa Senhor Jesus Cristo.*
- 2 Em nome de Nossa Senhor Jesus Cristo e de Nossa Senhora, a Virgem Maria sempre intacta. Deus antes e acima de todas as coisas do mundo. Amém Jesus.
Deus vos salve, minha irmã em Jesus Cristo, boa Duquesa de Sesa, a vós e a toda a vossa companhia e a quantos Deus quiser e for servido. Amém Jesus.
- 3 A grande estima em que sempre vos tenho tido, a vós e ao vosso humilde marido, o bom Duque, faz com que vos não possa esquecer, pelo muito que vos devo e vos estou obrigado, por sempre me terdes ajudado e socorrido nos meus trabalhos e necessidades, com a vossa bendita esmola e caridade, para sustentar e vestir os pobres desta casa de Deus e de outras muitas de fora. Muito bem o tendes feito sempre, como bons defensores e cavaleiros de Jesus Cristo. É essa a razão que me leva a escrever-vos esta carta, boa Duquesa, pois não sei se vos tornarei mais a ver ou a falar. Jesus Cristo vos veja e fale convosco.
- 4 É tão grande a dor que me causa este meu mal, que não posso fazer sair as palavras do corpo [peito] nem sei se poderei acabar de vos escrever esta carta.
Muito gostaria de vos ver; por isso, rogai a Jesus Cristo para que, se Ele for servido, me dê a saúde que sabe ser-me necessária para me salvar e para fazer penitência dos meus pecados¹.
Se Ele for servido dar-me saúde, logo que esteja bom quero ir ter convosco e levar-vos as meninas que me mandastes pedir.
Minha irmã em Jesus Cristo, pensei ir a vossa casa pelo Natal, mas Jesus Cristo dispôs muito melhor do que eu merecia.

¹ Ap 2, 21.

- 5 Oh, boa Duquesa! Jesus Cristo vos pague no Céu a esmola e santa caridade que sempre me tendes feito e vos traga com saúde o bom Duque, vosso muito generoso e humilde marido, e vos dê filhos de bênção; espero em Jesus Cristo que sim, que vo-los dará. Recordai-vos bem do que um dia vos disse em Cabra: tende esperança só em Jesus Cristo², que por Ele sereis consolada, mesmo que agora passeis trabalhos; porque, no fim, hão-de contribuir para maior consolação e glória vossa, se o sofrerdes por Jesus Cristo³.
- 6 Oh, bom Duque! Oh, boa Duquesa! Abençoados sejais por Deus, vós e toda a vossa geração. Já que vos não posso ver, daqui vos deito a minha bênção, ainda que indigno pecador. Deus, que vos fez e criou, vos conceda a graça de vos salvardes. Amém Jesus. A bênção de Deus Pai, o amor do Filho e a graça do Espírito Santo estejam sempre convosco⁴, com todos e comigo. Amém Jesus. Por Jesus Cristo sereis consolados e socorridos, pois por Jesus Cristo me ajudastes e socorrestes, minha irmã em Jesus Cristo, boa e humilde Duquesa.
- 7 Se Jesus Cristo for servido levar-me desta vida presente, deixo aqui disposto que, quando chegar o meu companheiro Angulo, que foi à Corte – o qual vos recomendo, pois fica muito pobre, ele e a mulher –, vos leve as minhas armas, que são três letras de fio de ouro sobre cetim vermelho. Tenho-as guardadas desde que entrei em guerra com o mundo. Guardai-as muito bem com esta cruz, para as dardes ao bom Duque, quando Deus o trouxer com saúde.
- 8 As letras estão em cetim vermelho, para que sempre tenhais na vossa memória o precioso sangue, que Nosso Senhor Jesus Cristo derramou por todo o género humano, e a sua sacratíssima Paixão, pois não há mais alta contemplação do que a da Paixão de Jesus Cristo. Quem quer que dela for devoto não se perderá, com a ajuda de Jesus Cristo.
- 9 São três as letras, porque três são as virtudes que nos encaminham para o Céu: a primeira é a Fé (pela qual) acreditamos em tudo o que crê e ensina a Santa Mãe Igreja, guardamos os seus Mandamentos

2 Flp 3, 3; Imit L3 59, 1-3. 3 Sab 3, 4-9; Tgo 1, 12. 4 2 Cor 13, 13.

e os pomos em prática; a segunda é a **Caridade**, primeiro com as nossas almas, purificando-as com a confissão e a penitência; depois com os nossos próximos e irmãos, querendo para eles o que queremos para nós⁵; a terceira é a **Esperança**, só em Jesus Cristo, o qual, em troca dos trabalhos e sofrimentos que por seu amor passarmos nesta vida miserável, nos dará a glória eterna, pelos méritos da sua sagrada Paixão e pela sua misericórdia.

- 10** As letras são de ouro porque, assim como o ouro é um metal muito precioso e, para brilhar e ter a cor que o torna apreciado, é separado da terra e das escórias em que é encontrado, e depois purificado pelo fogo⁶ para ficar limpo e puro, assim convém que a alma, que é uma jóia muito preciosa, seja separada dos prazeres e imoralidades da terra, fique só com Jesus Cristo e depois seja purificada no fogo da caridade, com trabalhos, jejuns, disciplinas e ásperas penitências, para ser apreciada por Jesus Cristo e resplandecer na adorável presença divina.
- 11** Tem este pano quatro ângulos, que são as outras quatro virtudes que acompanham as três acima referidas: a **Prudência**, a **Justiça** a **Temperança** e a **Fortaleza**.
 A **Prudência** mostra-nos quão discreta e sabiamente devemos proceder em todas as coisas que tivermos de fazer e pensar, tomando conselho com os mais velhos e que mais sabem.
 A **Justiça** quer dizer ser recto e dar a cada um o que é seu, dar a Deus o que é de Deus e ao mundo o que é do mundo⁷.
 A **Temperança** ensina-nos a tomar com regra e moderação o comer, o beber, o vestir e todas as outras coisas necessárias aos corpos humanos.
 A **Fortaleza** manda-nos ser fortes e constantes no serviço de Deus⁸, mostrando cara alegre tanto nos trabalhos, fadigas e enfermidades, como na prosperidade e bem-estar, e por uns e outros dar graças a Jesus Cristo⁹.
- 12** Na outra face deste pano há uma cruz em forma de aspa (X), que deve levar todo aquele que deseja salvar-se¹⁰, cada um como Deus for servido e lhe der graça.

⁵ Mt 19, 19; Mc 12, 31. ⁶ Ecli 2, 1-5; Sab 5, 6. ⁷ Mt 22, 21; Mc 12, 17; Lc 20, 25. ⁸ 1 Cor 16, 13.

⁹ 1 Tes 5, 16-18 ¹⁰ Mt 16, 24; Lc 9-23.

Embora todos apontem ao mesmo alvo¹¹, deve cada um seguir o seu rumo, conforme Deus o encaminhar: uns serão frades, outros clérigos, outros eremitas e outros casados, pois em qualquer estando pode cada um salvar-se, se quiser¹².

Tudo isto, boa Duquesa, o sabeis vós muito melhor do que eu, e é por isso que gosto de falar com quem me entende.

13 Três coisas devemos a Deus: amor, serviço e reverência.

Amor, para que, como a Pai celeste, O amemos sobre todas as coisas do mundo¹³. **Serviço**, para que O sirvamos como a Senhor¹⁴, não pelo interesse da glória que Ele há-de dar aos que O servirem, mas unicamente pela sua bondade. **Reverência**, como a Criador, não trazendo o seu santo nome na boca senão para Lhe dar graças e bendizer o seu santo nome¹⁵.

14 Em três coisas, boa Duquesa, haveis de empregar o tempo de cada dia: **na oração**, no trabalho e no sustento do corpo.

Na oração, dando graças a Jesus Cristo logo que vos levantardes de manhã, pelos benefícios e mercês que sempre vos faz, por vos ter criado à sua imagem e semelhança e nos ter concedido a graça de sermos cristãos; pedindo misericórdia a Jesus Cristo para que nos perdoe, e rogando a Deus por todo o mundo¹⁶.

No trabalho, exercendo uma atividade física, ocupando-nos em algum serviço honesto para merecermos o que comemos, pois Jesus Cristo trabalhou até à morte, e porque não há coisa que engendre mais pecados do que a ociosidade¹⁷.

No **sustento** do corpo, pois, assim como um almoocreve trata e mantém um animal para se servir dele, assim convém que demos ao nosso corpo o que lhe é necessário, para que, por meio dele, tenhamos forças para servir a Jesus Cristo¹⁸.

15 Minha irmã muito amada e muito querida, por amor de Jesus Cristo vos rogo que tenhais na memória três coisas, que são estas: **a hora da morte**, à qual ninguém pode escapar; **as penas do Inferno** e **a glória da Bem-aventurança** do Paraíso.

Sobre a primeira, pensar como a morte destrói e acaba com tudo o que este miserável mundo nos dá, não nos deixando levar con-

11 1 Cor 9, 24-27. 12 Ecli 33, 11-14; Is 48, 17; Jer 7, 23. 13 Deut 6, 4-5; Mt 22, 37; Lc 10-27. 14 Deut 6, 13. 15 Deut 5, 11. 16 1 Tim 2, 1-5; Tgo 5, 16. 17 Ecli 33, 28-30; Ez 16, 49; 2Tes 3, 11-13.

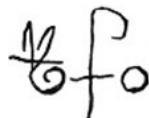
18 Mt 10, 10; 1 Cor 10, 31.

nosco senão um pedaço de pano roto e mal cosido¹⁹.

Sobre a segunda, pensar como, por tão breves prazeres e divertimentos, que rapidamente passam, temos de os ir pagar, se morrermos em pecado mortal, ao fogo do Inferno que nunca mais tem fim.

Sobre a terceira, considerar a glória e bem-aventurança que Jesus Cristo tem reservadas para aqueles que O servem, as quais nunca olhos viram, nem ouvidos ouviram nem o coração pôde imaginar²⁰.

- 16** Por isso, minha irmã em Jesus Cristo, esforcemo-nos todos por amor de Jesus Cristo e não nos deixemos vencer pelos nosso inimigos²¹: **mundo, demónio e carne**. Sobretudo, minha irmã, tende sempre caridade, pois ela é a mãe de todas as virtudes²².
- 17** Minha irmã em Jesus Cristo, muito me aflige esta dor e não me deixa escrever; quero descansar um pouco, porque desejo escrever-vos longamente, pois não sei se nos tornaremos a ver.
Jesus Cristo esteja convosco e com toda a vossa companhia, etc...²³



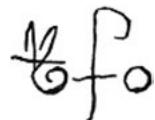
Nota - Não temos o original desta carta, mas a cópia que dela se fez para o exame dos escritos de S. João de Deus, em ordem ao processo de beatificação, está no Arquivo da Ordem, na Cúria Geral, Roma.

¹⁹ Tím 6, 7. ²⁰ 1 Cor 2, 9; 2 Tim 4, 7-8. ²¹ 1 Jo 2, 15. ²² 1 Cor 16, 14; Col 3, 14; 1 Pd 4, 8. ²³ Esta frase ficou incompleta. Parece que faltaram de todo as forças ao Santo para continuar. Tudo indica que tenham sido estas as últimas palavras que escreveu (ditou?).

RECIBO DE UMA ESMOLA ENTREGUE A S. JOÃO DE DEUS POR UM FIDALGO DA CIDADE DE GRANADA

“Digo eu, João de Deus, que recebi de vós, Fernando de Castro, quatro ducados da esmola que vossa mulher, que esteja em glória, mandou que me fossem dados de esmola para os pobres.

Assinei-o com o meu nome e em Granada, a 6 de Dezembro de 1548 anos, com estas minhas três letras.”

A handwritten signature in black ink, appearing to read "Fernando de Castro". The signature is fluid and cursive, with "Fernando" on the top line and "de Castro" on the bottom line.

Nota - O autógrafo deste recibo está guardado na igreja de S. Basílio, da cidade de Córdova (Espanha).

ÍNDICE ANALÍTICO DAS CARTAS DE S. JOÃO DE DEUS

ACOLHIMENTO

- ... em que me fizestes tão bom **acolhimento** e me mostrastes tão boa vontade (2GL 13).
- Deus vos pague pelo tão bom **acolhimento** que me fizestes (1DS 4).
- ... nunca o esquecerei, pelo tão bom **acolhimento** que me fizestes (2 DS 6).
- Deus lhes pague pelo bom **acolhimento** que...sempre me fazem e têm feito (2DS 16).

ALMA

- Se eu tivesse a certeza de que aqui aproveitaríeis para a vossa **alma** e para a de todos, mandar-vos-ia vir imediatamente (LB 6).
- ... ao ver padecer tantos pobres meus irmãos e próximos, com tantas necessidades, tanto do corpo como da **alma**, fico muito triste (2 GL 8).
- ... para que roguem a Deus pela **alma** de quem o (dinheiro) deixou (2 GL 17).
- ... peço antes a Nosso Senhor que vos dê a salvação da **alma**... (2 GL 18).
- Deus receba no Céu a vossa **alma** e a de todos os que vivem nessa casa... (1 DS 4).
- ... O Duque regressará muito em breve, e com saúde da **alma** e do corpo (1 DS 6).
- ... não sabemos a hora a que chamarão à porta da nossa **alma**... (1 DS 7).
- Jesus Cristo acompanhe as suas **almas**... (1 DS 9).
- ... e para que Cristo lhe guarde o corpo do perigo e a **alma** do pecado (1 DS 11).
- ... e sejamos caridosos, primeiro com as nossas **almas** (1 DS 13).
- ... espero em Deus que um dia tudo isso vos servirá de descanso para a vossa **alma** (1 DS 15).
- ... pois mais vale a **alma** que todos os tesouros do mundo (1 DS 17).
- ... o vosso marido virá muito brevemente e com saúde do corpo e da **alma** (2 DS 7).

- O demónio está sempre a armar-nos laços... para que não nos lembremos de Deus nem dos cuidados que devemos ter com a nossa **alma**, purificando-a e revestindo-a de boas obras (2 DS 12).
- Nosso Senhor receba um dia no Céu as suas **almas** (2 DS 16).
- Praza a Nosso Senhor Jesus Cristo trazê-lo em breve, e com saúde do corpo e da **alma** (2 DS 17).
- ... ter caridade, primeiro com as nossas **almas** (3 DS 9).
- ... convém que a **alma**, que é uma jóia muito preciosa, seja separada dos prazeres e imoralidades da terra... (3 DS 10).

ALVO

- Já que todos atiramos ao mesmo **alvo** (2 GL 11).
- Embora todos apontem ao mesmo **alvo**, deve cada um seguir o seu rumo (3 DS 12).

AMAR/AMOR

- **Amai** a Nosso Senhor Jesus Cristo sobre todas as coisas do mundo, pois, por mais que O **ameis**, muito mais vos **ama** Ele (LB 15).
- ... desprezar-me a mim mesmo e **amar** só a Jesus Cristo (2 GL 12).
- Contente só poderá estar aquele que, desprezando todas as coisas, **ama** a Jesus Cristo (1 DS 10).
- ... para que sempre O sirvais, O **ameis**... (1 DS 11).
- ... pois Deus a todos **ama** (1 DS 12).
- ... e vos dê filhos de bênção, para que com eles O sirvais e **ameis** sobre todas as coisas do mundo (2 DS 6).
- ... desejar que todos se salvem e **amar** e servir só a Jesus Cristo (2 DS 15).
- ... quereis e **amais** o que Ele quer e **ama**... (2 DS 19).
- ... **amar** e servir a Jesus Cristo... (2 DS 25).
- ... para que, como a Pai Celeste, O **amemos** sobre todas as coisas do mundo (3 DS 13).
- ... tereis de passar tudo isto por **amor** de Deus (LB 9).
- Por **amor** de Nosso Senhor Jesus Cristo mandai-me sem demora esse dinheiro (1 GL 4).
- Por amor de N.S.J.C., recomendai-me à... vossa mulher, a qual... e por **amor** de Deus obedecer e servir a seu marido Guterres Lasso... (1 GL 5).

- recomendo-vos este negócio por **amor** de N.S.J.C. (2 GL 17).
- ... se nós dermos por **amor** aos pobres o que Ele mesmo nos dá... (1 DS 13).
- ... a todas as pessoas que lhe pediam por **amor** de Deus nunca lhe faltava uma bendita esmola para lhes dar... (2 DS 3).
- ... propondo nunca mais pecar, só por **amor** de Jesus Cristo (2 DS 14).
- Só por seu **amor** e bondade procuremos não pecar... (2 DS 15).
- ... e que, por seu **amor** e bondade... quereis fazer o bem e a caridade aos pobres... (2 DS 19).
- Por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo que não venha sem algum socorro... (2 DS 22).
- ... rogo-vos por **amor** de N.S.J.C. que tenhais dó dos meus trabalhos... (2 DS 23).
- A bênção de Deus Pai, o **amor** do Filho e a graça do Espírito Santo estejam sempre convosco... (3 DS 6).
- ... o qual... por seu **amor**... nos dará a glória eterna... (3 DS 9).
- Três coisas devemos a Deus: **amor**... **amor**, para que, como a Pai Celeste, o amemos sobre todas as coisas do mundo... (3 DS 13).
- ... por **amor** de Jesus Cristo vos rogo que tenhais na memória três coisas... a hora da morte... as penas do Inferno e a glória da Bem-Aventurança... (3 DS 15).
- esforcemo-nos desde já por **amor** de Jesus Cristo e não nos deixemos vencer pelos nossos inimigos (3 DS 16).

ANEL

- O **anel** está bem empregado... (1 DS 4). -...mandai-me outro **anel**... o outro... já o tendes no Céu (2 DS 26).

ANJOS

- ... a esmola que me destes já os **Anjos** a têm assente no Livro da Vida, no Céu (1 DS 4).
- ... ela goza agora o eterno descanso com N.S. Jesus Cristo e com todos os **Anjos** na Corte do Céu (2 DS 4).
- ... a sua bendita esmola, a qual já os **Anjos** assentaram no Livro da Vida, no Céu (2 DS 8).
- Quereis seguir o exemplo de Nossa Senhora, a Virgem Maria sempre intacta... Mãe de Deus, Rainha dos **Anjos** e Senhora do Mundo (2 DS 18).

ARMAS

- Deixo aqui disposto que... vos leve as minhas **armas**... (3 DS 7).

BÊNÇÃO

- **Abençoados** sejais por Deus, vós e toda a vossa geração (3 DS 6).
- A **bênção** de Deus Pai, o amor do Filho e a graça do Espírito Santo estejam sempre convosco, com todos e comigo. Amém Jesus (3 DS 6).

BONDADE

- Só por seu amor e **bondade** procuremos não pecar nem murmurar (2 DS 15).
- ... e que, por seu amor e **bondade**... quereis fazer o bem e a caridade aos pobres e às pessoas necessitadas (2 DS 19).
- ... mas unicamente pela sua **bondade** (3 DS 13).

CARIDADE

- Tende sempre **caridade**, porque onde não há **caridade** não há Deus, embora Ele esteja em todo o lugar (LB 15).
- ... e me dê humildade, paciência e **caridade** para com os meus próximos (2 GL 12).
- ... é muita e muito grande a **caridade** que tenho recebido da sua casa e dos seus (1 DS 5).
- ... dando esmolas e praticando sempre a **caridade** (1 DS 11).
- ... sejamos **caridosos**, primeiro com as nossas almas... (1 DS 13).
- ... assim como a água apaga o fogo, assim a **caridade** redime o pecado (1 DS 13).
- ... para cairmos e deixarmos de fazer o bem e a **caridade** (2 DS 12).
- ... quereis fazer o bem e a **caridade** aos pobres e às pessoas necessitadas (2 DS 19).
- ... por sempre me terdes ajudado e socorrido... com a vossa bendita esmola e **caridade** (3 DS 3).
- Jesus Cristo vos pague no Céu a esmola e santa **caridade** que sempre me tendes feito (3 DS 5).
- ... a segunda é a **caridade** (pela qual procuramos) ter **caridade**, primeiro com as nossas almas (3 DS 9).
- ... assim convém que a alma...fique só com Jesus Cristo e depois purificada no fogo da **caridade** (3 DS 10).

- Sobretudo, minha irmã, tende sempre **caridade**, pois ela é a mãe de todas as virtudes (3 DS 16).

CARNE

- ... será conveniente que procureis mortificar um pouco a vossa **carne**, levando vida difícil, com fome e sede... (LB 9).
- ... que me dê graça e forças para resistir e vencer o mundo, o demónio e a **carne** (2 GL 11).
- ... estamos numa guerra contínua com o mundo, o demónio e a **carne**... (1 DS 7).
- ... sempre combatidos por três inimigos mortais, que são: o mundo, o demónio e a **carne** (2 DS 10).
- O outro inimigo, que é o maior, e que...procura...levar-nos sempre à perdição, é a **carne**, o nosso corpo... (2 DS 13).
- Que todos roguem a N.S. Jesus Cristo que me dê graça e auxílio para vencer o mundo, o demónio e a **carne** (2 DS 25).
- ... e não nos deixemos vencer pelos nossos inimigos, mundo, demónio e **carne** (3 DS 16).

CASA/CASA DE DEUS

- ... para que, se vierdes para a **casa de Deus**, saibais conhecer o bem e o mal (LB 10).
- A **casa** está aberta para vós (LB 11).
- ... não sei se o Senhor será servido que venhais para esta **casa** (LB 12).
- ... são muitos os pobres que procuram refúgio nesta **casa de Deus** (2 GL 4).
- ... como esta **casa** é geral, nela se recebe toda a espécie de doentes e toda a classe de pessoas (2 GL 5).
- ... não há dia nenhum em que, para abastecimento da **casa**, não sejam necessários quatro ducados e meio, e às vezes cinco (2 GL 6).
- ... e de muitas outras coisas que são necessárias nesta **casa de Deus** (2 GL 7).
- ... o qual deixou certos bens a esta **casa** (2 GL 15).
- ... pois ando a reparar toda a **casa** (1 DS 14).
- ... para sustentar e vestir os pobres desta **casa de Deus** (3 DS 3).

CÉU

- Nosso Senhor Jesus Cristo vos pague no **Céu** a boa obra que por Jesus Cristo fizestes (2 GL 13).
- Perdoai-me por vos dar tanto trabalho, mas um dia vos servirá de descanso no **Céu** (2 GL 17).
- ... a esmola que me destes já os Anjos a têm assente no Livro da Vida, no **Céu** (1 DS 4).
- Deus receba no **Céu** a vossa alma (1 DS 4).
- Não desejeis consolação nesta vida, mas no **Céu** (1 DS 9).
- ... ela goza agora com N.S.J.C. e com todos os Anjos da Corte do **Céu** (2 DS 4).
- Nosso Senhor Jesus Cristo vo-lo pague no **Céu** (2 DS 6).
- ... a sua bendita esmola, a qual já os Anjos assentaram no Livro da Vida, no **Céu**... (2 DS 8).
- Nosso Senhor receba um dia no **Céu** as suas almas... (2 DS 16).
- Jesus Cristo vos pague no **Céu** a esmola que destes a Angulo... (2 DS 23).
- O outro (anel)... já o tendes no **Céu** (2 DS 26).
- ... se tiverem alguma coisita de ouro ou de prata para oferecer aos pobres e mandar para o **Céu** (2 DS 26).
- Deus vos dê o **Céu**... (2 DS 27).
- Jesus Cristo vos pague no **Céu** a esmola e santa caridade... (3 DS 5).
- São três as letras, porque três são as virtudes que nos encaminham para o **Céu**... (3 DS 9).
- ... vos rogo que tenhais na memória três coisas:... e a glória da Bem-Aventurança do Paraíso (=Céu) (3 DS 15).

CHAGAS

- recorrei à Paixão de Jesus Cristo Nosso Senhor e às suas preciosas **Chagas**... (1 DS 10).
- Meditai sempre na Paixão de N. S. Jesus Cristo e nas suas preciosas **Chagas** (2 DS 19).

CHAVE

- ... e daqui não saio e aponho o meu selo e fecho com a minha **chave** (2 GL 12).
- ... pois nesta vida infeliz o viver bem é a **chave** daquele que sabe salvar-se e tudo o mais é nada (2 GL 18).

CONFESSAR

- **Confessai-vos** com frequência, se for possível (LB 15).
- Os pecados que eu fizer quero **confessá-los** ... (1 GL 11).
- Que Ele me faça **confessar** com verdade todos os meus pecados (2 GL 12).
- ... e **confessando** a verdade e todos os pecados aos pés do **confessor** ... E, se pecarmos, **confessar-nos** com frequência (2 DS 14).
- ... **confessar** com verdade e contrição todos os meus pecados (2 DS 25).
- ... primeiro com as nossas almas, purificando-as com a **confissão** e a penitência... (3 DS 9).

CONFESSOR

- Que ele me faça..., obedecer ao meu **confessor** (2 GL 12).
- ... confessando a verdade e todos os pecados aos pés do **confessor**... (2 DS 14).
- ... seja o **confessor** bom e douto... (2 DS 15).
- ... e cumprir a penitência que me for imposta pelo **confessor** (2 DS 25).

CONFIANÇA

- No entanto, **confio** só em Jesus Cristo que me há-de desempenhar... (2 GL 8).
- ... maldito o homem que **confia** nos homens... (2 GL 9).
- ... pois é pessoa em quem eu **confio**... (2 GL 16).
- ... **confiando** só em Jesus Cristo que é a perfeita certeza (1 DS 6).
- Confiai só em Jesus Cristo. Maldito o homem que confia no homem (1 DS 6).
- ... que confiais sempre n'Ele... (1 DS 10).
- Confiai só em Jesus Cristo... e vereis que é verdade o que eu vos disse, se confiardes só em Jesus Cristo (2 DS 7).
- ... **confiando** só n'Ele... (2 DS 14).
- E não **confiemos** em nós mesmos, pois mil vezes ao dia cairemos em pecado se não **confiarmos** só em Jesus Cristo (2 DS 15).

CONSOLAÇÃO

- Não estejais triste; **consolai-vos** só em Jesus Cristo; não desejeis **consolação** nesta vida, mas só no Céu (1 DS 9).
- ... recorrei à Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo e às suas preciosas

Chagas e sentireis grande **consolação** (1 DS 10).

- ... por mais desanimado que eu chegassem a sua casa, não saía de lá sem **consolação** e bom exemplo (2 DS 5).
- ... Jesus Cristo é que tudo sabe, e com a sua ajuda haveis de ser **consolada...** (2 DS 7).
- ... e me tem desempenhado e **consolado** com a sua bendita esmola (2DS 8).
- Não encontro melhor remédio nem **consolação...** do que olhar e contemplar Jesus Cristo crucificado... (2 DS 9).
- ... tende esperança só em Jesus Cristo, que por Ele sereis **consolada...** porque, no fim, hão-de contribuir para maior **consolação** e glória vossa... (3 DS 5).
- Por Jesus Cristo sereis **consolados** e socorridos (3 DS 6).

CONTEMPLAÇÃO

- Não encontro melhor remédio nem consolação... do que olhar e **contemplar** Jesus Cristo crucificado (2 DS 9).
- ... não há mais alta **contemplação** do que a da Paixão de Jesus Cristo (3 DS 8).

CONTENTE

- Já entreguei a vossa carta ao Baptista que está na cadeia; ficou muito **contente** com ela (LB 16).
- ... em nada seríamos melhores e nunca estaríamos **contentes** por mais que tivéssemos. **Contente** só poderá estar aquele que, desprezando todas as coisas, ama a Jesus Cristo (1 DS 10).

DEMÓNIO - DIABO

- ... e vos haveis de guardar muito das mulheres como do **diabo** (LB 12).
- ... não deixeis de rogar a Jesus Cristo por mim, para que me dê graça e forças para vencer o mundo, o **demónio** e a carne (2 GL 11).
- ... estamos numa guerra contínua com o mundo, o **demónio** e a carne (1 DS 7).
- ... sempre combatido por três inimigos mortais, que são o mundo, o **demónio** e a carne (2 DS 10).
- O **demónio** está sempre a armaz-nos ciladas e a estender-nos laços (2 DS 12).
- ... nunca mais acabamos de nos livrar dos ardilis do **demónio...** e ve-

- mos ser falso tudo o que o mundo e o **demónio** prometem (2 DS 12).
- ... que me dê graça e auxílio para vencer o mundo, o **demónio** e a carne... (2 DS 25).
 - ... e não nos deixemos vencer pelos nossos inimigos, mundo, **demónio** e carne (3 DS 16).

DESPREZO

- Que Ele me faça... **desprezar-me** a mim mesmo (2 GL 12).
- Contente só poderá estar aquele que, **desprezando** todas as coisas, ama a Jesus Cristo (1 DS 10).
- ... muito precisamos... de nos **desprezarmos** inteiramente a nós mesmos... (2 DS 14).

DEUS

- **Deus** antes e acima de todas as coisas do mundo (início de todas as cartas). **Deus** vos salve meu irmão... Luís Baptista (LB 1).
- ... quase nem tenho tempo de encomendar o assunto a **Deus** (LB 4).
- Mas nisto só **Deus** é que sabe o que é melhor e mais acertado (LB 6).
- **Deus** é quem tudo sabe e pode remediar (LB 8).
- Tudo isto o deveis sofrer por **Deus**, pois, se para cá vierdes, tereis de passar tudo isto por amor a **Deus** (LB 9).
- ... para que, se vierdes para a casa de **Deus**, saibais conhecer o mal e o bem (LB 10).
- Mas, se vierdes para aqui, haveis de obedecer muito e trabalhar muito... e tudo em coisas de **Deus** (LB 11).
- ... tendes de oferecer algum fruto a **Deus** (LB 13).
- Fazei o que vos parecer melhor e **Deus** vos inspirar. Se por agora achardes melhor correr mundo, em busca de alguma ação em que melhor sirvais a **Deus**... (LB 14).
- Todos os dias da vossa vida tende **Deus** diante dos olhos... onde não há caridade não há **Deus**, embora Ele esteja em todo o lugar (LB 15).
- Nada mais tenho a dizer-vos, a não ser que **Deus** vos salve... (LB 17).
- Termino a carta, mas não as orações que dirijo a **Deus**, por vós e por todos (LB 17).
- Tenho-me dado muito bem com o Rosário e espero em **Deus** rezá-lo quantas vezes puder e **Deus** quiser (LB 17).
- ... que **Deus** me queira perdoar... (LB 19).

- Agora ficai com **Deus** e andai com **Deus** (LB 20).
- ... cheguei muito bem de saúde, graças a **Deus** (1 GL 2).
- ... me escreva... com a ajuda de **Deus** (1 GL 6).
- ... será como **Deus** quiser (1 GL 8).
- ... se for da vontade de **Deus**, será melhor casá-lo... (1 GL 8).
- Cada um deve abraçar o estado que **Deus** lhe der (1 GL 9).
- Quando **Deus** quiser, um se há-de casar e outro cantar Missa (1 GL 9).
- ... eu não sei nada, **Deus** é que tudo sabe (1 GL 9).
- ... o bem que os homens fazem não é deles mas de **Deus**: a **Deus** a honra, a glória, o louvor (1 GL 11).
- ... são muitos os pobres que procuram refúgio nesta casa de **Deus** (2 GL 4).
- ... cada um siga o seu caminho, conforme **Deus** é servido e o guia (2 GL 11).
- ... para que [os pobres] roguem a **Deus** pela alma de quem o deixou [o dinheiro] (2 GL 17).
- Sabe **Deus** a necessidade com que me esperavam os pobres! (1 DS 3).
- **Deus** receba no Céu a vossa alma (1 DS 4).
- **Deus** lhe pague por todas as vezes que [o Duque] me tirou de apuros e me desempenhou (1 DS 5).
- ... com a ajuda de **Deus**, o Duque regressará muito em breve (1 DS 6).
- ... dai sempre graças a **Deus** por tudo... (1 DS 9).
- Praza a **Deus** trazer depressa [o Duque] à vossa presença (1 DS 11).
- Todos têm obrigação de vos servir... vós de lhes fazer bem, pois **Deus** a todos ama (1DS 12).
- ... como é grande a misericórdia de **Deus**... (1 DS 13).
- ... eu gostava que, se **Deus** fosse servido,...ganhásseis vós esta esmola que aqueles perderam... (1 DS 17).
- Despachai Angulo depressa, com o que **Deus** quiser e for servido e vós lhe derdes (1 DS 19).
- ... a todas as pessoas que lhe pediam por amor de **Deus** nunca lhe faltava a bendita esmola para lhes dar (2 DS 3).
- Pela vontade de **Deus**, a todos fazia bem... (2 DS 4).
- **Deus** tenha misericórdia de vós... e de quantos **Deus** quiser e for servido (2 DS 23).
- Que todos roguem a **Deus** por mim... (2 DS 24).
- ... sinto-me muito obrigado a rogar a **Deus** por todas e por todos os da vossa casa... (2 DS 26).
- **Deus** vos dê o Céu e vos faça participante dos seus bens (2 DS 27).

- ... para sustentar e vestir os pobres desta casa de **Deus** e de outras muitas de fora (3 DS 3).
- Abençoados sejais por **Deus**, vós e toda a vossa geração... (3DS 6).
- **Deus** que vos fez e vos criou vos conceda a graça de vos salvardes (3 DS 6).
- A bênção de **Deus** Pai, o amor do Filho e a Graça do Espírito Santo estejam sempre convosco... (3 DS 6).
- A Justiça quer dizer... dar a **Deus** o que é de **Deus**... (3 DS 11).
- A Fortaleza... que sejamos fortes e persistentes no serviço de **Deus** (3 DS 11).
- ... cada um deve seguir o seu rumo, conforme **Deus** o encaminhar (3 DS 12).
- Três coisas devemos a **Deus**: amor, serviço e reverência (3 DS 13).
- ... e rogando a **Deus** por todos (3 DS 14).

DÍVIDAS

- Desde que vim já me **empenhei** em trinta ducados ou mais (1 GL 2).
- Mandai-me os vinte e cinco ducados, pois esses e muitos mais já eu **devo**... (1 GL 3).
- ... vejo-me **empenhado**...pois **devo** mais de duzentos ducados... (2 GL 7).
- ... muitas vezes nem saio de casa pelas **dívidas** que tenho... (2 GL 8).
- ... pois já mos não querem fiar por eu **dever** muito (2 GL 17).
- ... tanto pelas **dívidas** como pelos pobres que vão chegando... (2 DS 2).
- Muito vos **devo**, boa Duquesa... (2 DS 6).
- Por outro lado, estou tão **empenhado** e em tanta necessidade que nem sei o que fazer de mim (2 DS 21).
- ... tenho muita necessidade de dinheiro para esta obra e para pagar algumas **dívidas** que me arrancam os olhos (2 DS 21).
- Pode ser que N. S. Jesus Cristo queira que eles me **desempenhem** de algumas **dívidas** (2 DS 22).
- ... faz com que vos não possa esquecer, pelo muito que vos **devo** e vos sou obrigado... (3 DS 3).
- Três coisas **devemos** a Deus: amor, serviço e reverência (3 DS 13).

DOR

- É tão grande a **dor** que me causa este meu mal, que não posso fazer sair as palavras do corpo (peito)... (3 DS 4).

- ... muito me aflige esta **dor** e não me deixa escrever (3 DS 17).

DOUTRINA

- ... pois já as vi dizer a **doutrina** cristã quando aí estive (1 DS 8).
- ... pelo exemplo que sempre dava e pela boa **doutrina** que ensinava esta bem-aventurada donzela (2 DS 3).
- ... fazendo com que todos e todas digam a **doutrina** cristã... (2 DS 19).

ESMOLA

- ... o Arcediago, que andou comigo a pedir a bendita **esmola** (1 GL 6).
- No dia em que não se recolhem **esmolas** suficientes... compro-o fiado e outras vezes jejuam (2 GL 7).
- ... fui para Granada, sem pedir a **esmola** em Alcalá (1 DS 3).
- ... a **esmola** que me destes já os Anjos a têm escrito no Livro da Vida, no Céu (1 DS 4).
- Esta **esmola** está diante de Jesus Cristo a pedir por vós (1 DS 4).
- ... dando **esmolas** e praticando sempre a caridade (1 DS 11).
- ... eu gostava que, se Deus fosse servido, ganhásseis vós esta **esmola** que aqueles perderam... (1 DS 17).
- ... se lhe derdes aquela **esmola**, passai-lhe um bilhete... (1 DS 19).
- ... nunca lhe faltava uma bendita **esmola** para lhes dar... (2 DS 3).
- ... a todos fazia bem, tanto pelos conselhos, como pela **esmola** (2 DS 4).
- ... muitas vezes me tem desempenhado... com a sua bendita **esmola** (2 DS 8).
- ... pois eles têm tantas ocupações e pobres a quem dar **esmola** (2 DS 22).
- ... Jesus Cristo vos pague no Céu a **esmola** que destes a Angulo (2 DS 23).
- ... por sempre me terdes ajudado e socorrido... com a vossa bendita **esmola**... (3 DS 3).
- ... Jesus Cristo vos pague no Céu a **esmola** e santa caridade que sempre me tendes feito... (3 DS 5).

ESPERANÇA

- ... e em Deus **esperando** (a concluir as cartas).
- ... **espero** em Deus rezá-lo (o Rosário) quantas vezes puder e Deus quiser (LB 17).
- **Espero** em N. S. Jesus Cristo que um dia passeareis no jardim celeste (1 GL 3).

- ... **espero** em Deus que um dia tudo isto vos servirá de descanso para a vossa alma (1 DS 15).
- Que **esperamos** nós ter? (2 DS 9).
- ... **espero** em Jesus Cristo que sim, que vo-los dará (os filhos de bêncão) (3 DS 5).
- tende **esperança** só em Jesus Cristo... (3 DS 5).
- A terceira é a **Esperança**, só em Jesus Cristo (3 DS 9).

ESTADO DE GRAÇA

- ... **não durmais nenhuma noite em pecado mortal** (LB 15).
- ... e se nem isto bastar, baste a **graça** de Deus (LB 18).
- **Agora ficai com Deus e andai com Deus** (LB 20).
- ...a não ser para pedir a Deus que conceda o **estado de graça** a todos e a todas (1 GL 9).

ESTADO DE VIDA

- Vai-se aproximando o tempo de escolherdes um **estado de vida** (LB 13).
- Quanto ao vosso filho... parece-me que, se for da vontade de Deus, **será melhor casá-lo...** (1 GL 8).
- Cada um deve abraçar o **estado** (de vida) que Deus lhe der (1 GL 9).
- Quando Deus quiser, um se **há-de casar** e outro cantar Missa (1 GL 9).

EXEMPLO

- Reparai em toda a sua vida: o que foi senão trabalhos, para nos dar o **exemplo**? (1 DS 10).
- ... como ainda pelo bom **exemplo** que sempre dava... esta bem-aventurada donzela (2 DS 3).
- ... por mais desanimado que eu chegassem a sua casa, não saía de lá sem consolação e bom **exemplo** (2 DS 5).
- Quereis seguir o **exemplo** de Nossa Senhora, a Virgem Maria sempre intacta (2 DS 18).
- ... para merecermos o que comemos, a **exemplo** de Jesus Cristo, que trabalhou até à morte (3 DS 14).

FÉ

- Que Ele me faça... **aceitar e crer** tudo o que **professa e crê** a Santa Mãe Igreja (2 GL 12).

- Quando vos fordes deitar, boa Duquesa... confirmai-vos na fé, dizendo o **Credo** (1 DS 8).
- Por isso, de acordo com a nossa **fé**... não podemos deixar de **acreditar** que ela goza agora o eterno descanso com N. S. Jesus Cristo... (2 DS 4).
- ... e me conceda (Jesus Cristo) **a graça de abraçar e crer** tudo o que crê e ensina a Santa Mãe Igreja (2 DS 25).
- A primeira (letra) é a **Fé** (pela qual) acreditamos em tudo o que crê e ensina a Santa Mãe Igreja (3 DS 9).

FILHO(S)

- Deus vos salve... meu **filho**... (LB1).
- ... meu **filho** Baptista... (LB 10).
- ... ao **filho** mais querido é que se confiam os trabalhos mais difíceis. (LB 13).
- ... ao vosso **filho** o Arcediago (1 GL 6).
- ... dai recomendações minhas a todos os vossos **filhos e filhas**... (1 GL 7).
- Quanto ao vosso **filho**, o bom cavaleiro que me parece ser o morgado... (1 GL 8).
- Praza a N.S.J.C. fazer dos vossos **filhos** aquilo que vós desejais... (1 GL 9).
- N.S.J.C. sabe melhor o que há-de fazer com os vossos **filhos e filhas**... (1 GL 10).
- ... tudo o que fizerdes, vós, os vossos **filhos e filhas**... (1 GL 12).
- ... e vos compadeceis dos seus **filhos**, os pobres... (2 GL 10).
- ... saudai em meu nome..., os vossos muito amados **filhos** ... (2 GL 14).
- Pois N.S.J.C. quis levar para Si uma sua **filha**... D. Francisca, **filha** de D. Bernardino... (2DS 3).
- A bênção de Deus Pai, o amor do **Filho** e a graça do Espírito Santo estejam sempre convosco... (3 DS 6).

FILHOS DE BÊNÇAO

- Praza a N. S. Jesus Cristo trazê-lo com saúde e dar-lhe **filhos de bênção** (1 DS 5).
- Praza a Deus trazê-lo depressa à vossa presença e vos dê **filhos de bênção** (1 DS 11).
- N. S. Jesus Cristo... e vos traga com saúde o bom Duque de Sesa, vosso muito humilde marido, e vos dê **filhos de bênção** (2 DS 6).

- Praza a N. S. Jesus Cristo trazê-lo depressa diante dos vossos olhos e vos dê **filhos de bênção** (2 DS 8).
- Oh, boa Duquesa, Jesus Cristo vos pague no Céu a esmola... e vos traga com saúde o bom Duque, vosso... marido, e vos dê **filhos de bênção** (3 DS 5).

FORTALEZA

- a **Fortaleza** manda-nos que sejamos fortes e persistentes no serviço de Deus (3 DS 11).

GLÓRIA

- ... a Deus a honra, a **glória** e o louvor... (1 GL 11).
- ... mesmo que agora passeis trabalhos... hão-de contribuir para maior consolação e **glória** vossa (3 DS 5).
- ... o qual (Jesus Cristo)... nos dará a **glória** eterna (3 DS 9).

GRAÇA

- ... e se nem isso bastar, baste a **graça** de Deus (LB 18).
- ... não deixeis de rogar a Jesus Cristo por mim, para que me dê **graça** e forças para resistir ao mundo, ao demónio e à carne (2 GL 11).
- N. S. Jesus Cristo deu-lhe tanta **graça** que, enquanto viveu na terra, fez sempre muito bem aos pobres (2 DS 3).
- ... e pela **graça** que lhe dava..., pois Jesus Cristo lhe dava **graça** para tudo e para todos (2 DS 4).
- Que todos roguem a N. S. Jesus Cristo que me dê **graça** e auxílio para vencer o mundo, o demónio e a carne (2 DS 25).
- Deus, que vos fez e vos criou, vos conceda a **graça** de vos salvardes (3 DS 6).
- ... e nos ter concedido a **graça** de sermos cristãos (3 DS 14).

GRAÇAS

- ... e por tudo lhe haveis de dar muitas **graças** (LB 9).
- ... estou muito aflito e com muita necessidade. **Graças** a N. S. Jesus Cristo por tudo isso (2 GL 3).
- **Graças** sejam dadas a Ele para sempre (2 GL 9).
- ... dai sempre **graças** a Deus por tudo o que Ele vos quiser dar cá na terra (1 DS 9).

- ... para que sempre deis **graças** a N. S. Jesus Cristo... por tudo o que Ele faz e nos dá (2 DS 8).
- ... depois do trabalho, devemos dar **graças** a N. S. Jesus Cristo (2 DS 18).
- ... e por um e por outros dar **graças** a N. S. Jesus Cristo (3 DS 11).
- ... não trazer o seu santo nome na boca senão para Lhe dar **graças** (3 DS 13).
- ... dando **graças** a N. S. Jesus Cristo, logo que vos levanteis de manhã, pelos benefícios e mercês que sempre vos faz (3 DS 14).

GRATIDÃO

- ...pois **estou obrigado** a rezar por todos (1 GL 7).
- Praza a Nossa Senhor Jesus Cristo **dar-vos por tudo isso a recompensa** no Céu (1 DS 4).
- Deus **vos pague** pelo tão bom acolhimento que me fizestes (1 DS 4).
- **Estou muito obrigado** a todos os senhores de Andaluzia e de Castela, mas muito mais ao bom Duque de Sesa e a todos os seus (1 DS 5).
- Nossa Senhor J.C. **vos guarde** do mal, boa Duquesa (1 DS 18).
- **Muito vos devo**, boa Duquesa, e nunca o esquecerei, pelo tão bom acolhimento que me fizestes... N. S. Jesus Cristo vo-lo pague no Céu... (2 DS 6).
- ... pelo muito que **vos devo e vos estou obrigado**, por sempre me teres ajudado e socorrido (3 DS 3).
- Jesus Cristo **vos pague** no Céu a esmola e santa caridade que sempre me tendes feito (3 DS 5).

GUERRA

- ... estamos numa contínua **guerra**... sempre combatidos por três inimigos mortais, que são o mundo, o demónio e a carne (1 DS 7).
- ... esta vida não é senão uma contínua **guerra**... sempre combatidos por três inimigos mortais, que são o mundo, o demónio e a carne (2 DS 10).
- ... pois me encontro em grande **luta e batalha** (2 DS 24).
- ... que me dê graça e auxílio para **vencer** o mundo, o demónio e a carne (2 DS 25).
- Tenho-as guardadas (as minhas armas) desde que entrei em **guerra** com o mundo (3 DS 7).
- ... não nos deixemos **vencer** pelos nossos inimigos, mundo, demónio e carne (3 DS 16).

HORA (DA MORTE)

- ... pois não sabemos a **hora** a que chamarão à porta da nossa alma, e como nos acharem assim nos hão-de julgar (1 DS 7).
- ... até que chega a **hora da morte** e vemos ser falso tudo o que o mundo e o demónio prometem (2 DS 12).
- ... a **hora da morte**, à qual não escapa ninguém... (3 DS 15).

HUMILDADE

- Mas em tudo o que aqui digo **eu não sei nada**, Deus é que tudo sabe (1 GL 9).
- ... não deixeis de rogar a Jesus Cristo por mim, para que me dê graça e forças... e me dê **humildade**... Que Ele me faça... **desprezar-me a mim mesmo** (2 GL 11-12).
- Perdoai-me por vos dar tanto trabalho (2 GL 17).
- **Estou muito obrigado** a todos os senhores de Andaluzia e de Castela... (1 DS 5).
- E nós, **pobres pecadores e vermezinhos da terra**, para que queremos descanso ou riqueza? (1 DS 10).
- **Muito vos devo**, boa Duquesa, e nunca o esquecerei, pelo tão bom acolhimento que me fizestes, **melhor do que eu merecia** (2 DS 6).
- ... **eu não sei nada**: Jesus Cristo é que tudo sabe... (2 DS 7).
- ... e tudo por nós, **pecadores, maus, ingratos e mal-agradecidos** (2 DS 9).
- E não confiemos em nós mesmos, pois **mil vezes ao dia cairemos em pecado se não confiarmos só em Jesus Cristo** (2 DS 15).
- ... devemos dar graças a N. S. Jesus Cristo... **dando-nos... todas as coisas sem nós o merecermos** (2 DS 18).
- ... daqui vos deito a minha bênção, **ainda que indigno pecador** (3 DS 6).
- **Vosso desobediente e mais pequeno irmão...** (mais ou menos o remate de todas as cartas, menos da última, pois não a pôde acabar).

INFERNO

- ... amar e servir só a Jesus Cristo, por Ele ser quem é e não pelo temor do **Inferno** (2 DS 15).
- ... que tenhais na memória três coisas...: **a hora da morte..., as penas do Inferno** e a glória da Bem-Aventurança do Paraíso (3 DS 15).
- ... por tão breves prazeres e divertimentos... temos de os ir pagar, se morrermos em pecado mortal, ao fogo do **Inferno** que nunca mais tem fim (3 DS 15).

INIMIGOS (DA ALMA)

- ... sempre combatidos por três **inimigos** mortais, que são o mundo, o demónio e a carne (2 DS 10).
- Para vencer estes três **inimigos**, muito precisamos da proteção, ajuda e graça de Jesus Cristo (2 DS 14).
- ... e não nos deixemos vencer pelos nossos **inimigos**, mundo, demónio e carne (3 DS 16).

IRMÃ/IRMÃO

- (A todos, pobres e ricos, trata por **irmãos**): Meu **irmão** em Jesus Cristo..., Luís Baptista (LB 1).
- Meu **irmão** em Jesus Cristo, Guterres Lasso (1 GL 1).
- Deus vos salve, meu **irmão** em Jesus Cristo (2 GL 2).
- ... ao ver padecer tantos pobres, meus **irmãos** e próximos... fico muito triste por não os poder socorrer (2 GL 8).
- Deus vos salve, minha **irmã** muito amada em Jesus Cristo (1 DS 2).
- Deus vos salve, minha **irmã** muito amada em Jesus Cristo (2 DS 1).
- Deus vos salve, minha **irmã** muito amada em Jesus Cristo (3 DS 2).

JESUS CRISTO

- *Quase se pode dizer que, em S. João de Deus, quando falava ou escrevia (ou ditava), as expressões Jesus Cristo ou Nosso Senhor Jesus Cristo lhe saíam ao ritmo da respiração ou, se fosse possível, ainda com mais frequência. Decididamente, Jesus vivia em João e João vivia em Jesus. "Em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo", assim começam invariavelmente todas as cartas, e quase todas terminam: "Amém Jesus".*
- Deus vos salve, meu irmão em Jesus Cristo (LB 1).
- ... é necessário encomendá-lo muito a N. S. Jesus Cristo (LB 4).
- ... encomendeis o caso a N. S. Jesus Cristo (LB 7).
- Lembrai-vos de Nosso Senhor Jesus Cristo (LB 10).
- ... mais valeria voltar para aqui ou para Sevilha, para onde Nosso Senhor vos guiasse (LB 10).
- Amai a Nosso Senhor Jesus Cristo sobre todas as coisas do mundo (LB 15).
- ... escravo de Nosso Senhor Jesus Cristo, desejoso de O servir. Amém Jesus. (LB 19).

- Espero em **Nosso Senhor Jesus Cristo** que um dia passeareis no jardim celeste (1 GL 3).
- Por amor de **Nosso Senhor Jesus Cristo** recomendai-me à ...vossa mulher, a qual tanto deseja servir e agradar a **Nosso Senhor Jesus Cristo** (1 GL 5).
- ... o Arcediago... que é o mais humilde servo dos servos de Nosso Senhor Jesus Cristo (1 GL 6).
- **Nosso Senhor Jesus Cristo** o (vosso filho) guie (1 GL 8).
- ... praza a **Nosso Senhor Jesus Cristo** que na prudência seja homem maduro (1 GL 8).
- Praza a **Nosso Senhor Jesus Cristo** fazer dos vossos filhos aquilo que vós desejais, e como **Nosso Senhor Jesus Cristo** melhor for servido (1 GL 9).
- **Nosso Senhor Jesus Cristo** sabe melhor o que há-de fazer com os vossos filhos e filhas... (1 GL 10).
- ... e tudo o que **Nosso Senhor Jesus Cristo** fizer o haveis de aceitar... e ter por bom (1 GL 10).
- **Nosso Senhor Jesus Cristo** não permita que façais coisa alguma que Lhe não seja agradável. Amém **Jesus**. (1 GL 12).
- ... estou muito aflito e em muita necessidade. Graças a **Nosso Senhor Jesus Cristo** por tudo isso. -...Mas **Jesus Cristo** a tudo provê (2 GL 3).
- ... vejo-me aqui empenhado e preso só por **Jesus Cristo** (2 GL 7).
- No entanto, confio só em **Jesus Cristo**, que me há-de desempenhar (2 GL 8).
- ... **Jesus Cristo** é fiel e imutável. E como é **Jesus Cristo** que a tudo provê, graças Lhe sejam dadas para sempre. Amém **Jesus** (2 GL 9).
- ... sei que quereis muito a **Jesus Cristo** (2 GL 10).
- ... não deixeis de rogar a **Jesus Cristo** por mim (2 GL 11).
- ... amar só a **Jesus Cristo** (2 GL 12).
- Nosso Senhor **Jesus Cristo** vos pague no Céu a boa obra que por **Jesus Cristo** fizestes... **Jesus Cristo** vo-lo pague. Amém **Jesus** (2 GL 13).
- Recomendo-vos este negócio por amor de **Nosso Senhor Jesus Cristo** (2 GL 17).
- Minha irmã em **Jesus Cristo**, a esmola que me destes já os Anjos a têm assente no Livro da Vida, no Céu (1 DS 4).
- Esta esmola está diante de **Jesus Cristo** a pedir por vós (1 DS 4).
- Praza a **Nosso Senhor Jesus Cristo** dar-vos por tudo isto a recompensa no Céu (1 DS 4).

- Praza a **Nosso Senhor Jesus Cristo** trazê-lo com saúde e dar-lhe filhos de bênção (1 DS 5).
- ... confiando só em **Jesus Cristo** que é a perfeita certeza (1 DS 6).
- ... **Jesus Cristo**... é fiel e imutável (1 DS 6).
- **Jesus Cristo** acompanhe as suas almas, os guie e faça chegar com saúde (1 DS 9).
- Consolai-vos só em **Jesus Cristo** (1 DS 9).
- ... recorrei à Paixão de **Jesus Cristo Nosso Senhor** (1 DS 10).
- Contente só poderá estar aquele que,... ama a **Jesus Cristo** (1 DS 10).
- Dai tudo pelo tudo que é **Jesus Cristo** (1 DS 10).
- ... dizei que mais quereis a **Jesus Cristo** do que a todo o mundo (1 DS 10).
- **Nosso Senhor Jesus Cristo** vos guarde (1 DS 18).
- **Jesus Cristo** vos salve e guarde, a vós e a toda a vossa companhia (2 DS 1).
- **Nosso Senhor Jesus Cristo** quis levar para Si uma sua filha, a quem muito queria e amava... **Nosso Senhor Jesus Cristo** deu-lhe tanta graça... (2 DS 3).
- D. Francisca, que **Nosso Senhor** quis agora levar para Si... **pois Jesus Cristo** lhe dava graça para tudo e para todos (2 DS 4).
- Minha irmã muito amada em **Jesus Cristo**, quis dar-vos conta dos meus trabalhos... **Nosso Senhor Jesus Cristo** vo-lo pague no Céu... (2 DS 6).
- Confiai só em **Jesus Cristo**... **Jesus Cristo** é que tudo sabe... (2 DS 7).
- Praza a **Nosso Senhor Jesus Cristo** trazê-lo depressa... para que sempre deis graças a **Nosso Senhor Jesus Cristo**... (2 DS 8).
- ... onde tantos males e penas infligiram a **Jesus Cristo**... (2 DS 9).
- ... muito precisamos da proteção, ajuda e graça de **Jesus Cristo**... e propondo nunca mais pecar, só por amor de **Jesus Cristo** (2 DS 14).
- ... pois mil vezes ao dia cairemos em pecado se não confiarmos só em **Jesus Cristo** (2 DS 15).
- ... vossa humilde mãe, D. Maria de Mendoza... a qual sempre deseja agradar e servir a **Nosso Senhor Jesus Cristo** (2 DS 16).
- Praza a **Nosso Senhor Jesus Cristo** trazê-lo (o bom Duque) em breve, e com saúde do corpo e da alma (2 DS 17).
- ... depois do trabalho, devemos dar graças a **Nosso Senhor Jesus Cristo**... (2 DS 18).
- Meditai sempre na Paixão de **Nosso Senhor Jesus Cristo**... (2 DS 19).

- **Nosso Senhor Jesus Cristo** vos faça compreender tudo isto (2 DS 20).
- ... mas é **Jesus Cristo** que tudo remedeia... (2 DS 20).
- Por amor de **Nosso Senhor Jesus Cristo** que não venha (Angulo) sem algum socorro (2 DS 22).
- Minha irmã em **Jesus Cristo**: **Jesus Cristo** vos pague no Céu a esmola que destes a Angulo para aquelas pobres... (2 DS 23).
- ... rogo-vos por amor de **Nosso Senhor Jesus Cristo** que tenhais dó dos meus trabalhos... (2 DS 23).
- Que todos roguem a **Nosso Senhor Jesus Cristo** que me dê graça e auxílio... (2 DS 25).
- ... amar e servir só a **Jesus Cristo** (2 DS 25).
- ... dizei-lhe (à D. Isabel, a cantora) que **Nosso Senhor Jesus Cristo** a faça crescer... na virtude (2 DS 25).
- Nosso **Senhor Jesus Cristo** vos salve e guarde, boa Duquesa (2 DS 26).
- ... boa Duquesa... **Jesus Cristo** vos veja e fale convosco (3 DS 3).
- ... rogai a **Jesus Cristo** para que, se Ele for servido, me dê a saúde que sabe ser-me necessária para me salvar... (3 DS 4).
- Minha irmã em **Jesus Cristo**, pensei ir a vossa casa pelo Natal, mas **Jesus Cristo** dispôs muito melhor do que eu merecia (3 DS 4).
- Oh, boa Duquesa, **Jesus Cristo** vos pague no Céu a esmola e santa caridade que sempre me tendes feito... (3 DS 5).
- ... tende esperança só em **Jesus Cristo**... (3 DS 5).
- Por **Jesus Cristo** sereis consolados e socorridos, pois por **Jesus Cristo** me ajudastes e socorrestes, minha irmã em **Jesus Cristo** (3 DS 6).
- Se **Jesus Cristo** for servido levar-me desta vida presente (3 DS 7).
- ... sempre tenhais em vossa memória o precioso sangue que **Nosso Senhor Jesus Cristo** derramou (3 DS 8).
- ... a terceira é a Esperança, só em **Jesus Cristo** (3 DS 9).
- ... convém que a alma... fique só com **Jesus Cristo**... e depois seja purificada... para ser apreciada por **Jesus Cristo**... (3 DS 10).
- ... e por uns e por outros dar graças a **Jesus Cristo** (3 DS 11).
- ... dando graças a **Jesus Cristo** logo que vos levanteis de manhã (3 DS 14).
- ... a exemplo de **Jesus Cristo**, que trabalhou até à morte (3 DS 14).
- ... para que, por meio dele, tenhamos forças para servir a **Jesus Cristo** (3 DS 14).
- ... considerar a glória e bem-aventurança que **Jesus Cristo** tem reservadas para aqueles que O servem (3 DS 15).

- ... esforcemo-nos todos, desde já por amor de **Jesus Cristo** e não nos deixemos vencer pelos nossos inimigos (da alma) (3 DS 16).
- **Jesus Cristo** esteja convosco e com toda a vossa companhia (3 DS 17).

JUÍZO

- ... não sabemos a hora a que chamarão à porta da nossa alma e, como nos acharem, assim nos hão-de **julgar** (1 DS 7).
- Ora, uma vez que, conforme nos achar o Senhor, assim nos há-de **julgar**, será bom que nos emendemos a tempo... (2 DS 12).

JUSTIÇA

- Já que todos atiramos ao mesmo alvo, embora cada um siga o seu caminho... é **justo** que nos encorajemos uns aos outros (2 GL 11).
- ... vendei-lha sem demora, de modo que **não fiquem prejudicados** nem quem a comprar, nem os pobres (2 GL 16).
- Deus **Ihes pague** o bom acolhimento que, onde quer que me encontrem, sempre me fazem e têm feito (2 DS 16).
- Minha irmã em Jesus Cristo: Jesus Cristo **vos pague** no Céu a esmola que destes a Angulo para aquelas pobres... (2 DS 23).
- **A justiça** quer dizer ser recto e dar a cada um o que é seu: dar a Deus o que é de Deus e ao mundo o que é do mundo (3 DS 11).

LIVRO DA VIDA

- ... a esmola que me destes já os Anjos a têm assente no **Livro da Vida**, no Céu (1 DS 4).
- ... a qual (esmola) já os Anjos assentaram no **Livro da Vida**, no Céu (2 DS 8).

MANDAMENTOS

- Que todos roguem a Nossa Senhor Jesus Cristo que me dê a graça e auxílio... para observar os seus santos **Mandamentos** (2 DS 25).
- ... a primeira é a Fé, (pela qual) acreditamos em tudo o que crê e ensina a Santa Mãe Igreja, guardamos os seus **Mandamentos** e os pomos por obra (3 DS 9).

MARIA

- Em nome de Nossa Senhor Jesus Cristo e de Nossa Senhora, a Virgem

- Maria** sempre intacta (início de todas as cartas do santo).
- ... a qual (mulher de G.L.) tanto deseja servir e agradar a N.S.J.C. e a Nossa Senhora, a Virgem **Maria** sempre intacta (1 GL 5).
 - ... o mais humilde servo dos servos de N.S.J.C. e de N.^a S.^a, a Virgem **Maria** sempre intacta (1 GL 6).
 - ... seja tudo para serviço de N.S.J.C. e da Virgem **Maria** Nossa Senhora (1 GL 12).
 - Quereis seguir o exemplo de Nossa Senhora, a Virgem **Maria** sempre intacta, a qual, sendo Mãe de Deus, Rainha dos Anjos e Senhora do Mundo... (2 DS 18).

MENINOS

- ... de modo que há aqui... e outros muito velhos e muitos **meninos** (2 GL 5).
- ... e ainda para a criação de **meninos** que para aqui deitam (2 GL 7).

MISERICÓRDIA

- ... aí cumprir as obras de **misericórdia**, dando de comer e vestindo a todos os que vivem nessa casa (1 DS 12).
- Se considerássemos como é grande a **misericórdia** de Deus, nunca deixaríamos de fazer o bem enquanto pudéssemos (1 DS 13).
- ... devemos dar graças a Nosso Senhor Jesus Cristo, por usar para connosco de tanta **misericórdia**, dando-nos de comer, de beber e de vestir, e todas as coisas sem o merecermos (2 DS 18).
- Assim, pois, continuai sempre a trabalhar ou a ocupar-vos em obras de **misericórdia**... (2 DS 19).
- ... para que Deus tenha **misericórdia** de vós e de tudo o que é vosso... (2 DS 23).
- ... o qual..., nos dará a glória eterna, pelos méritos da sua sagrada Paixão e por sua grande **misericórdia** (3 DS 9).
- ... pedindo **misericórdia** a Jesus Cristo, para que nos perdoe... (3 DS 14).

MISSA

- Ouvi sempre **Missa** inteira (LB 15).
- ... mandai dizer algumas **Missas** ao Espírito Santo e aos [Santos] Reis [Magos] (LB 18).
- A alva e os castiçais coloquei-os logo sobre o altar em vosso nome,

para que participeis de todas as **Missas** e orações que ali se disserem (1 DS 4).

MORTE

- ... não sabemos a hora a que **chamarão à porta da nossa alma** (1 DS 7).
- ... até que chega a hora da **morte** e vemos ser falso tudo o que o mundo e o demónio prometem (2 DS 12).
- ... a exemplo de Jesus Cristo, que trabalhou até à **morte** (3 DS 14).
- ... a hora da **morte**, à qual ninguém pode escapar... pensar como a **morte** destrói e acaba com tudo o que este miserável mundo nos dá (3 DS 15).
- João de Deus, se Deus quiser **morrendo**, mas entretanto calando e em Deus esperando... (final das cartas).

MULHERES

- Vendo eu como sois muitas vezes tão fraco, particularmente no que respeita a **mulheres**, não sei que vos diga sobre mandar-vos vir para aqui (LB 5).
- Mas lembrai-vos de que, se vierdes, haveis de vir a sério e vos haveis de guardar muito das **mulheres** como do diabo (LB 12).

MUNDO

- Deus antes e acima de todas as coisas do **mundo** (princípio das cartas).
- ... sempre combatidos por três inimigos mortais, que são: **o mundo**, o demónio e a carne (2 DS 10).
- O **mundo** procura atrair-nos com vícios e riquezas, prometendo-nos vida longa (2 DS 11).
- ... Senhora do **Mundo** (2 DS 18).
- ... dizei que mais quereis só a Ele do que a todas as coisas do **mundo** (2 DS 19).
- ... dar a Deus o que é de Deus e ao mundo o que é do **mundo** (3 DS 11).
- ... e não nos deixemos vencer pelos nossos inimigos: **mundo**, demónio e carne (3 DS 16).

NECESSIDADE

- ... estou muito aflito e em muita **necessidade** (2 GL 3).
- ... e ao ver padecer tantos pobres, meus irmãos e próximos, com

- tantas **necessidades**... fico muito triste por os não poder socorrer (2 GL 8).
- Como sei que... vos compadeceis dos seus filhos, os pobres, dou-vos conta das suas **necessidades** e minhas (2 GL 10).
 - ... e me empenhei em três ducados, em favor de alguns pobres muito **necessitados**... Sabe Deus a **necessidade** com que me esperavam os pobres! (1 DS 3).
 - ... e é sempre **necessário** que olhemos por nós (1 DS 7).
 - ... ando a reparar toda a casa... e com estas obras estou em grande **necessidade** (1 DS 14).
 - ... encontrei uma casa na maior **necessidade** (1 DS 15).
 - Estou aqui em tão grande **necessidade** que, no dia em que tenho de pagar aos que trabalham, ficam alguns pobres sem comer (1 DS 16).
 - ... e para vos dar conta de todos os meus trabalhos, **necessidades** e angústias... (2 DS 2).
 - Eram tantas as coisas que ela fazia que, para as escrever, seria **necessário** um grande livro (2 DS 4).
 - ... quis dar-vos conta dos meus trabalhos, **necessidades** e angústias, porque sei que vos compadeceis de mim (2 DS 6).
 - ... por seu amor e bondade... quereis fazer a caridade aos pobres e às pessoas **necessitadas** (2 DS 19).
 - ... estou muito aflito e ainda mal dos olhos e em muita **necessidade** (2 DS 20).
 - ... estou tão empenhado e em tanta **necessidade**, que nem sei o que fazer de mim (2 DS 21).
 - Mas, enfim, tenho muita **necessidade** de dinheiro para esta obra e para pagar algumas dívidas que me arrancam os olhos (2 DS 21).
 - ... rogo-vos por amor de N.S.J.C. que tenhais dó dos meus trabalhos, angústias e **necessidades**... (2 DS 23).
 - ... faz com que vos não possa esquecer,... por sempre me terdes ajudado e socorrido nos meus trabalhos e necessidades... (3 DS 3).
 - Se Ele for servido, me dê a saúde que sabe ser-me necessária... (3 DS 4).
 - ... e todas as demais coisas que são **necessárias** para os cuidados do corpo humano (3 DS 11).
 - ... convém que demos ao nosso corpo o que lhe é **necessário** para que, por meio dele, tenhamos forças para servir a Jesus Cristo (3 DS 14).

NOME

- Em **nome** de Nosso Senhor Jesus Cristo e de Nossa Senhora, a Virgem Maria sempre intacta (início de todas as cartas).
- ... saudai em meu **nome** toda a vossa casa (2 GL 14).
- ... não trazendo o seu santo **Nome** na boca senão para Lhe dar graças e bendizer o seu santo **Nome** (3 DS 13).

OBEDIÊNCIA

- ... se vierdes para aqui, haveis de **obedecer** muito... (LB 11).
- ... **fazei tudo como Ele quiser** e for servido (LB 14).
- Que Ele (Jesus Cristo) me **faça...** **obedecer** ao meu confessor (2 GL 12).

OCIOSIDADE

- Se para cá vierdes, não há-de ser senão para trabalhar e não para **descansar** (LB 13).
- E nós, pobres pecadores e vermezinhos da terra, para que queremos **descanso** ou riqueza? (1 DS 10).
- ... a trabalhar e a bordar de noite e de dia, para não estardes **ociosa** nem gastardes o tempo inutilmente (2 DS 18).
- ... pois não há nada que engendre mais pecados do que a **ociosidade** (3 DS 14).

ORAÇÃO

- Termino a carta, mas não as **orações** que dirijo a Deus por vós e por todos (LB 17).
- ... pois estou obrigado a **rezar** por todos (1 GL 7).
- ... para **pedir a Deus** que conceda o estado de graça a todos e a todas (1 GL 9).
- ... não deixeis de **rogar** a Jesus Cristo por mim... (2 GL 11).
- ... para que **roguem** a Deus pela alma de quem o deixou (o dinheiro) (2 GL 17).
- Esta esmola está diante de Jesus Cristo a **pedir por vós** (1 DS 4).
- ... para que participeis de todas as Missas e **orações** que ali se disserem (1 DS 4).
- ... **dizendo** o Credo, o Pai-Nosso, a Ave-Maria e a Salve-Rainha, que são as quatro **orações** que manda **rezar** a Santa Mãe Igreja; e mandai que as rezem todas as vossas damas e criadas (1 DS 8).

- ... a qual (Nossa Senhora), de noite e parte do dia, **orava** no seu re-colhimento (2 DS 18).
- ... que ela (a governanta) **rogue** por mim, que eu farei o mesmo por ela... que todas **roguem** a Deus por mim, pois me encontro em grande luta e batalha (2 DS 24).
- Que todos **roguem** a N.S.J.C. que me dê graça e auxílio... (2 DS 25).
- ... sinto-me muito obrigado a **rogar** a Deus por todas e por todos os da vossa casa e nobre morada (2 DS 26).
- ... **rogai** a J.C. para que, se Ele for servido, me dê a saúde, que sabe ser-me necessária... (3 DS 4).
- ... boa Duquesa, haverá de empregar o tempo de cada dia na **oração**, no trabalho e no sustento do corpo. Na **oração**, dando graças a J.C. logo que vos levanteis... pedindo misericórdia a J.C. para que nos perdoe e **rogando** a Deus por todos (3 DS 14).

PACIÊNCIA

- ... meu irmão muito amado em J.C. (Guterres Lasso), não deixais de rogar a J.C. por mim..., para que me dê... **paciência** e caridade para com os meus próximos (2 GL 11).

PAIXÃO (DE CRISTO)

- Lembrai-vos de N.S.J.C. e da sua bendita **Paixão** (LB 10).
- ... recorrei à **Paixão** de Jesus Cristo Nossa Senhor (1 DS 10).
- Não encontro melhor remédio nem consolação... do que olhar e contemplar Jesus Cristo crucificado e meditar na sua santíssima **Paixão**... (2 DS 9).
- Meditai sempre na **Paixão** de N.S. Jesus Cristo ... (2 DS 19).
- ... e a sua sacratíssima **Paixão**, pois não há mais alta contemplação do que a da **Paixão** de Jesus Cristo (3 DS 8).
- ... o qual (Jesus Cristo) nos dará a glória eterna, pelos méritos da sua sagrada **Paixão**... (3 DS 9).

PECADO

- ... não durmais nenhuma noite em **pecado** mortal (LB 15).
- Os **pecados** que eu fizer quero confessá-los e fazer penitência deles (1 GL 11).
- Que Ele (J.C.) me faça confessar com verdade todos os meus **pecados**... (2 GL 12).

- ... para que Cristo lhe (ao Duque de Sesa) guarde o corpo do perigo e a alma do **pecado** (1 DS 11).
- ... e (Deus) nos suplica de braços abertos que... choremos os nossos **pecados...** (1 DS 13).
- ... assim como a água apaga o fogo, assim a caridade redime o **pecado** (1 DS 13).
- ... e confessando... todos os **pecados** aos pés do confessor (2 DS 14).
- E não confiemos em nós mesmos, pois mil vezes ao dia cairemos em **pecado...** (2 DS 15).
- ... confessar com verdade e contrição todos os meus **pecados** (2 DS 25).
- ... Ele... me dê a saúde que sabe ser-me necessária para me salvar e para fazer penitência dos meus **pecados** (3 DS 4).
- ... não há nada que engendre mais **pecados** do que a ociosidade (3 DS 14).
- ... temos de os ir pagar, se morrermos em **pecado** mortal, ao fogo do Inferno, que nunca mais tem fim (3 DS 15).

PECADOR

- E nós, pobres **pecadores...** para que queremos descanso ou riqueza? (1 DS 10).
- ... e tudo por nós, **pecadores**, maus, ingratos e mal-agradecidos (2 DS 9).
- ... daqui vos deito a minha bênção, ainda que indigno pecador (3 DS 6).

PENITÊNCIA

- Os pecados que eu fizer quero confessá-los e fazer **penitência** deles (1 GL 11).
- ... confessando a verdade e todos os pecados aos pés do confessor, cumprindo a **penitência** que ele nos impuser... (2 DS 14).
- ... confessar com verdade e contrição todos os meus pecados e cumprir a **penitência** que me foi imposta pelo confessor (2 DS 25).
- ... e para fazer **penitência** dos meus pecados (3 DS 4).
- ... purificando (as nossas almas) com a confissão e a **penitência** (3 DS 9).
- ... com trabalhos, jejuns, disciplinas e áspera **penitência** (3 DS 10).

PEREGRINOS

- ... pedi informação aos **peregrinos**, que vão de um lado para outro... (LB 7).

- Pois entre todos... pessoal de serviço e **peregrinos**, há mais de cento e dez (2 GL 4).
- ... e afora estes, muitos outros **peregrinos**... que aqui acodem (2 GL 5).

POBRES

- Mas se vierdes para aqui, haveis de... trabalhar muito... e de vos desvelar no serviço dos **pobres** (LB 11).
- Mandai-me quantos **pobres** chagados aí houver (1 GL 2).
- ... que são tantos os **pobres** que aqui se acolhem... (2 GL 3).
- ... agora de inverno, são muitos os **pobres** que procuram refúgio nessa casa de Deus (2 GL 4).
- ... ao ver padecer tantos **pobres** meus irmãos... fico muito triste por não os poder socorrer (2 GL 8).
- N.S. Jesus Cristo vos pague no Céu a boa obra que por Jesus Cristo fizestes pelos **pobres** e por mim (2 GL 13).
- ... vendei-lha... de modo que não fiquem prejudicados nem quem a comprar, nem os **pobres** (2 GL 16).
- Sabe Deus a necessidade com que me esperavam os **pobres**! (1 DS 3).
- ... mandei vestir dois **pobres** chagados e comprei uma manta com o que me deram por ele (anel) (1 DS 4).
- ... se nós dermos por amor aos **pobres** o que Ele mesmo nos dá, Ele (Deus) nos promete cem por um na Bem-Aventurança (1 DS 13).
- Tão **pobres** e maltratados os vi que me despedaçaram o coração (1 DS 15).
- ... no dia em que tenho de pagar aos que trabalham, ficam alguns pobres sem comer (1 DS 16).
- ... tanto pelas dívidas como pelos **pobres** que vão chegando (2 DS 2).
- ... fez sempre muito bem aos **pobres** (2 DS 3).
- ... e que... quereis fazer o bem e caridade aos **pobres** e às pessoas necessitadas (2 DS 19).
- ... e são muitos os **pobres** e grande a despesa que aqui se faz (2 DS 20).
- Jesus Cristo vos pague no Céu a esmola que destes a Angulo para aquelas **pobres**... (2 DS 23).
- ... se tiverem alguma coisita de ouro ou prata para oferecer aos **pobres** (2 DS 26).
- ... com a vossa bendita esmola e caridade, para sustentar e vestir os **pobres** desta casa de Deus (3 DS 3).

- ... o qual (Angulo) vos recomendo, pois fica muito **pobre**, ele e a sua mulher (3 DS 7).

PRÓXIMO

- ... ao ver padecer tantos pobres, meus irmãos e **próximos**... fico muito triste por não os poder socorrer (2 GL 8).
- ... não deixeis de rogar a Jesus Cristo por mim... e me dê humildade, paciência e caridade para com os meus **próximos** (2 GL 11).
- ... sejamos caridosos, primeiro com as nossas almas e depois com o **próximo** (1 DS 13).
- ... não fazer mal nem causar dano ao **próximo**, antes querer para ele o que desejaríamos que nos fizessem a nós (2 DS 15).
- ... ter caridade, primeiro com as nossas almas,... depois com os nossos **próximos** e irmãos, querendo para eles o que queremos para nós (3 DS 9).

PRUDÊNCIA

- Ainda que por agora me pareça bastante jovem, praza a N.S. Jesus Cristo que na **prudência** seja homem maduro (1 GL 8).
- A **prudência** mostra-nos quão discreta e sabiamente devemos proceder... tomando conselho com os mais velhos e que mais sabem (3 DS 11).

RENDAS/RENDIMENTOS

- ... para tudo isto não há **rendimentos**, mas Jesus Cristo a tudo provê (2 GL 6).
- ... e é pequena a **renda** para a ir cobrar cada ano (2 GL 16).
- ... e a tudo se provê sem **rendimentos** (2 DS 20).

ROSÁRIO

- Devo dizer-vos que me tenho dado muito bem com o **Rosário** e que espero em Deus rezá-lo quantas vezes puder e Deus quiser (LB 17).

SALVAÇÃO

- Nada mais tenho a dizer-vos, a não ser que Deus vos **salve** (LB 17).
- ... que Deus me queira perdoar a mim e a todos queira **salvar** (LB 19).
- ... o qual deseja a **salvação** de todos como a sua própria (1 GL 12) [Estas palavras servem de remate em quase todas as cartas].

- ... peço antes a Nosso Senhor que nos dê a **salvação** da alma (2 GL 18).
- ... que confiais sempre n'Ele (Jesus Cristo) e que por Ele a todos que-reis, para que se **salvem** (1 DS 10).
- ... desejar que todos se **salvem** (2 DS 15).
- Nosso Senhor Jesus Cristo vos **salve** e guarde (2 DS 26).
- ... se Ele for servido, me dê a saúde que sabe ser-me necessária para me **salvar** (3 DS 4).
- Deus, que vos fez e vos criou, vos conceda a graça de vos **salvardes** (3 DS 6).
- ... há uma cruz... que deve levar todo aquele que deseja **salvar-se** (3 DS 12).
- ... em qualquer estado pode cada um **salvar-se**, se quiser (3 DS 12).

SANGUE (PRECIOSO)

- ... para que sempre tenhais em vossa memória o Precioso **Sangue** que N.S. Jesus Cristo derramou por todo o género humano (3 DS 8).

SERVO (ESCRAVO)

- ... escravo de Nosso Senhor Jesus Cristo... embora não seja tão bom **escravo** como outros (LB 19).
- ... recomendai-me à muito nobre, virtuosa e generosa serva de N.S. Jesus Cristo, vossa mulher... Guterres Lasso, **servo** de N.S. Jesus Cristo (1 GL 5).
- ... ao vosso filho, o Arcediago... que é o mais humilde **servo** dos **ser-vos** de N.S. Jesus Cristo (1 GL 6).
- Esta carta seja entregue ao muito nobre... Guterres Lasso, **servo** de Nosso Senhor Jesus Cristo, desejoso de O **servir** (2 GL 1).

SOCORRO

- ... fico muito triste por não os poder **socorrer** (2 GL 8).
- ... para que me mandem algum **socorro** que me ajude a sair de em-baraços (1 DS 14).
- **Socorri-os** com o que pude, pois ia com pressa (1 DS 15).
- ... pois fico a aguardar que ele (Angulo) chegue com algum **socorro** (2 DS 17).
- Por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo, que não venha sem algum **socorro** (2 DS 22).

- ... pelo muito que vos devo e vos estou obrigado, por sempre me terdes ajudado e **socorrido**... (3 DS 3).
- Por Jesus Cristo sereis consolados e **socorridos**, pois por Jesus Cristo me ajudastes e **socorrestes** (3 DS 6).

SUSTENTO

- ... pois tenho mais de cento e cinquenta pessoas a **sustentar** (1 GL 2).
- ... são tantos os pobres... que eu próprio fico muitas vezes assustado sobre como se hão-de poder **sustentar** (2 GL 3).
- ... aí cumpris as obras de misericórdia, **dando de comer**... a todos os que vivem nessa casa (1 DS 12).
- ... a qual (Nossa Senhora)... tecia e bordava todo o dia para o seu **sustento** (2 DS 18).
- ... e vos estou obrigado, por sempre me terdes ajudado e socorrido... para **sustentar** e vestir os pobres desta casa de Deus e de outras muitas de fora (3 DS 3).
- Em três coisas, boa Duquesa, haveis de empregar o tempo de cada dia: na oração, no trabalho e no **sustento** do corpo... No **sustento** do corpo... para que... tenhamos forças para servir a Jesus Cristo (3 DS 14).

TEMPERANÇA

- A **temperança** ensina-nos a tomar com moderação e sobriedade o comer, o beber, o vestir, etc. (3 DS 11).

TRABALHO

- ... se vierdes para aqui, haveis de... **trabalhar** muito mais do que tendes **trabalhado**... (LB 11).
- Se para cá vierdes, não há-de ser senão para **trabalhar**... (LB 13).
- ... tenho tido aqui tanto **trabalho** que não tenho vago sequer o espaço de um Credo (1 GL 4).
- Quanto ao vosso filho... que me parece ser o morgado... N.S. Jesus Cristo o guie nas suas ocupações, **trabalhos** e atividades (1 GL 8).
- ... quis dar-vos conta dos meus **trabalhos** porque sei que vos comardei deles (2 GL 10).
- Reparai em toda a sua vida: o que foi senão **trabalhos**, para nos dar o exemplo? (1 DS 10).
- ... tanto **trabalho** tendes para governar essa casa (1 DS 12).

- ... haveis de saber que me encontro em grandes **trabalhos** (1 DS 14).
- ... no dia em que tenho de pagar aos que **trabalham**, ficam alguns pobres sem comer (1 DS 16).
- ... para vos dar conta de todos os meus **trabalhos**, necessidades e angústias (2 DS 2).
- Este **trabalho** estender-se-á, daqui por diante, por todo o Inverno (2 DS 2).
- ... quis dar-vos conta dos meus **trabalhos**... porque sei que vos compadeceis de mim (2 DS 6).
- Pois, se algumas vezes nos dá **trabalhos** e aflições, é para nosso proveito e para merecermos mais (2 DS 8).
- ... a **trabalhar** e a bordar de noite e de dia... depois do **trabalho**, devemos dar graças a N.S. Jesus Cristo (2 DS 18).
- Assim, pois, continuai sempre a **trabalhar** ou a ocupar-vos em obras de misericórdia (2 DS 19).
- Em três coisas, boa Duquesa, haveis de empregar o tempo de cada dia: na oração, no **trabalho** e no sustento do corpo... No **trabalho**, exercendo uma atividade física, ocupando-nos em algum serviço honesto... a exemplo de Jesus Cristo que trabalhou até à morte (3 DS 14).

VIGILÂNCIA

- ... e vos haveis de guardar muito das mulheres como do diabo (LB 12).
- Todos os dias da vossa vida tende Deus diante dos olhos (LB 15).
- Nosso Senhor Jesus Cristo não permita que façais coisa alguma que Lhe não seja agradável (1 GL 12).
- Boa Duquesa, andai sempre vigilante, com o pé no estribo (1 DS 7).
- O demónio está sempre a armar-nos laços e a estender-nos redes, para neles tropeçarmos e cairmos (2 DS 12).
- ... rogo-vos que tenhais na memória três coisas que são estas: a hora da morte..., as penas do Inferno e a Bem-Aventurança do Paraíso (3 DS 15).

VIRTUDES

- ... três são as virtudes que nos encaminham para o Céu:... Fé... Cari-dade... Esperança.
- ... são quatro as virtudes que acompanham as três de que falámos antes: a Prudência, a Justiça, a Temperança e a Fortaleza (3 DS 9 e 11).

Regra de Santo Agostinho

A presente tradução portuguesa foi feita pelo Prof. Moreira de Andrade, diretamente do texto latino do livro REGULA ET CONSTITUTIONES ORDINIS FRATRUM S. AUGUSTINI, Roma 1978, amavelmente facultado pelos Religiosos Agostinhos.

Trata-se do texto elaborado segundo a edição crítica do P. Lucas Verheijen, O. S. A., (La Régule de Saint Augustin, Études Augustiniennes, Paris 1967, págs. 417-437. Conservam-se apenas dois incisos que não pertencem a essa edição crítica, mas que fazem parte do texto comumente aceite: o n.º 1, Antes de tudo..., e o último período do n.º 32, E se alguém...

Acrescentam-se ainda os títulos dos capítulos e a numeração progressiva dos parágrafos, para facilitar a leitura e posteriores citações.

Por motivo de adaptação, traduziram-se as palavras Monasterium por Vida religiosa e Presbyter por Superior maior.

INTRODUÇÃO

1. Antes de tudo, caríssimos irmãos, amemos a Deus, e em seguida também ao próximo, pois são estes os mandamentos que nos foram dados como mais importantes.
2. São estas as normas que vos mandamos observar, a vós que abraçastes a vida religiosa.

CAPÍTULO I

FIM E FUNDAMENTO DA VIDA COMUM

3. A razão principal por que vos reunistes em comunidade é para viverdes unânimes em família, com um só coração e uma só alma¹ voltados para Deus.
4. Ninguém chame sua a coisa alguma, mas tudo seja comum entre vós. O Superior distribua a cada um de vós os alimentos e o vestuário², não a todos por igual, pois não tendes todos a mesma saúde, mas a cada um segundo a sua necessidade. É isso, com efeito, que podeis ler nos *Atos dos Apóstolos*: que tudo era comum entre eles e que se dava a cada um segundo a sua necessidade³.
5. Aqueles que no século possuíam alguma coisa, ponham-na de boa vontade em comum, depois de entrarem na vida religiosa.
6. Os que, porém, nada tinham, não procurem na vida religiosa aquilo que não puderam alcançar fora dela. Atenda-se, contudo, às necessidades da sua indigência, mesmo que no mundo a sua pobreza não lhes permitisse obter sequer o indispensável. Mas não façam consistir a sua felicidade em terem encontrado ali melhor alimentação e vestuário do que poderiam conseguir lá fora.

¹ Cfr. Act 4, 32 ² Cfr. 1Tim 6, 8 ³ Cfr. Act 4, 35

7. E não se envaideçam por viverem na companhia daqueles de quem no século não ousavam aproximar-se; elevem antes o seu coração e não procurem as vaidades da terra, não suceda que a vida religiosa comece a ser proveitosa para os ricos e não para os pobres, se dá aos primeiros ocasião de se humilharem e aos segundos de se exaltarem.
8. Por outro lado, os que no século eram tidos em alguma consideração não menosprezem os seus irmãos que vieram da pobreza para esta santa família. Esforcem-se, porém, por se gloriar mais da comunhão de vida com os irmãos pobres do que da dignidade dos parentes ricos. Não se ensoberbeçam de terem trazido parte dos seus bens para a comunidade, nem se vangloriem mais das suas riquezas, por as terem repartido com os religiosos, do que se gozassem delas no século. Com efeito, qualquer outro pecado leva a praticar más ações, enquanto que a soberba se insinua até nas boas obras para as destruir. E que aproveita desfazer-se das riquezas, dando-as aos pobres, e fazer-se pobre, se a desventurada alma se torna mais soberba desprezando as riquezas do que quando as possuía?
9. Vivei, pois, todos em harmonia e concórdia, e respeitai a Deus uns nos outros, pois vos tornastes seus templos⁴.

CAPÍTULO II

ORAÇÃO

10. Sede perseverantes na oração, às horas e nos tempos estabelecidos⁵.
11. Ninguém faça no oratório senão aquilo para que o destinaram e de onde recebeu o nome; de modo que, se alguns, além das horas estabelecidas e estando disponíveis quiserem fazer oração, não sejam impedidos por quem resolvesse fazer ali outra coisa.

4 Cf. 2Cor 6, 16 5 Cf. Rom 10, 12; col 4, 2

12. Quando louvais a Deus com salmos e hinos, procurai sentir no coração aquilo que proferis com a boca.
13. Não canteis senão o que está indicado por escrito para ser cantado; o que não estiver escrito para se cantar, não o canteis.

CAPÍTULO III

FRUGALIDADE E MORTIFICAÇÃO

14. Refreai o vosso corpo com jejuns e abstinência no comer e no beber, na medida em que a saúde o permitir. Mas se algum não puder jejuar, nem por isso coma alguma coisa fora da hora da refeição, a não ser que esteja doente.
15. Quando estiverdes à mesa, e até vos levantardes, escutai, sem ruído nem discussões, o que vos é lido, segundo o costume; não seja só a boca a receber a comida, mas também os ouvidos a saciar-se com a palavra de Deus⁶.
16. Se alguns mais franzinos, devido à sua antiga condição, forem tratados de maneira diferente quanto à alimentação, não devem sentir-se ofendidos nem considerar isso uma injustiça aqueles cuja condição de vida os fez mais robustos. Nem os considerem mais felizes por comerem o que eles não comem, antes se alegruem por terem a saúde que aqueles não têm.
17. E se aos que vieram para a vida religiosa duma condição de vida mais delicada se conceder, quanto à alimentação, roupas, cama e cobertores, alguma coisa que se não dá aos mais robustos, e por isso mais afortunados, devem estes lembrar-se de quanto eles tiveram de descer desde o seu nível de vida no mundo até ao desta actual, embora não tenham conseguido chegar à frugalidade dos fisicamente mais fortes. Nem devem querer todos o que

6 Cf. Am 8, 11

vêm alguns poucos receber a mais, não por questão de honra mas por condescendência, não vá surgir o detestável absurdo de, na vida religiosa os ricos se tornarem quanto possível mortificados e os pobres se fazerem delicados.

- 18.** Também, assim como os doentes precisam de comer pouco para não piorarem, assim, após a doença, devem ser tratados de modo a se restabelecerem rapidamente, mesmo que tenham vindo da mais humilde pobreza do mundo, como se a recente doença lhes outorgasse o que aos ricos permitia a sua passada condição. Mas, logo que recuperarem as forças anteriores, retomem a sua vida normal, certamente mais feliz, tanto mais adequada aos servos de Deus, quanto menos exigente. Mas, depois de restabelecidos, não pretendam conservar as comodidades a que os levara a necessidade quando doentes. Considerem-se mais ricos aqueles que mais forças tiverem para suportar a frugalidade, pois é melhor precisar de pouco do que ter muito.

CAPÍTULO IV

GUARDA DA CASTIDADE E CORREÇÃO FRATERNA

- 19.** Não chame a atenção o vosso aspecto exterior, nem queirais agradar pelo modo de vestir mas pela vossa compostura.
- 20.** Quando sairdes de casa, ide juntos e juntos permanecei quando chegados ao vosso destino.
- 21.** No vosso modo de andar ou estando parados, e em todos os vossos movimentos, nada façais que possa ofender os olhos de alguém, mas o que for conforme com o vosso estado de consagrados.
- 22.** Se os vossos olhos depararem com mulheres, não os fixeis em nenhuma. É certo que, quando saís, não vos é proibido ver mulheres, mas é falta grave desejá-las ou querer ser desejado por

elas⁷. Não é só pelo tato e pela afeição, mas também pela vista que nasce o desejo das mulheres. E não digais ter o coração puro, se são impuros os vossos olhos, pois um olhar desonesto é indício dum coração impuro. E quando, mesmo sem falar, os corações transmitem um ao outro, com a troca de olhares, mensagens impuras e se deleitam com ardor mútuo em desejos carnais, desaparece dos costumes a própria castidade, ainda que os corpos se conservem intatos da violação impura.

- 23.** E aquele que fixa os olhos numa mulher e deseja ser fixado por ela também não pense que ninguém o vê quando faz isso; é visto, sem dúvida, e por quem não imagina que o possa ver. Mas, supondo que esteja escondido e que nenhuma pessoa o veja, o que fará d 'Aquele que observa do alto e a quem nada pode ser oculto⁸? Poderá porventura julgar-se que não vê, porque vê com tanta paciência como sabedoria? Tema, pois, o homem consagrado desagradar-lhe, para não desejar agradar pecaminosamente a uma mulher. Lembre-se que Ele vê tudo, para não olhar uma mulher com malícia. A este respeito é-nos recomendado o temor de Deus quando lemos: o Senhor abomina o que fixa o olhar.
- 24.** Quando, pois, estiverdes reunidos na igreja, ou onde quer que também estejam mulheres, guardai mutuamente a vossa castidade, e Deus que habita em vós⁹ vos guardará deste modo com a vossa colaboração.
- 25.** E se notardes em algum de vós essa imprudência dos olhos de que venho a falar, preveni-o imediatamente, para que o mal começado não vá mais longe mas seja logo remediado.
- 26.** e, porém, depois do aviso, o voltardes a ver repetir o mesmo, nesse ou em outro dia qualquer, seja denunciado por quem o observou, como um ferido a necessitar curativo. Antes disso, porém, seja o facto comunicado a mais um ou dois, para que, pelo testemunho de dois ou três, possa ser convencido e castigado com a severidade que o caso exige¹⁰. E não vos pareça que sois maus por fazerdes tal revelação. Pois com certeza não sois melhores

7 Cfr. Mt 5, 28 8 Cfr. Prov 24, 12. 18; Mt 6, 6. 18 9 Cfr. 1Cor 3, 16; 2Cor 6, 16 10 Cfr. Mt 18, 15-17

se, calando-vos, permitis que os vossos irmãos se percam, quando, pela vossa revelação, os poderíeis salvar. Com efeito, se um irmão teu tivesse no corpo uma chaga, que quisesse ocultar por medo do curativo, não serias cruel se guardasses segredo e misericordioso se o revelasses? Não deverás com muito mais razão descobrir aquele, para que se não corrompa mais funestamente o seu coração?

- 27.** Mas, antes de o descobrir a outros para, no caso de ele negar, poder ser convencido com o seu testemunho, deves revelar o caso ao Superior, se ele não se tiver emendado com o vosso aviso, pois pode acontecer que, repreendido mais em segredo, não chegue ao conhecimento dos outros. Se, porém, se mantiver na negativa, devem então chamar-se outros à sua presença, para que possa ser, não acusado por uma única testemunha, mas convencido por duas ou três¹¹. Depois de convencido, deve sujeitar-se ao castigo reparador, aplicado segundo o arbítrio do Superior local ou do Superior maior a cuja jurisdição pertencer. Se recusar aceitá-lo, ainda que não queira retirar-se espontaneamente, deve ser expulso da vossa companhia. E não se faz isto por crueldade, antes por misericórdia, para que o seu pernicioso contágio não venha a perder muitos outros.
- 28.** E o que disse sobre fixar os olhos, deve ser observado, com diligência e fidelidade, sobre descobrir, proibir, denunciar, convencer e castigar todas as outras faltas, por amor às pessoas e ódio aos vícios.
- 29.** Todo aquele, porém, que tiver ido tão longe no mal, que chegue a receber clandestinamente cartas ou quaisquer pequenos presentes de alguma mulher, se o confessar espontaneamente, seja perdoado e reze-se a Deus por ele; mas se for surpreendido e convencido, deverá ser corrigido com severidade, segundo o arbítrio do Superior maior ou do Superior local.

¹¹ Cfr. 1Tim 5, 20

CAPÍTULO V

ARTIGOS DE USO CORRENTE E SUA GUARDA

- 30.** As vossas roupas devem estar guardadas em comum, ao cuidado de um ou dois encarregados, ou de quantos forem necessários para as sacudir, a fim de não serem destruídas pela traça; e assim como recebeis os alimentos de uma só despensa, assim vos deveis vestir de uma única rouparia. Se puder ser, não dependa de vós determinar a roupa a usar de acordo com as condições do tempo, se a mesma que lá deixastes ou outra que pertencera a outro, desde que não seja recusado a cada um o que lhe é necessário¹². Se, porém, surgissem entre vós contendas e murmurações¹³, queixando-se algum de ter recebido roupa em pior estado do que a usada antes e ter vergonha de vestir a que fora usada por outro seu irmão, daqui podeis aferir quanto vos falta naquele santo hábito interior do coração, pois discutis sobre a indumentária do corpo. Se, entretanto, se atender à vossa fraqueza, de modo a vos ser dada a que lá deixáreis, entregai nesse mesmo lugar único, sob a guarda dos encarregados comuns, a que trazíeis até aí.
- 31.** Deste modo, ninguém faça nada para si, mas todos os vossos trabalhos revertam para o bem comum, com maior cuidado e diligência do que se cada um os fizesse para si mesmo; pois a caridade, da qual está escrito que não procura o seu próprio interesse¹⁴, é entendida no sentido de que antepõe o comum ao próprio e não o próprio ao comum. Por isso, quanto mais cuidado tiverdes com as coisas comuns do que com as próprias, tanto melhor podeis reconhecer o vosso adiantamento espiritual; de modo que, em tudo o que respeita às necessidades do dia a dia, tenha primazia a caridade, que permanece para sempre¹⁵.
- 32.** Daqui se conclui que, se alguém levar aos seus filhos ou a alguém das suas relações, que se encontram em necessidade na vida religiosa, alguma coisa, como por exemplo roupa ou outra coisa

12 Cfr. Act 4, 35 13 Cfr. 1Cor 1, 11; 3, 3 14 Cfr. 1Cor 13, 5 15 Cfr. 1Cor 13, 8, 13

considerada necessária, não a devem receber às escondidas, mas deve ser entregue ao Superior, para ser posta em comum e dada a quem dela tiver necessidade. E se alguém ocultar alguma coisa que lhe fora oferecida, seja castigado como se a tivesse roubado.

- 33.** A vossa roupa será lavada de acordo com as disposições do Superior, por vós mesmos ou por lavadores, para que o excessivo desejo da roupa lavada não ocasione manchas na alma.
- 34.** De modo nenhum se recusem os banhos corporais quando exigidos pela doença, mas proceda-se sem murmurações e de acordo com o médico; deste modo, o doente, mesmo que não queira, fará tudo o que o Superior mandar para bem da saúde. Mas se pedir o que não for aconselhável, não se lhe faça a vontade, pois às vezes julga-se útil aquilo que agrada, quando de facto é prejudicial.
- 35.** Finalmente, se houver um padecimento físico não visível, acredite-se plenamente no servo de Deus quando diz que se sente mal; mas se há dúvidas sobre o tratamento que ele deseja, consulte-se o médico.
- 36.** Aos banhos, ou aonde for necessário, nunca vão menos de dois ou três. E aquele que tiver necessidade de ir a algum lado deverá levar por companheiros não quem ele quiser, mas quem o Superior mandar.
- 37.** O cuidado dos doentes, dos convalescentes, dos que sofrem de qualquer fraqueza, mesmo sem febre, esteja confiado a um só encarregado, para que ele mesmo peça na despensa o que entender necessário a cada um.
- 38.** Tanto o encarregado da despensa como o da rouparia e o da biblioteca sirvam os seus irmãos sem murmuração.
- 39.** Os livros devem pedir-se todos os dias à hora estabelecida; quem os pedir a outra hora não seja atendido.
- 40.** Quanto à roupa e calçado, porém, os encarregados satisfarão sem demora quem deles tiver necessidade e os for pedir.

CAPÍTULO VI

PERDÃO DAS OFENSAS

41. Não haja altercações entre vós¹⁶, ou se as houver, ponde-lhes termo o mais depressa possível, para que a ira não se converta em ódio, faça da palha uma trave¹⁷ e torne a alma homicida. Pois está escrito: *Todo aquele que odeia a seu irmão é homicida*¹⁸.
42. Todo aquele que ofendeu a outro com insultos, imprecações¹⁹ ou ainda atirando-lhe à cara alguma falta grave, procure remediar quanto antes o mal que fez, com a conveniente satisfação; por seu lado, o ofendido perdoe sem relutância. Se, porém, a ofensa foi mútua, devem mutuamente perdoar-se, de acordo com as vos-sas orações²⁰, as quais, quanto mais frequentemente repetidas, mais sinceras se deverão tornar. Entretanto, é melhor aquele que, embora se deixe arrebatar com frequência pela ira, se apressa a pedir perdão a quem reconhece ter ofendido, que aquele que, exaltando-se mais raramente, com mais dificuldade se dobra a pedir desculpa. Aquele, porém, que jamais quer pedir perdão, ou não o faz do coração²¹, não tem razão para ficar na vida religiosa, mesmo que o não despeçam. Por isso, abstende-vos de palavras ríspidas; e se algumas vezes vos saírem da boca, não hesiteis em tirar o remédio dessa mesma boca que abriu as feridas.
43. Quando, porém, a necessidade da disciplina vos levar (a vós Superiores) a proferir palavras ásperas para corrigir os súbditos, ainda que reconheçais ter excedido as medidas, não estais obrigados a pedir-lhes desculpa, para não haver o perigo de se quebrar a autoridade de governar, usando de excessiva humildade perante aqueles que vos devem estar submissos. O que deveis é pedir perdão ao Senhor de todos, o qual conhece com quanto afec-to amais até aqueles a quem repreendeis talvez com demasiada severidade. O amor entre vós, porém, não deve ser carnal mas espiritual.

16 Cfr. Ecli 28, 10; 2Tim 2, 24 17 Cfr. Mt 7, 3 18 1Jo 3, 15 19 Cfr. Ecli 29, 9 20 Cfr. Mt 6, 12 21 Cfr. Mt 18, 35

CAPÍTULO VII

GOVERNO E OBEDIÊNCIA

- 44.** Obedeça-se ao Superior²² como a um pai, com o devido respeito, para que se não ofenda a Deus na sua pessoa²³; muito mais ainda ao Superior maior, que tem o cuidado de todos vós.
- 45.** Compete especialmente ao Superior local o cuidado de que sejam observadas todas estas prescrições e, se houver alguma transgredão, não a deixe passar por negligência, antes a procure emendar e corrigir. Em casos que ultrapassem as suas atribuições ou sejam superiores às suas forças, submeta-os ao Superior maior, que é quem goza de maior autoridade entre vós.
- 46.** Aquele que preside entre vós não se considere feliz em dominar pelo poder, mas em servir por amor²⁴. Na vossa presença, ocupe com honra o primeiro lugar; na presença de Deus com temor, mantenha-se prostrado aos vossos pés²⁵. Ofereça-se a todos como exemplo de boas obras²⁶; repreenda os indisciplinados, anime os pusilânimes, ampare os fracos e seja paciente para com todos²⁷. Mantenha com delicadeza a disciplina e imponha o respeito por ela. E, embora uma e outra coisa sejam necessárias, procure ser por vós mais amado que temido lembrando-se sempre que de todos vós terá de dar contas a Deus²⁸.
- 47.** Por isso, obedecendo em tudo ao Superior, sereis compassivos não só para convosco, mas também para com ele²⁹. Pois, quanto mais alto é o lugar que ocupa entre vós, em tanto maior perigo se encontra.

²² Cfr. Heb 13, 17 ²³ Cfr. Lc 10, 16 ²⁴ Cfr. Lc 22, 25-26; Gál 5, 13 ²⁵ Cfr. Ecli 3, 20-21 ²⁶ Cfr. Tím 4, 12; Tit 2, 7 ²⁷ Cfr. 1Tes 5, 14 ²⁸ Cfr. Heb 13, 17 ²⁹ Cfr. Ecli 30, 24

CAPÍTULO VIII

OBSERVÂNCIA DA REGRA

48. Permita o Senhor que observeis tudo isto com amor, como enamorados da beleza espiritual³⁰, exalando o bom odor de Cristo³¹ pela vossa santa convivência, não como escravos sob o peso da lei, mas como homens livres estabelecidos sob a influência da graça³².
49. E para que vos possais ver neste livrinho como num espelho e não deixeis de observar alguma coisa por esquecimento³³, seja-vos lido uma vez por semana. E se virdes que cumpris tudo o que nele está escrito, dai graças ao Senhor, concessionário de todos os bens. Aquele de vós, porém, que reconhece estar a faltar em alguma coisa, arrependa-se do passado, previna-se para o futuro e peça a Deus que lhe perdoe as suas ofensas e não o deixe cair em tentação³⁴.

30 Cfr. Ecli 44, 6 31 Cfr. 2Cor 2, 15 32 Cfr. Rom 6, 14 33 Cfr. Tgo 1, 23-25 34 Cfr. Mt 6, 12-13

ÍNDICE ANALÍTICO DA REGRA DE SANTO AGOSTINHO

ABSTINÊNCIA

- Refreai o vosso corpo com jejuns e **abstinência** (14).

ALMA

- ... para viverdes unâimes em família, com um só coração e uma só **alma** (3).
- ... para que o excessivo desejo da roupa lavada não ocasione manchas na **alma** (33).
- ... para que a íra não se converta em ódio... e torne a **alma** homicida (41).

AMAR, AMOR

- Antes de tudo... **amemos** a Deus, e em seguida também o próximo (1).
- ... castigar todas as outras faltas, por **amor** às pessoas e ódio aos vícios (28).
- ...o qual conhece com quanto afecto **amais** até aqueles a quem repreendeis (43).
- O **amor** entre vós, porém, não deve ser carnal mas espiritual (43).
- ... não se considere feliz em dominar pelo poder, mas em servir por **amor** (46).
- ... procure ser por vós mais **amado** que temido (46).
- Permita o Senhor que observeis tudo isto com **amor** (48).

BANHOS

- De modo nenhum se recusem os **banhos** corporais quando exigidos pela doença (44).
- Aos **banhos**, ou aonde for necessário, nunca vão menos de dois ou três (36).

CANTAR

- Não **canteis** senão o que está indicado por escrito para ser **cantado**; o que não estiver escrito para se **cantar**, não o **canteis** (13).

CARIDADE

- ... pois a **caridade**... não procura o seu próprio interesse (31). ... em tudo... tenha primazia a **caridade** (31).

COMUM

- ... mas tudo seja **comum** entre vós (4).
- ... que tudo era **comum** entre eles (4).
- Aqueles que no século possuíam alguma coisa, ponham-na de boa vontade em **comum** (5).
- As vossas roupas devem estar guardadas em **comum** (30).
- ... entregai esse mesmo lugar único, sob a guarda dos encarregados **comuns**, a que trazeis até aí (30).
- ... todos os vossos trabalhos revertam para o bem **comum** (31).
- ... a caridade... antepõe o comum ao próprio e não o próprio ao **comum** (31).
- ... quanto mais cuidado tiverdes com as coisas **comuns**... tanto melhor podeis reconhecer o vosso adiantamento espiritual (31).
- ... deve ser entregue ao Superior, para ser posta em **comum** (32).

COMUNHÃO DE VIDA

- Esforcem-se, porém, por se gloriar mais da **comunhão de vida** com os irmãos pobres do que da dignidade dos parentes ricos (8).

CONTAS A DEUS

- ... de todos vós terá de dar **contas a Deus** (46).

CORAÇÃO

- ... para viverdes unâimes em família, com um só **coração** e uma só alma (3).
- elevem antes o seu **coração** e não procurem as vaidades da terra (7).
- ... procurai sentir no **coração** aquilo que proferis com a boca (12).
- E não digais ter o coração puro, se são impuros os vossos olhos, pois um olhar desonesto é indício dum **coração** impuro (22).
- ... os **corações** transmitem um ao outro, com a troca de olhares, mensagens impuras (22).
- ... para que se não corrompa mais funestamente o seu **coração** (26).

- ... daqui podeis aferir quando vos falta naquele santo hábito interior do **coração** (30).
- Aquele, porém, que jamais quer pedir perdão, ou não o faz do **coração**, não tem razão para ficar na vida religiosa (42).

DOENÇA, DOENTES

- ... nem por isso coma alguma coisa fora da hora da refeição, a não se que esteja **doente** (14).
- ... os **doentes** precisam de comer pouco para não piorarem, assim, após a **doença**, devem ser tratados de modo a se restabelecerem rapidamente... como se a recente **doença** lhes outorgasse o que aos ricos a sua passada condição (18).
- ... não pretendam conservar as comodidades a que os levava a necessidade quando **doentes** (18)
- De modo nenhum se recusem os banhos corporais quando exigidos pela **doença** (34).
- ... deste modo, o **doente**... fará tudo o que o Superior mandar para bem da saúde (34).
- O cuidado dos **doentes**... esteja confiado a um só encarregado (33).

HARMONIA, CONCÓRDIA

- Vivei, pois, todos em **harmonia** e **concórdia** (9).

HUMILDADE

- ... não suceda que a vida religiosa comece a ser proveitosa para os ricos e não para os pobres, se dá aos primeiros ocasião de se **humilharem** e aos segundos de se exaltarem (7).
- ... mesmo que tenham vindo da mais **humilde** pobreza do mundo (18).
- ... para não haver o perigo de se quebrar a autoridade de governar, usando de excessiva **humildade** (43).

JEUAR, JEJUM

- Refreai o vosso corpo com **jejuns** e abstinência (14).
- Mas se algum não puder **jejuar**, nem por isso coma alguma coisa fora da hora da refeição (14).

LEITURA

- ... escutai, sem ruído nem discussões, o que vos é **lido** (15).
- ... seja-vos **lido** uma vez por semana (49).

NECESSIDADE

- O Superior distribua a cada um... segundo a sua **necessidade** (4).
- ... e que se dava a cada um segundo a sua **necessidade** (4).
- Atenda-se, contudo, às **necessidades** da sua indigência (6).
- ... não pretendam con-servar as comodidades a que os levara a **necessidade** quando doentes (18).
- ... desde que não seja recusado a cada um o que lhe é necessário (30).
- ... em tudo o que respeita às **necessidades** do dia a dia, tenha primazia a caridade (31).
- ... para ser posta em comum e dada a quem dela tiver **necessidade** (32).
- E aquele que tiver **necessidade** de ir a algum lado deverá levar por companheiros... quem o Superior mandar (36).
- ... peça na despensa o que entender **necessário** para cada um (37).
- Quanto a roupa e calçado... satisfarão sem demora quem deles tiver **necessidade** (40).
- Quando, porém, a **necessidade** da disciplina vos levar (...) a proferir palavras ásperas (43).

OBEDIÊNCIA

- **Obedeça-se** ao Superior como a um pai (44).
- Por isso, **obedecendo** em tudo ao Superior, sereis compassivos não só para convosco, mas também para com ele (47).

OBSERVÂNCIA

- São estas as normas que vos mandamos **observar** (2).
- Compete especialmente ao Superior local o cuidado de que sejam **observadas** todas estas prescrições (45).
- Permita o Senhor que **observeis** tudo isto com amor (48).
- ... e não deixeis de **observar** alguma coisa por esquecimento (49).

OFENSA

- Todo aquele que **ofendeu** a outro... procure remediar quanto antes... por seu lado, o **ofendido** perdoe sem relutância. Se, porém, a **ofensa** foi mútua, devem mutuamente perdoar-se (42).
- ... é melhor aquele que... se apressa a pedir perdão a quem reconhece ter **ofendido** (42).

OLHAR, OLHOS, VER, VISTA

- nada façais que possa ofender os **olhos** de alguém (21).
- Se os vossos **olhos** depararem com mulheres, não os fixeis em nenhuma. É certo que, quando saís, não vos é proibido **ver** mulheres, mas é falta grave desejá-las (22).
- ... mas também pela **vista** que nasce o desejo das mulheres (22).
- E não digais ter o coração puro, se são impuros os vossos **olhos**, pois um **olhar** desonesto é indício dum coração impuro (22).
- E quando... os corações transmitem com troca de **olhares**, mensagens impuras... (22).
- E aquele que fixa os **olhos** numa mulher... também não pense que ninguém o **vê**...; é **visto** sem dúvida, e por quem não imagina que o possa **ver**. Mas supondo que nenhuma pessoa o **veja**... (23).
- Poderá, porventura, julgar-se que não **vê**, porque **vê** com tanta paciência como sabedoria (23)?
- Lembre-se que Ele **vê** tudo, para não **olhar** uma mulher com malícia (23). O Senhor abomina o que fixa o **olhar** (23).
- E se notardes em algum de vós essa impudicácia dos **olhos**... preveni-o imediatamente (25).
- E o que disse sobre fixar os **olhos**, deve ser observado, ... sobre descobrir... todas as outras faltas (28).
- E para que vos possais **ver** neste livrinho como num espelho (49).

ORAÇÃO

- Sede perseverantes na **oração** (10).
- ... se alguns... quiserem fazer **oração**, não sejam impedidos (11).
- Quando **louvais** a Deus com salmos e hinos (12).
- ... seja perdoado e **reze-se** a Deus por ele (29).
- ... devem mutuamente perdoar-se, de acordo com as vossas **orações** (42).

ORATÓRIO

- Ninguém faça no **oratório** senão aquilo para que o destinaram (11).

PERDÃO, DESCULPA

- ... se confessar espontaneamente, seja **perdoado** (20).
- por seu lado, o ofendido **perdoe** sem relutância (42).
- Se, porém, a ofensa foi mútua, devem mutuamente **perdoar-se** (42).
- ... é melhor aquele que... se apressa a pedir **perdão**... do que aquele que... com mais dificuldade se dobra a pedir **desculpa** (42).
- Aquele, porém, que jamais quer pedir **perdão**... não tem razão para ficar na vida religiosa (42).
- O que deveis é pedir **perdão** ao Senhor de todos (43).
- ... e peça a Deus que lhe **perdoe** as suas ofensas (49).

POBRES, POBREZA

- ... mesmo que no mundo a sua **pobreza** não lhes permitisse obter sequer o indispensável (6).
- ... não suceda que a vida religiosa comece a ser proveitosa para os ricos e não para os **pobres** (7).
- ... não menosprezem os seus irmãos que vieram da **pobreza** (8).
- Esforcem-se, porém, por se gloriar mais da comunhão de vida com os irmãos **pobres** (8).
- E que aproveita des-fazer-se das riquezas, dando-as aos **pobres**, e fazer-se **pobre**... (8).
- ... não vá surgir o detestável absurdo de, na vida religiosa... e os **pobres** se fazerem delicados (17).
- ... mesmo que tenham vindo da mais humilde **pobreza** do mundo (18).

PUREZA, CASTIDADE

- E não digais ter um coração **puro**, se são **impuros** os vossos olhos (22).
- E quando... os corações transmitem... mensagens **impuras**... desaparece dos costumes a própria **castidade** (22).
- ... guardai mutuamente a vossa **castidade** (24).

REFEIÇÃO

- ... nem por isso coma alguma coisa fora da hora da **refeição** (14).

RICOS, RIQUEZAS

- ... não suceda que a vida religiosa comece a ser proveitosa para os **ricos** e não para os pobres (7). ...Esforcem-se, porém, por se gloriar mais... do que da dignidade dos parentes **ricos** (8).
- ... nem se vangloriem mais das suas **riquezas** (8).
- E que aproveita desfazer-se das **riquezas**... se a desventurada alma se torna mais soberba desprezando as **riquezas** do que quando as possuía (8)?
- ... não vá surgir o detestável absurdo de, na vida religiosa, os **ricos** se tornarem quanto possível mortificados e os pobres se fazerem delicados (17).
- Considerem-se mais **ricos** aqueles que mais forças tiverem para suportar a frugalidade (18).

ROUPA, ROUPARIA

- ... nem queirais agradar pelo modo de **vestir** mas pela vossa com-postura (19).
- As vossas **roupas** devem estar guardadas em comum (30).
- ... assim vos deveis vestir de uma única **rouparia**. (30).
- ... não dependa de vós determinar a **roupa** a usar (30).
- ... queixando-se algum de ter recebido **roupa** em pior estado (30).
- ... se alguém levar aos seus filhos... **roupa** ou outra coisa considerada necessária... deve ser entregue ao Superior (32).
- Quanto à **roupa** e **calçado**, porém, os encarregados satisfarão sem demora quem deles tiver necessidade (40).

SOBERBA, ORGULHO, VAIDADE

- E não se **envaideçam** por viverem na companhia daqueles de quem no século não ousavam aproximar-se (7).
- ... e não procurem as **vaidades** da terra (7).
- Não se **ensoberbeçam** de terem trazido parte dos seus bens para a comunidade, nem se **vangloriem** mais das suas riquezas (8).
- ... enquanto que a **soberba** se insinua até nas boas obras para as destruir (8).
- ... se a desventurada alma se torna mais **soberba** (8).

FICHA TÉCNICA

TÍTULO
CONSTITUIÇÕES
Cartas de S. João de Deus
Regra de Santo Agostinho

1^a EDIÇÃO
2025

ISBN
978-989-36462-0-5

DEPÓSITO LEGAL
552368/25

Autor
Cúria Geral da Ordem Hospitaleira
de S. João de Deus

DESIGN E PAGINAÇÃO
A Cor Laranja, Projetos Gráficos

IMPRESSÃO E ACABAMENTOS
A Cor Laranja, Projetos Gráficos

EDIÇÃO



EDITORIAL HOSPITALIDADE

Editorial Hospitalidade - Província Portuguesa
da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus
Rua S. Tomás de Aquino, 20 • 1600-871 Lisboa
www.isjd.pt

TIRAGEM
100 exemplares

IMPRESSO EM PAPEL AMIGO DO AMBIENTE.
CAPA Satimat Green 300 grs MIOLÓ Cocoon Preprint 90 grs.

Constituições

Cartas de S. João de Deus
Regra de Santo Agostinho